

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MESTRADO EM PSICOLOGIA

SUZANA DUARTE SANTOS MALLARD

ESTRANGEIRIDADE E VULNERABILIDADE PSÍQUICA

Algumas contribuições psicanalíticas

Dissertação a ser apresentada no Programa de Pós Graduação Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Maria
Virgínia Filomena Cremasco

CURITIBA
2013

SUZANA DUARTE SANTOS MALLARD

ESTRANGEIRIDADE E VULNERABILIDADE PSÍQUICA

Algumas contribuições psicanalíticas

Dissertação a ser apresentada no Programa de Pós Graduação Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Comissão Examinadora

Dra. Maria Virgínia Filomena Cremasco

Dr. Jean-Claude Métraux

Dr. Mauricio José d'Escragnolle Cardoso

13 de Março de 2013

Curitiba, PR

“O estrangeiro sempre faz mal àquele que recusa a interrogação”.

(ENRIQUEZ1988, p. 40).¹

¹ *O Estrangeiro*, Caterina Koltai (org), São Paulo, Editora Escuta, 1998.

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos, por um lado, um tempo longo em que muita coisa se passou. Aulas, trabalho, consultório, formação, família, uma estrada finalmente percorrida quando o caminho parecia longo. Um tempo curto, por outro lado, em que não foi possível dar conta de tudo o que havia sido definido. Foi necessário escolher, cortar e finalizar este projeto que significou também para mim poder elaborar etapas dessa experiência que a seu tempo pude viver. Por isso quero agradecer a minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria Virginia Cremasco, que acreditou desde o início em mim e neste trabalho, e não mediu esforços para me ajudar, orientar e defender a realização deste projeto. Agradeço ainda ao Prof. Dr. Jean Claude Métraux, e ao Prof. Dr. Maurício Descragnolle por aceitaram prontamente compor a banca de avaliação contribuindo com críticas, sugestões e elogios desde a qualificação. Dedico um agradecimento especial à Prof^a Dr^a Claire Lazaretti, suplente da banca que se dispôs, desde os primeiros contatos, a intervir caso fosse necessário. Gostaria de fazer um agradecimento ainda mais especial à minha família, meu marido Romain e meus filhos, Maia e Matis, que tiveram de alguma forma de fazer esse caminho comigo, pois foi deles que subtraí tempo e tirei forças para finalizar o projeto. À minha mãe por participar da mulher que me tornei. A meu pai por me ensinar a andar sozinha. À minha querida irmã Samira pela sua compreensão e companheirismo. Aos meus queridos amigos e meus colegas de percurso acadêmico, Roberta e Jean agradeço a escuta e os conselhos. À tia Gabi agradeço as horas em que ficou cuidando das crias para que eu pudesse escrever. À tia Aline pelo tempo que dedicou à mim e aos pequenos. Ao tio Pedro pela sua amizade, confiança e incentivo. A Gabriela Diniz e Mariana Duarte que durante nossos encontros do grupo sobre estrangeiridade me ajudaram a pensar e refletir sobre a questão. A Bruno, que sempre entendeu e justificou minhas ausências no escritório em função do mestrado. Todos à sua maneira fizeram parte desta realização, apoiando minhas escolhas. Obrigada!

RESUMO

As constantes migrações que colocam os indivíduos diante de confrontos implícitos à pluralidade humana têm efeitos imprevisíveis muitas vezes associados ao sofrimento psíquico. O objetivo deste trabalho é discutir as possíveis contribuições psicanalíticas para a compreensão da condição de estrangeiridade. Para tal, entrevistamos um grupo de estudantes vinculados a programas internacionais de formação superior imersos nessa condição e realizamos atendimentos clínicos com aqueles que solicitaram. Por intermédio da análise das unidades de significado das entrevistas e dos atendimentos clínicos revelou-se que na estrangeiridade o sujeito experimenta um conflito que é próprio de sua constituição: o desamparo diante de tudo que não lhe é familiar. Os sujeitos referiram-se a certas condições e vivências de estrangeiridade que podem dificultar a aceitação e identificação do estrangeiro com a nova cultura: os motivos da escolha do Brasil, a chegada, a integração, o convênio, relacionamentos afetivos e sexuais, a percepção dos brasileiros e as dificuldades encontradas. Referimo-nos a uma vulnerabilidade da esfera psíquica que pode revelar seu potencial desestruturante a partir dessas vivências.

Palavras-chave: Psicologia Clínica. Estrangeiridade. Intercâmbio. Psicanálise. Sofrimento psíquico.

SUMMARY

The constant migration that put individuals against a confrontation implicit in human plurality and have unpredictable effects often associated with psychological distress. The aim of this paper is to discuss the possible psychoanalytic contributions to understanding the condition of strangeness. To achieve this goal, we interviewed a group of students linked to international programs of higher education immersed in this condition and realize a clinical care to those whom request. It turned out that in strangeness the subject experiences a conflict that own to his constitution: the helplessness in front of everything that are not familiar. The subjects referred to certain conditions and experiences of foreignness that can hinder the acceptance and identification with the new culture abroad: the reasons for the choice of Brazil, the arrival, integration, partnership, affective and sexual relationships, the perception of Brazilians, the difficulties. We refer to a vulnerability of the psychic sphere that can reveal the potential destructuring from these experiences.

Keywords: Clinical psychology. Foreignness. Cultural exchanges. Psychoanalysis. Psychic Suffering.

SUMÁRIO

EPÍGRAFE	3
AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
SUMÁRIO	6
1. INTRODUÇÃO	7
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO	19
2.1 A pesquisa qualitativa e seus desafios.....	19
2.2 O método.....	22
2.3 Análises dos atendimentos psicológicos	23
2.4 Análises das entrevistas em grupo.....	25
2.5 Descrições das unidades	27
3. OS PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO	30
3.1 Contextualização histórica.....	30
3.2 Modalidades	34
4. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E A IDENTIFICAÇÃO	35
4.1 A identificação	35
4.2 O equivalente de sujeito em Lacan	43
4.3 O valor da língua	50
4.4 A vulnerabilidade psíquica, luto e melancolia	56
4.5 O grupo e o valor da identificação	68
4.6 O valor do reconhecimento	80
5. O PARADIGMA DA ESTRANGEIRIDADE	84
5.1 A sociedade de acolhimento	84
5.2 Estrangeiridade e intolerância	87
5.3 O estrangeiro	91
6. RELATO DE UM CASO NUNCA INICIADO	98
7. OS SUJEITOS E AS UNIDADES DE SIGNIFICADO	100
7.1 Os sujeitos.....	100
7.2 Unidades de significado	101
8. COMPREENSÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO	114
9. POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE	118
10. DISCUSSÃO	137
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
12. ANEXOS - Termos e declarações	148

1. INTRODUÇÃO

O foco desta pesquisa é identificar quais contribuições a perspectiva psicanalítica pode trazer para a compreensão da condição de estrangeiridade. Vinculada ao mestrado da UFPR, a pesquisa pôde ser iniciada; e através da escuta de estudantes vinculados a programas de convênio de ensino superior, foi possível ter acesso e registrar relatos dessa experiência. A partir das falas dos estudantes estrangeiros registradas na pesquisa foi possível identificar um sofrimento no discurso de parte dos sujeitos participantes. Tais estudantes tinham em comum o fato de serem todos estrangeiros e de estarem residindo em um país diferente do seu de origem, no caso, o Brasil, sendo todos vinculados a programas de formação superior. Os estudantes escolhidos, cujos países de origem também têm a língua portuguesa como língua oficial, foram selecionados como grupo foco das entrevistas reduzindo o campo de observação do fenômeno.

A partir das contribuições da psicanálise foi possível estabelecer uma diferença entre ser estrangeiro e estar numa condição de estrangeiridade. A condição de estrangeiridade diz respeito àqueles sujeitos cuja condição veio a produzir algum tipo de sofrimento psíquico. No entanto, a estrangeiridade é entendida aqui como uma condição implícita da constituição humana experimentada por todo sujeito em momentos específicos ao longo de sua vida. O enunciado freudiano: “*o ego não é senhor em sua própria casa*” (FREUD, 1917, p.184), ilustra com pertinência a ideia que norteia esta investigação e o sentido que atribuímos ao conceito de estrangeiridade e que acolhemos neste trabalho.

A maneira como pessoas reagem diante dessa condição de estrangeiridade denuncia uma crença implícita: a de que o sujeito se acomoda diante do que lhe é familiar. Nessa condição, a pessoa está certa de ter o controle sobre seu próprio corpo, suas reações e mundo que habita, e é essa certeza que a condição de estrangeiridade abala e nega.

Os estudantes que tomaram parte na pesquisa enfrentaram uma série de dificuldades pelo fato de serem estrangeiros. Algumas dessas eram de ordem prática, outras como efeito agravante dessa condição. Diante do vivido as reações variam de acordo com a história do sujeito. Se quando em seu país

de origem, um sujeito é crente em seu consciente e capaz de agir com domínio e autonomia quando se trata de decisões que toma a respeito do que vive, ao se encontrar em uma condição de estrangeiridade tudo isso passa a ser razão de dúvida. A inconsistência das certezas e a consciência de não ter mais garantias a respeito delas deixa o sujeito potencialmente vulnerável e denuncia o fato de que ele se encontra em uma condição de estrangeiridade – consideramos aqui a vulnerabilidade uma prerrogativa experimentada pelo sujeito nessa condição.

As contribuições freudianas propiciaram e justificaram o entendimento e o uso do conceito de vulnerabilidade psíquica como subsídio para a compreensão da condição humana a partir das concepções filogenéticas e ontogenéticas em sua obra “*Neuroses de Transferência: uma síntese*” (FREUD, 1914), sobre os organismos em constante tensão. A vulnerabilidade a que nos referimos é aquela que leva determinadas pessoas a experimentar certo desamparo diante do que não é reconhecido para ele como familiar. Seu olhar não mais distingue o que tem diante de seus olhos e, além disso, não consegue imaginar o lugar que ocupa frente ao olhar do outro. Essa dinâmica parece ter diversos efeitos. As constantes migrações que colocam os indivíduos diante de confrontos implícitos à pluralidade humana têm efeitos imprevisíveis e é preciso pensar, inventar e acolher de forma singular, na condição de *outro absoluto*, como afirma Derrida (2003, p.53).

As migrações às quais nos referimos podem ter diferentes formatos, sendo que um deles é o intercâmbio acadêmico. Essa experiência é entendida neste trabalho, como uma migração *a priori* temporária em que um indivíduo se propõe a fazer uma formação acadêmica em outro país. Os intercâmbios, por seu caráter temporário, preveem que o estudante regresse a seu país ao término do período de estudos. Essas vivências sempre aconteceram, porém, a organização formal tem intensificado e facilitado a adesão dos estudantes intercambistas vinculados a diversas instituições de ensino do país.

O Brasil mantém inúmeras cooperações para programas de intercâmbio com outros países e o que é garantido a esses jovens é uma vaga de estudo para sua formação. Os estudantes em intercâmbio oriundos de países de língua portuguesa no meio universitário em Curitiba procuram a vivência dessa experiência no Brasil principalmente com o intuito de ampliar sua formação

profissional. Com o crescente número de estudantes estrangeiros circulando pelas salas de aula locais, as diferenças e as fricções começam a ter maior visibilidade. Embora o número de estudantes que aderem aos programas de intercâmbio seja cada vez maior, o Brasil ainda não tem produzido uma literatura representativa sobre o tema, ainda mais escrita por uma imigrante, autora deste trabalho.

Certamente é de minha experiência como estudante estrangeira vinculada ao programa de ensino superior que nasce a proximidade com o fenômeno, e é dessa falta que provém a escuta e a convicção de que tal condição demanda ser repensada e reconhecida em certos cenários. Tal reconhecimento poderia conferir à estrangeiridade um lugar no qual as diferenças são aceitas e a igualdade não é utilizada para ignorar as necessidades específicas do sujeito.

A carência bibliográfica nacional sobre o tema aqui abordado limitou um possível desdobramento deste tema diante da leitura de outros autores do panorama local e fez-se necessário um investimento na leitura de produções da Europa e América do Norte. Poucos autores nacionais interessaram-se particularmente pela problemática do intercâmbio, sem darem uma particular ênfase da psicodinâmica do vivido na experiência. Citaremos as contribuições de duas autoras brasileiras, vinculadas à academia e ao ensino. No texto “Intercâmbio Cultural” a psicóloga Andrea Sebben (2000) traz uma contribuição sobre o tema com um recorte singular, detendo-se apenas aos números desse fenômeno. Por esse motivo seu texto foi utilizado aqui apenas para trabalhar a caracterização, descrição e histórico do intercâmbio.

Já entre as mais relevantes contribuições para nossa proposta temos a investigação de Caterina Koltai (1998). Em “Política e Psicanálise”, Koltai (1988) explora a partir de conceitos psicanalíticos a condição de ‘estrangeiro’ enquanto conceito-limite entre psicanálise e política, entre duas disciplinas, dois campos teóricos: a psicanálise e as ciências humanas. Além de ser um trabalho de cunho psicanalítico, o texto também leva em conta contribuições e interpretações da psicologia social a respeito do sujeito. Assim, a figura do estrangeiro é percebida como aquele que se encontra na fronteira do sujeito singular com o social.

Para elaborar o tema da estrangeiridade no contexto local, foi necessário lançar mão de diversos autores que descreveram o conceito em diferentes cenários e a partir de seu próprio contexto cultural. Com relação à produção científica europeia contamos com algumas pesquisas de autores que lá residem.

Em “Dinâmica do aberto e problemática do estrangeiro”, o francês Okba Natahi (2007) discute a experiência do estrangeiro que migra. Nessa experiência o imigrante parece questionar-se com frequência a respeito de suas próprias ficções simbólicas a partir do confronto entre o familiar e o estranho. As ficções simbólicas são consideradas elementos que garantem o estabelecimento do vínculo do sujeito com sua comunidade de origem. No entanto, o que é vivido pelo estrangeiro como o sintoma de uma forclusão² é entendido aqui como produção da atualidade na qual vigora a ideia de uma comunidade compacta.

René Kaës (1998), também de origem francesa, cuja experiência junto a emigrantes foi registrada em inúmeros artigos e livros, trata desse assunto em “*Différence Culturelle et souffrance de l’identité*”³, apontando para a possibilidade de uma correlação entre sofrimento identitário e diferença cultural. Poderíamos assim inferir que um sofrimento pode emergir do confronto entre identidade e diferença. Esse sofrimento, advindo de um estado descrito como ‘limite’, encontra sua consistência teórica no campo da psicanálise no conflito entre o imaginário e sua projeção de laço com o outro, isto é, entre o ego ideal e o narcisismo⁴. O sofrimento do ‘estado limite’ em que a estrangeiridade coloca o sujeito é, antes de tudo, uma patologia do ego pelo próprio papel que ele desempenha. Uma instância que detém um ideal que é confrontado a todo o tempo com um real. O sofrimento que diz respeito ao ego ideal está com frequência em primeiro plano no discurso daqueles que se encontram no estado limite, na condição de estrangeiridade. Mesmo não se manifestando, os conflitos do superego também continuam presentes. Essa

² Conceito forjado por Jacques Lacan para designar um mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. Quando essa rejeição se produz, o significante é forcluído, não é integrado ao inconsciente como no recalque e retorna sob a forma alucinatória no real do sujeito. No Brasil também se usa "forclusão", "repúdio", "rejeição" e "preclusão". Elisabeth Roudinesco - Dicionário de Psicanálise (1998)

³ Diferença cultural e sofrimento da identidade. – Tradução minha.

⁴ Conceitos a serem desenvolvidos em seguida.

contradição ou condição clínica e teórica sinaliza de certa maneira um mal estar característico da condição de estrangeiridade, uma subjetividade em contínua tensão entre ideal de ego e o ego ideal. Um conflito interno que denuncia a introjeção de um esquema de relações na qual por um lado aparece o ego falho e por outro o superinvestimento no ego que resulta numa certa hemorragia narcísica, como descreve Kaës (1998). Segundo ele, o interesse pelas diferenças culturais é, na realidade, marcado por dois aspectos fundamentais: o movimento migratório mundial e as relações econômicas. A conquista e transformação que todo o confronto cultural convoca é sentido como ameaçador, pois nas migrações a língua de transmissão materna deixa de operar temporária ou definitivamente.

Na escolha de um grupo de pesquisa específico de estudantes oriundos de países de língua portuguesa pudemos registrar também o sofrimento da língua, pois a língua portuguesa falada em diferentes países não é a mesma língua. A esse respeito sabemos que a cultura tem o papel de introduzir o sujeito na ordem e organização de sua língua, isto é, subordinando-o a um sistema de significações no qual suas palavras ganham sentido e lhe atribuem um lugar numa genealogia, filiação social, cultural e posição sexuada.

O conceito de cultura é entendido aqui como aquilo que nos é transmitido, que é incorporado e introjetado desde o laço primário, com seu sistema de representações e relações identificatórias. A cultura, por intermédio de sua linguagem, garante a introdução do sujeito em seu sistema simbólico. O fato de compartilhar da 'mesma' língua, o que poderia ser um facilitador da experiência, trata-se, no entanto, de um fato que leva as autoridades responsáveis a se eximir de quaisquer questionamentos ou responsabilidades diante de uma dificuldade que o aluno possa vir a enfrentar em sua condição de estrangeiridade. Ou seja, impera uma lógica que generaliza ao invés de reconhecer as particularidades de cada experiência e seus efeitos no sujeito.

Com frequência presenciamos na mídia relatos de todas as partes do mundo denunciando um ambiente de intolerância perante aqueles que vêm de fora. Tais queixas também aparecem nos discursos informais de estudantes que integram programas de intercâmbio. No entanto, não existem registros oficiais dessas queixas que justifiquem qualquer tipo de intervenção ou medida. Para que essa experiência de intercâmbio e da estrangeiridade que ela

introduz possa traduzir-se na possibilidade do advir de uma familiaridade ou superação, é necessário poder registrar aspectos desse contexto bem como sua complexidade. Assim sendo, é possível compreender melhor a partir da escuta das implicações advindas desse lugar, a dinâmica da estrangeiridade, seus efeitos e superação, quando isso é desejado, sem incorrer na ingenuidade de atribuir toda a responsabilidade do fracasso da experiência exclusivamente a uma das partes. Lugar esse que, na diferença cultural, confronta o sujeito com uma situação totalmente desconhecida e que pode ser vivida como ameaçadora.

Falar de estrangeiridade é uma tarefa que não se resume a debater a respeito da condição vivida por aqueles estrangeiros que, de alguma forma, experimentaram um sofrimento na experiência da migração. É necessário pensar também na comunidade que os 'acolhe'. No entanto, fizemos uma escolha, pois se trata sempre de uma escolha, e neste caso foi a de escrever a respeito daquilo que para o migrante, o estrangeiro em condição de estrangeiridade, emerge enquanto questão de identificação.

Na condição de estrangeiridade, a identificação com o outro perde sua consistência, uma falta que parece ameaçar o próprio ideal de ego. Pretende-se através deste fazer o registro das particularidades do sujeito em sua cena à luz das contribuições psicanalíticas

É fato que, claramente, minha experiência está na fonte de minhas interrogações, portanto é preciso falar de minha subjetividade de pesquisadora tocada pela experiência da estrangeiridade vivida em diferentes tempos de minha trajetória de vida. Enquanto migrante a construção de um trabalho que questione e traga uma contribuição sobre aspectos intrapsíquicos da experiência é sem dúvida um desafio. Se pensarmos no tema da estrangeiridade a partir do olhar de um estrangeiro certamente temos de reconhecer que estão presentes neste trabalho elaborações sutis dessa problemática desenvolvidas não apenas a partir de textos teóricos, mas também da experiência da própria autora.

É com o intuito de permitir ao leitor a possibilidade de melhor separar neste texto tão denso aquilo que é da autora, daquilo que é da pesquisa e daquilo que pertence as contribuições bibliográficas aqui utilizadas, que relato em grandes linhas minha trajetória. "A experiência como estudante vinculada

ao programa de intercâmbio da UFPR motivou a escolha de experimentar a autoria de um trabalho que contribua para a compreensão da realidade subjetiva daqueles que se encontram na mesma condição”. O acúmulo de relatos adquiridos ao longo da experiência enquanto pesquisadora foi muito produtivo, entretanto, enquanto estudante e membro dos grupos de estrangeiros pude testemunhar os efeitos dessa condição do ponto de vista do que aqui se faz meu objeto de estudo, sem a distância ‘ideal’ que um trabalho acadêmico exige, poder-se-ia indagar. Foram cinco anos vinculada à graduação em Psicologia na UFPR. Chegando ao Brasil desconhecia o contexto local, pois as únicas informações que possuía eram aquelas poucas de que tinha notícia como os cartões postais do país: carnaval e samba. Tampouco sabia que o clima do sul era frio. No primeiro ano acadêmico meu português fazia com que facilmente fosse detectado meu não pertencimento ao país, contradizendo minhas características físicas que facilitavam minha inclusão no imaginário do outro como semelhante. Tive de aprender rapidamente a escrever em português, já que nunca tivera a necessidade nem a oportunidade de aprender essa gramática por ter crescido em um país onde não se falava português. Minha fala e minha produção surtiam comentários e questionamentos e, por vezes, silêncios duvidosos. Ao cabo do primeiro ano estava conseguindo diluir aos poucos meu sotaque e minha produção já se aproximava à dos colegas. Quando retornei às aulas após as férias, praticamente ninguém conseguia distinguir em minha fala vestígios de que eu fosse uma estrangeira. O curioso é que até mesmo quem sabia que eu não era brasileira, esquecia-se com frequência desse fato. Atribuo à responsabilidade da rapidez com a qual me apropriei do português brasileiro ao fato de não ter adquirido o que eu chamo de vício da língua. Durante minha migração na Itália minha mãe sempre continuou a falar português comigo e com minha irmã. Embora respondêssemos sempre em italiano. Acredito que, pelo fato de não ter falado muito a língua e nem tê-la estudado, meu conhecimento superficial me permitiu uma flexibilidade maior diante do aprendizado do português brasileiro. Concluí minha formação no tempo estabelecido chegando a cursar até 13 matérias por semestre sem por isso deixar de lado o convívio social junto a patrícios e brasileiros. Segui os estudos na mesma universidade com uma inquietação: percebia que meus colegas de intercâmbio tinham inúmeras

dificuldades que deviam superar sozinhos, até formalizar minha questão a respeito do tema. Foram essas experiências que alimentaram algumas correlações feitas ao longo do trabalho e reforçaram a importância de se falar mais sobre a condição do estrangeiro de língua materna portuguesa. Não restringindo a interpretação do fenômeno a partir da experiência particular, mas também a partir de autores reconhecidos, foi possível fazer uma correlação entre a estrangeiridade em relação a si mesmo, na medida em que existem conteúdos que foram reprimidos e negados, partes do inconsciente do sujeito, e a estrangeiridade ligada à origem cultural e a experiência de migração. A problemática da estrangeiridade se desdobra nessa perspectiva a partir das pequenas diferenças que fazem de todo o sujeito um ser único.

Entende-se que ocupar – diante do olhar do outro – um lugar ou outro, resulta em diferentes implicações subjetivas. É necessário poder falar desse sujeito que migra e a singularidade da maneira original pela qual cada um experimenta a condição de estrangeiridade e seus desdobramentos a partir do que pode ser dito a esse respeito. Perante os estudantes estrangeiros vindos de países de língua portuguesa parece haver certa relutância em lhes ser reconhecida a diferença que sua cultura carrega pelo fato de serem falantes da ‘mesma’ língua. No entanto, não sendo essa língua verdadeiramente a mesma, ela deixa então de operar sua função original e predominante, a que exerce no país natal e dessa condição surgem efeitos.

Fala-se muito em países irmãos⁵ reforçando argumentos que parecem negar as diferenças próprias a toda cultura e que poderiam demandar intervenções. Compreende-se que, de alguma forma, existe nessa condição de ser estrangeiro, porém não sendo considerado como tal, a possibilidade de se ocupar um lugar diante do outro. E esse lugar a ser ocupado é muito singular. No entanto não é em todas as situações que se pode falar de estrangeiridade.

⁵ Os países dos PALOP, integram Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe partilham uma forte identidade linguística e cultural, um sistema de governo semelhante (incluindo os sistemas semelhantes de administração pública, justiça, gestão das finanças públicas, mercados de trabalho e serviços sociais interligados) e uma longa tradição de contatos e intercâmbios entre si. Os programas desenvolvidos baseiam-se na longa tradição de intercâmbios entre os países Africanos que partilham o Português como língua oficial. http://eeas.europa.eu/delegations/mozambique/eu_mozambique/tech_financial_cooperation/PALOP_prog/index_pt.htm

Para se falar de um sujeito que esteja ocupando tal lugar, existe algo a mais que é exposto, uma vulnerabilidade⁶.

A condição da estrangeiridade é compreendida enquanto vinculada a uma vulnerabilidade que não necessariamente é vivida por todo estrangeiro. A interpretação dos relatos, ao longo da pesquisa, enquanto ressignificação da realidade vivida permitiu traçar um percurso no qual o discurso da estrangeiridade aparece facilmente entre o migrante e aquele que o acolhe, pois ambos estão permeáveis a esse estado.

A escolha da abordagem psicanalítica possibilitou falar a respeito de um sujeito e de sua singularidade resgatando em nossa proposta a importância de estudar a estrangeiridade e seus desdobramentos no caso específico desse grupo, a maneira como cada um experimenta essa condição e o que pode ser dito a esse respeito também. Tal fenômeno é bastante complexo, pois não se trata aqui de generalizar, mas sim de reconhecer em cada história a possibilidade de uma contribuição para a compreensão da estrangeiridade e seus efeitos.

Hoje em dia parece comum querer ou mesmo precisar migrar. Ao longo das migrações a experiência da estrangeiridade nem sempre é vivida, de maneira que o sujeito possa extrair uma possibilidade de ressignificar o lugar que passa a ocupar. Na medida em que ele experimenta a privação de suas referências e é obrigado a adotar novas, um sofrimento pode aparecer, denunciando uma experiência que pode ser vivida como perda. Mas uma experiência cujo intuito formal é o de permitir um confronto entre culturas que resulte em enriquecimento mútuo pode não se limitar apenas a seus efeitos positivos.

Os primeiros intercâmbios que aconteceram a partir de 1940, depois da I Guerra Mundial, tinham o objetivo de estabelecer uma proximidade entre aqueles que viviam em regiões de conflito com moradores de outros lugares que não haviam estado em situação de guerra. Após a experiência nessas regiões, alguns grupos quiseram proporcionar a outros essa experiência, que julgavam válida e enriquecedora para o sujeito e sua cultura. Na medida em

⁶ A expressão 'vulnerabilidade' na língua portuguesa refere-se à "qualidade ou estado do que é ou se encontra vulnerável". Etimologicamente, 'vulnerável' vem do latim *vulnus-neris*, que significa 'ferida'. http://www.csem.org.br/pdfs/vulnerabilidades_dos_migrantes.pdf

que o valor dessa experiência foi resgatado, a ideia dos intercâmbios começou a ser cada vez mais divulgada particularmente como uma oportunidade para propiciar uma aproximação cultural. A emergência e visibilidade dos empasses que esse tipo de programa possibilita são próprias de um confronto cultural que guarda ainda muitos enigmas cuja revelação pode contribuir em muito para a própria construção da noção de cultura e do sujeito que a integra.

Minha experiência no âmbito dos confrontos culturais se iniciou muito cedo, desde minha chegada à cidade de Praia, na ilha de Santiago, capital de Cabo Verde, na África. Nascida dois anos pós-independência dessa região, e criada em um ambiente de pós-colonialismo, o local em que cresci era por si só o cenário de um confronto cultural, mas que me possibilitou a vivência de uma grande gama de produções culturais em diferentes áreas como as letras, artes plásticas e música. Portugal ocupa o lugar do país colonizador, cujas marcas apontam para uma história, e Cabo Verde, ex-colônia portuguesa cuja história aponta para as marcas que haviam sido impressas em sua cultura. O confronto cultural no processo de colonização ocorre em razão da tentativa de imposição de uma cultura em relação à outra e de apagamento da história local.

Quanto a mim –filha de militantes partidários de uma nação livre do jugo do domínio de um povo sobre o outro, cuja soberania seria garantida pela força de sua união – no processo de transmissão cultural, recebi como herança uma cultura impregnada de sentimentos de luta contra aquela tentativa de apagamento. Em uma experiência como essa, ocorre a todo o momento um encontro entre o estranho e a estranheza. Em minha história, esse encontro segue uma métrica imprecisa, com linhas únicas, pela determinação de inúmeras variáveis que nem sempre são perceptíveis. E, na história de cada um o encontro acontece definindo momentos em que o sujeito pode se encontrar com maior ou menor dificuldade de superar o confronto. Nesse contexto, tive de sobreviver psicologicamente, resistindo e respondendo em certa medida ao enigma do encontro com o estranho e a estranheza do outro em si. Ressaltando que falamos aqui de uma história do sujeito que é transmitida pelo grupo, a indiscutibilidade da relevância do grupo nos levou a estudar também os processos grupais a partir das contribuições do Pichon-Rivière para entender o contexto da produção, reprodução e manutenção da estrangeiridade; particularmente no caso de estudantes dos programas de

intercâmbio superior oriundos de países de língua portuguesa. Pichon-Rivière (1988) afirma que, diante da experiência das fronteiras e das culturas – é o caso de muitos – existe um tipo de dor nas identificações e um prazer em tratá-las.

No estudo da psicologia e no encontro com a psicanálise freudiana deu-se a possibilidade de trabalhar aquilo que na experiência do confronto cultural, das diferenças, aquilo que a partir de algum saber de ordem empírica pôde ser confrontado a um saber teórico.

Para escrever a respeito da estrangeiridade, minha experiência enquanto migrante propiciou um olhar que ora esteve mobilizado no lugar de estrangeiro, ora naquele que “acolhe”, apontando para um mecanismo em constante tensão. Fui estrangeira, num primeiro momento, e pude escutar estrangeiros: um olhar que diz da possibilidade da constituição da subjetividade do estrangeiro na relação com o olhar daquele que “acolhe” numa influência mútua. Nesse mecanismo entre ser olhado e olhar se dá a possibilidade de identificarmos momentos em que os participantes estiveram ocupando o lugar de estrangeiridade cujas implicações demandam ser faladas e reconhecidas.

Após ter passado a primeira infância em Cabo Verde tive uma rápida passagem de seis meses por Portugal. Encontrei um país que havia perdido seus direitos sobre as antigas colônias e passara por uma ruptura democrática recente, com a deposição do regime ditatorial em 25 de abril de 1974. A sociedade portuguesa deu lugar a contextos que possibilitaram o aparecimento de uma pluralidade cultural. Criadores culturais dividiam o cenário, mas não a cena, com outros atores culturais, economia, saúde etc. Nesse país finalizei o segundo ano do ensino fundamental chegando no dia 21 de abril de 1986 a Roma, na véspera de meus oito anos. Os anos oitenta foram anos de modernização econômica e social na qual a sociedade abandonou rapidamente o *modus operandi* de décadas anteriores. A economia italiana assumia formatos mais próximos aos atuais, nesse contexto, afirmavam-se novos sujeitos econômicos que centralizavam a relação com o território, desde pequenas empresas até redes industriais. Pode-se afirmar que se tratava de uma sociedade cujo espírito priorizava a busca da liberdade individual e o fim das ideologias políticas e a realização pessoal através de ganhos profissionais.

Os acontecimentos do panorama europeu tinham nessa época, a despeito dos anos anteriores, uma verdadeira repercussão para a opinião pública. As fronteiras pareciam adquirir nova consistência que permitia que os cidadãos italianos falassem de temas como o programa econômico da Perestróika do partido polonês Solidarność que ganhava visibilidade em suas manifestações; na Argentina, das primeiras eleições democráticas depois da ditadura militar. A inclusão desses cenários no texto se deu devido a relevância que possam ter diante da construção de um olhar sensível às diferenças culturais e sujeito em diferentes momentos a migrações, cujos efeitos dizem de uma vivência minha de olhar e ser vista enquanto estrangeira, como também de poder olhar para essa condição e dela fazer uma articulação com a teoria psicanalítica.

A construção dos cenários e dos efeitos daquilo que de fato chegou até mim de todas essas exposições pôde ser feita apenas *a posteriori*, pois nem a idade nem a inclusão na cena possibilitavam o distanciamento necessário a uma interpretação.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

2.1 A pesquisa qualitativa e seus desafios.

Discutir os desafios da pesquisa qualitativa é importante para a academia e para os pesquisadores que se propõem a adotá-la em um processo acadêmico para evitar que se incorra em uma postura ingênua, simplista e superficial. O método qualitativo é bastante recente se comparado ao método quantitativo das ciências ditas modernas. Somente um século de reflexões, produções, estudos antropológicos, culturais e psicanalíticos amparam o método qualitativo.

Para o estudo das ciências do homem o paradigma positivista perde sua força em uma lógica que não mais generaliza leis e sim as particulariza. Com esse novo intuito, a tentativa de buscar o sentido que os fenômenos adquirem para cada um demanda que o pesquisador faça parte do que ele busca compreender. Isso quer dizer que ele empresta seu olhar para que outros possam ver, ao menos em parte, o mesmo que ele pôde. Com essa afirmação pretende-se dizer que os sujeitos podem compartilhar de todo o olhar de um dado objeto de estudo. Para que uma pesquisa qualitativa possa atingir seus objetivos científicos é fundamental que, na leitura da pesquisa, o leitor possa entender as razões que levaram o pesquisador a fazer certas conclusões a respeito de seu objeto de estudo. O que não significa de maneira alguma que, em outro momento ou contexto, o mesmo objeto não possa ser visto de maneira diferente daquela que foi observada pelo pesquisador, pois, em se tratando do ser humano, mudanças são esperadas por serem inerentes à constituição de seu ser. Certamente esse aspecto não diminui a importância de uma pesquisa qualitativa, em detrimento de uma pesquisa quantitativa, pelo contrário, resgata uma discussão pertinente a respeito da neutralidade do pesquisador diante de seu objeto de estudo.

A neutralidade buscada com tanto rigor e que se afirma possível em uma pesquisa quantitativa deixa de ser relevante quando trata-se de dados coletados qualitativamente. No entanto, a necessidade de compartilhar o processo, as etapas e as escolhas metodológicas é fundamental, pois o leitor pode assim acompanhar o percurso do pesquisador e assim também suas

conclusões. A pesquisa que se propõe realizar pode ser chamada de exploratório-qualitativa, pois com ela visa-se dar ênfase à forma pela qual o sujeito atribui sentido às suas experiências enquanto intercambista. É através dos relatos da significação produzida por cada sujeito a respeito de sua própria experiência que existe a possibilidade de escutar e de registrar o que ele experimenta no universo da estraneidade. Tal metodologia diz respeito à mobilização de técnicas e procedimentos que auxiliam na interpretação dos sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos a fenômenos a partir de suas identificações e construções subjetivas.

Portanto, podemos dizer *a priori* que o pesquisador faz uma escolha multimetodológica ao escolher interpretar as relações a partir de uma pesquisa qualitativa. No entanto, reconhece-se aqui a desafiadora tarefa de tentar registrar, interpretar e reproduzir o que é de um campo subjetivo e, portanto, exclusivo do sujeito. Somente em parte algo que é transmitido por ele pode ser interpretado pelo pesquisador que inevitavelmente receberá esse pouco carregado de distorções advindas de sua própria história. O pesquisador coloca-se aqui como instrumento, e o fato de ele recorrer a seus conhecimentos e experiências pessoais no processo de interpretação e compreensão do fenômeno estudado representa uma condição que é preciso conhecer.

Conhecer os limites de sua interpretação a respeito do outro é fundamental para reconhecer a possível aparição de seus próprios conflitos intrapsíquicos que poderiam atuar enquanto complicadores. Diante de uma condição, fenômeno ou evento, o sujeito parece construir significados e sentidos. Os significados parecem ser passíveis de serem compartilhados e/ou transmitidos. Já o sentido, que pode adquirir para o sujeito certa condição ou evento, pertence a ele. Esse saber pode ser de ordem consciente ou inconsciente e pode ser observado ou não, mas é reconhecido unicamente na palavra do próprio sujeito.

Nesta pesquisa optou-se por questionar os sujeitos no ambiente onde se desenrolam as relações que dizem respeito a sua condição de estudantes na universidade. Essa escolha do ambiente 'natural' aparece aqui como tentativa de preservar as características do sujeito alvo diante do ambiente com o qual

ele se relaciona. Essa escolha é uma tentativa de observar o fenômeno próximo ao estado em que ele acontece enriquecendo o trabalho de campo.

Para o sucesso da pesquisa considerou-se interessante envolver a participação da Assessoria de Relações Internacionais da UFPR. Esse serviço guarda informações acadêmicas, um pouco desatualizadas, relativas à maioria desse público: dados administrativos, evolução acadêmica e dados para contato. A assessoria cumpriu também o papel de divulgar a pesquisa para os estudantes através de envio de e-mail solicitando confirmação de sua adesão.

O trabalho de campo aconteceu em três diferentes momentos. Primeiramente, as pesquisas bibliográficas permitiram trilhar um percurso que possibilitou a estruturação e consolidação das etapas da intervenção, registro dos relatos e interpretação desses. Na segunda etapa foi apresentado um questionário com quatro questões abertas que foram respondidas pelos estudantes em uma atividade em grupo, essas foram registradas pelo entrevistador com o auxílio de outros três pesquisadores. As perguntas priorizaram momentos diferentes da vida do estudante e foram elaboradas com o objetivo de explorar a construção da escolha da experiência do intercâmbio, como também com vistas a capturar as impressões e expectativas deles diante do vivido e as elaborações possíveis a respeito da experiência enquanto estrangeiro. Desses relatos buscou-se avaliar a existência de uma possível estrangeiridade. As quatro perguntas eixo, conduzidas ao longo da intervenção em grupo, eram todas abertas e permitia-se serem complementadas pela formulação de novas questões que mantivessem o mesmo foco. Na terceira etapa foram avaliados os dados coletados durante a pesquisa. A partir de uma organização dos relatos que permitiu a interpretação da resignificação dos sujeitos a respeito da realidade vivida foram tecidas as contribuições deste trabalho.

As conclusões elaboradas a partir do trabalho de campo não podem ser generalizadas a outros grupos, buscando apenas uma confluência do leitor a partir das perguntas, métodos e conclusões que contribuam para o reconhecimento da complexidade do fenômeno. Para a compreensão e elaboração dessa etapa, foi necessária uma investigação bibliográfica após intervenção de campo introduzindo autores da atualidade que discutem o tema da estrangeiridade nas migrações como também a questão da língua.

Discussões não são a garantia do sucesso de um trabalho, porém são instrumentos que possibilitam lidar com o que é próprio de todo o ser humano, sua subjetividade inescrutável.

2.2 Método

Este estudo foi o realizado em três etapas. Na primeira fez-se uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de subsidiar a intervenção junto ao grupo. Essa primeira pesquisa não se exauriu ou terminou até o fim do trabalho que inclui a análise dos dados e sua interpretação. Na segunda etapa o questionário com quatro questões abertas foi respondido pelos estudantes em grupo. Os resultados desse estudo contribuíram para a discussão e definição das conclusões elaboradas.

ETAPA 1 – Revisão bibliográfica apoiada em livros, revistas técnicas e artigos publicados em sites de pesquisa, em sua maioria de orientação psicanalítica; foram utilizadas também algumas contribuições da psicopatologia. Foram utilizados como filtro de pesquisa as seguintes palavras chave: estrangeiro, psicanálise, vulnerabilidade, sofrimento, migração, intercâmbio.

ETAPA 2 – Coleta de dados

Sujeitos: 8 Estudantes (5 homens e 3 mulheres) de intercâmbio oriundos de países de língua portuguesa e vinculados a instituições de ensino superior em Curitiba.

Média de idade: 21,5 anos (de 18 a 25 anos)

Tempo médio de intercâmbio: 26 meses (de 8 a 28 meses).

Procedimentos durante a coleta de dados:

- a) Contato por telefone com os voluntários e agendamentos para entrevistas;
- b) Explicação dos objetivos da pesquisa enfatizando o compromisso de sigilo.
- c) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

d) Roteiro das entrevistas permitindo o acompanhamento dos registros pelos respondentes.

e) Aplicação do seguinte questionário durante a atividade em grupo, um evento de extensão realizado com os intercambistas:

1) Quais eram as expectativas a respeito da realidade que te acolheria?

2) O que norteou a escolha do Brasil como país para o intercâmbio?

3) Qual experiência marcou sua chegada?

4) Quais são suas perspectivas com a conclusão do curso?

f) Discussão dos atendimentos em supervisão, omitindo dados que pudessem favorecer a identificação dos participantes.

g) Exploração da motivação dos voluntários para serem atendidos individualmente – ao final da atividade em grupo foi perguntado a cada voluntário se gostariam de ter atendimento psicológico.

h) Atendimentos psicológicos individuais com registro após o término das sessões;

ETAPA 3 – Análise dos dados:

2.3 Análises dos atendimentos psicológicos

A coincidência entre pesquisa e tratamento é, indubitavelmente, uma característica que confere valor à psicanálise. Assim, a atividade clínica assume-se como indissociável da produção de um saber e de uma atividade de pesquisa (LOWENKRON, 2006).

Ao final do evento realizado em grupo, informou-se a alguns participantes sobre a possibilidade do atendimento individual. Em resposta, uma estudante demonstrou interesse em iniciar atendimento clínico individual. Os registros das sessões não foram feitos em gravação de áudio ou vídeo, e sim guardados na memória da pesquisadora. Em seguida, logo após o término do atendimento, foram feitas anotações no prontuário individual do sujeito que aderiu a essa intervenção da pesquisa. Um horário semanal foi

reservado no CPA (Centro de Psicologia Aplicada da UFPR) e os atendimentos aconteceram nas primeiras semanas, tendo sido interrompidos pela paciente que não mais aceitou responder a nossas tentativas de contato. Tal atendimento não foi feito durante um período de tempo relevante para que pudéssemos fazer uso de muitas falas em nosso percurso teórico. Apesar disso, em nenhum momento tentou-se fazer uma reprodução na íntegra do discurso da participante, mas buscou-se, na medida do possível, respeitar a literalidade e a sintaxe do discurso ou de parte dele. Tomamos notas das impressões pessoais da pesquisadora, dos lapsos linguísticos e esquecimentos da participante, tentando encontrar possíveis articulações de seu discurso com a teoria de referência.

Devido à desistência da paciente, o número de atendimentos clínicos não foram suficientes para que se pudesse realizar uma construção de caso clínico neste trabalho. Dos atendimentos serão utilizadas vinhetas clínicas das contribuições gerais a respeito dos efeitos do sentimento de pertencimento e da história que a paciente compartilhou no *setting* clínico. Inviabilizou-se a análise aprofundada do caso pelo exíguo número de sessões, no entanto consideramos a experiência enriquecedora na medida em que pudemos tomar contato com o que interpretamos de resistência da paciente na dinâmica transferencial. Da mesma maneira tivemos que tomar contato com minha experiência enquanto psicanalista e como estudante migrante, em uma pesquisa em que minha experiência não precisa comparecer. O material indispensável à pesquisa eram as palavras da paciente, como coloca Iribarry (2003, p. 2003),

Se o analisando ocupa o lugar de protagonista em sua pesquisa sobre a própria vida, o analista, ao desenvolver uma pesquisa em psicanálise, se coloca como primeiro sujeito dela. Neste lugar, ele produz uma investigação sob o testemunho de um outro, de uma alteridade com quem também vai “transferenciar”.

IRIBARRY, I. N. (2003 janeiro/junho).

O pouco material mesmo não constituindo material de interesse direto deste trabalho, certamente cabe ressaltar o fato de a paciente fazer parte da pesquisa com sua própria experiência coloca os atores desse *setting*, analista e analisando, diante de empasses característicos dessa dinâmica. Os registros foram feitos pelo pesquisador, individualmente, conforme a data do

atendimento e respeitando o sigilo. Os prontuários ficaram armazenados no Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UFPR.

2.4 Análises das entrevistas em grupo

Durante a intervenção realizada com o grupo de intercambistas selecionado, a pesquisadora foi também quem aplicou as questões colocadas ao grupo de sujeitos/estudantes.

As informações permitiram a identificação dos fatores e motivos preponderantes envolvidos na escolha de migrar do grupo. Também permitiram a comparação dos dados identificando tanto as experiências bem sucedidas quanto aquelas que apresentam discrepâncias em relação à proposta do intercâmbio.

Para este estudo foram avaliados os conteúdos das respostas, buscando identificar os conteúdos significativos das falas dos sujeitos entrevistados. O método baseou-se na redução em unidades significativas organizado em quatro passos (GIORGI, 1985): 1) leitura de todos os dados colhidos para apreender o sentido geral; 2) discriminação das unidades de significado com foco no fenômeno pesquisado; 3) agrupamento por temas como categorias abertas; 4) realização da descrição das categorias e *insights* contidos nas unidades de significado sintetizadas no terceiro passo.

A delimitação dos fatores mais frequentes e preponderantes foi identificada a partir da análise qualitativa. Essa etapa limita as generalizações, constituindo-se em uma análise que privilegia as percepções pessoais e as interações entre os diversos níveis que se repetem nas falas. As respostas foram confrontadas entre os diversos níveis permitindo apontar os conflitos não percebidos, mas explicitados a partir de respostas aparentemente contraditórias. A análise de cada resposta ou grupo de respostas permitiu consolidar as características de cada um dos grupos investigados, além de permitir a comparação e a articulação entre eles.

As questões foram agrupadas para fins de análise, buscando construir os argumentos subjacentes às respostas dos sujeitos. Esse procedimento permitiu compreender os diferentes aspectos que contribuem para construção, exclusão e articulação de certas práticas nos programas de intercâmbio. Um

mecanismo de não reconhecimento da instituição que impossibilita qualquer possibilidade de reação (desconhecimento x ação = conhecimento x reação). Somente na medida em que podemos reconhecer e nos apropriar daquilo que é nosso no outro, poderemos ter uma conduta reativa, pois no desconhecimento só existe possibilidade de ação/ato.

Na medida em que a análise qualitativa privilegia a presença ou ausência de determinadas variáveis reportadas pelos sujeitos, a partir das explicações e justificativas que apresentam, conhece-se que é em sua palavra que está a possibilidade de fazer um reconhecimento. Assim, os mesmos fatores que serviram de base para a organização dos instrumentos de pesquisa serão os organizadores das discussões. Ainda que alguns dos fatores possam não ser significativos para alguns dos grupos estudados.

A partir das respostas dos sujeitos foi possível verificar em que medida os diversos fatores potencializaram os efeitos dos eventuais impasses que surgiram no âmbito da condição de estrangeiridade naqueles vinculados a programas de intercâmbio. Tentou-se assim caracterizar quais eram os fatores preponderantes para os sujeitos investigados.

O grupo era composto de oito estudantes, cinco homens e três mulheres, entre 18 e 25 anos. O encontro aconteceu no sábado, 12 agosto de 2011, nas dependências da Universidade Federal do Paraná, no departamento de Psicologia. A sala foi preparada antes da chegada dos participantes, dispuseram-se as mesas em círculo e todo o material utilizado foi organizado nessas mesas de maneira que cada participante pudesse operar individualmente: uma pasta impressa da UFPR com o “Termo de responsabilidade”, folhas sulfite, caneta esferográfica e crachá. O início da atividade foi programado para as 09h00, no entanto ocorreu um pequeno atraso. Os alunos, mesmo tendo chegado à Universidade, permaneceram na escadaria esperando os colegas para entrarem juntos. Eles chegaram juntos à sala e foram acolhidos e instruídos para que escolhessem seus lugares e sentassem para que pudessemos dar início à atividade. Logo após uma fala introdutória do diretor da ARI, Prof. Siqueira, iniciou-se uma primeira rodada de apresentações. Nessa primeira rodada foi proposto apenas que cada um dissesse seu nome, país de origem, curso e há quanto tempo se encontrava

no Brasil, além de relatar a razão da escolha do Brasil como país para sua formação acadêmica.

Na segunda rodada foi solicitado que compartilhassem suas impressões a respeito do que foi vivido no momento de sua chegada ao Brasil em relação ao idioma, isto é, qual impacto teria tido a língua naquele momento. Após uma curta pausa os trabalhos foram retomados, e outra e mais longa rodada de atividades foi iniciada. Nesse momento foi perguntado a respeito da experiência de cada um, solicitando que relatassem o que teria sido mais marcante em sua história e como isso os haveria modificado. A maioria falou longamente com a exemplificação de episódios vividos. Quando o tempo acabou experimentou-se a sensação de que ainda havia muito mais a ser dito e, mesmo após o término das atividades, os alunos continuaram conversando entre si. Os pesquisadores que estavam ajudando no registro das falas reconheceram certa emoção diante do que foi dito. Todos relataram ter saído da sala com o desejo de que aquele momento se repetisse.

2.5 Descrições das unidades

- Motivo da escolha pelo Brasil

Nessa unidade reunimos todas as falas dos participantes que revelavam de alguma forma as razões que orientaram a escolha do Brasil como país de formação superior vinculado a programas de intercâmbio.

- Chegada ao Brasil

O momento da chegada ao Brasil se deu em contextos específicos e foi uma experiência vivida por cada estudante participante da pesquisa de forma diferente. Essa unidade relata as impressões que eles guardaram a respeito desse momento.

- Integração

Essa unidade de significado evidencia se ocorreu e de que forma aconteceu a integração na cultura e nos grupos locais para os diferentes participantes além da vivência acadêmica.

- *O convênio*

Essa unidade foi elaborada a partir de falas específicas relatadas pelos estudantes integrantes de programas de convênio. Relaciona-se a questões práticas, burocráticas e acadêmicas relacionadas com tal condição.

- *Relacionamentos afetivos e sexuais*

Nessa unidade foram incluídas todas as falas que retratam o *status* civil dos estudantes explicitado nas falas. Dessas falas é possível saber o modelo de relacionamento amoroso e/ou sexual vivido na época da pesquisa.

- *Percepção dos brasileiros*

Foram registradas as falas dos estudantes que referem a forma como os brasileiros são percebidos aos olhos desses estrangeiros. A partir dessas falas é possível inferir que expectativas existiam a respeito da condição que viriam a ocupar enquanto estrangeiros frente aos brasileiros.

- *Estrangeiridade*

Essa unidade apresenta falas que de alguma forma puderam ser vinculadas ao conceito de estrangeiridade conforme percebido no presente trabalho como um lugar de perda, temporária ou não, do suporte do mecanismo identitário.

- *Diferenças culturais*

Unidade dedicada aos relatos que se referiram às diferenças culturais percebidas pelos estudantes intercambistas com relação à cultura local.

- *Dificuldades*

Nessa unidade compilamos a sequência de dificuldades relatadas pelos estudantes que mantinham algum grau de subordinação ao fato de serem estrangeiros. Essas apareceram em diferentes âmbitos e com graus de importância variável entre os participantes.

- A língua

Nessa unidade reunimos as falas relevantes do atendimento individual em que apareceram as queixas em relação à língua e as dificuldades de ser entendido.

3. OS PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO

3.1 Contextualização Histórica.

O termo ' intercâmbio cultural ' diz respeito às possíveis trocas que ocorrem no encontro entre diferentes culturas, grupos. Essas podem vir a se confrontar durante deslocamentos de pessoas de um país ou de um grupo a outro.

Os deslocamentos e migrações sempre fizeram parte da história da humanidade. Nômades, por exemplo, migravam em busca de alimento ou melhores condições de vida e ambiente. Tais condições eram muitas vezes dificultadas devido a falta de infraestrutura capaz de auxiliar as comunidades diante de mudanças climáticas severas. As razões que levavam as populações a migrarem são inúmeras, no entanto, o contexto de nossa pesquisa pode ser descrito mesmo estando incluído num panorama social mais amplo. O recorte escolhido são as migrações com o intuito de encontrar condições favoráveis para se realizar temporariamente uma formação acadêmica em um país diferente do de nascença.

Anterior à era de Cristo, jovens romanos seguiam com frequência para a Grécia, com o intuito de estudar e regressar ao seu país natal podendo contribuir com o desenvolvimento de seu próprio. Essa prática repetiu-se durante os tempos com o objetivo tanto de fundar novas instituições de ensino como também para promover novas ideias.

Nos séculos XIV, XV e XVI, com o nascimento das universidades, a busca pela experiência do intercâmbio cultural se institucionalizou, percebida então como uma contribuição educacional e pedagogicamente transformadora do aprendizado do sujeito social. Com o desenvolvimento dos sistemas de comunicação ao longo dos anos e com a Revolução Industrial no século XIX, o intercâmbio começou a ser praticado por um número cada vez maior de estudantes. Os quais em suas experiências, estudos e pesquisas conduzidas

longe de suas terras natais, adquiriam um saber que tencionavam compartilhar com suas próprias culturas.

Após a Primeira Guerra Mundial, nos anos 20, a ideia de intercâmbio cultural pôde ser aproveitada numa tentativa de promover o entendimento entre as diferentes nações em conflito. Nessa época, jovens eram mandados para outros países com o intuito de promover a cultura da paz e interação entre os diferentes ambientes culturais. A possibilidade de conviver com diferentes culturas fez com que jovens voluntários que haviam trabalhado em linhas de conflito de guerra percebessem a proximidade daqueles para os quais estavam prestando ajuda. Através do sofrimento, medos e anseios compartilhados com outros sujeitos diferentes culturalmente, sentiram a necessidade de que essa experiência fosse vivida por outros. Tornou-se indispensável fazer com que outros semelhantes pudessem compartilhar da riqueza do que se havia vivido.

A partir dos benefícios percebidos na experiência de imersão cultural e que diziam respeito a um saber sobre o outro que havia sido constituído através de uma vivência – um saber sobre outras vidas, costumes e códigos que promoveram o estabelecimento de laços com diferentes povos – nasceu um novo conceito de “Intercâmbio Cultural”. O objetivo da experiência era o de disponibilizar para muitos a oportunidade de integrar um mecanismo de troca internacional de experiências, dando ênfase somente aos aspectos positivos. Essas trocas poderiam proporcionar um conhecimento sobre o outro, sobre sua cultura e sobre si mesmo e seu próprio grupo. Em 1940 os primeiros intercambistas começaram a sair de seus países de origem para ter uma experiência internacional cujos impactos não se resumiam ao que havia sido pensado e esperado. Através da experiência de intercâmbio pretendia-se que, por meio do convívio com diferentes crenças e valores, fosse possível compreender e respeitar outra cultura, assim como valorizar a sua própria. No entanto, essa experiência poderia também levar a um choque entre os diferentes valores e a uma intolerância em relação a essa outra cultura. O intercâmbio tem o intuito de favorecer o aprendizado de novos idiomas, a participação ativa e a convivência por intermédio de uma imersão nos hábitos do outro e de uma interação que pode se revelar enriquecedora para o intercambista. No entanto, o isolamento cultural pode impossibilitar que o

estudante encontre modelos identificatórios familiares que possibilitem a resistência de sua subjetividade em dificuldade.

A *American Field Service* (AFS) é uma das mais antigas agências de intercâmbio do mundo, uma instituição sem fins lucrativos que atua a mais de 60 anos. A exemplo da AFS, outros órgãos governamentais e não governamentais começaram a oferecer estudo em seus países, tanto para estudantes de Ensino Fundamental como para os de Ensino Médio e Superior. Muitos países começaram a aderir a essa prática: França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, como também o Brasil. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1955, a UNESCO redigiu um documento, enfatizando o objetivo dos programas de intercâmbio como sendo a possibilidade de uma compreensão e colaboração entre povos. Contemporâneo a esse documento se constituía o que veio a se chamar de Educação Intercultural: estudos através dos quais se buscava estabelecer formas de relacionamentos não-conflitivos com as populações que habitavam as zonas ocupadas pelo exército americano. Tais estudos contribuíram com as pesquisas teórica e aplicada que embasaram muitos dos pressupostos e intervenções a respeito do Intercâmbio Cultural, como, por exemplo, os treinamentos interculturais.

A migração intercultural ou intercâmbio cultural à qual nos referimos acontece quando uma pessoa deixa seu país por um período limitado de tempo e com um objetivo pré-determinado, vinculado geralmente a um programa educacional. Esse intercâmbio pode abranger cursos de idiomas, cursos de férias, intercâmbios de Ensino Médio, Ensino Superior ou de trabalho. Devido à intensificação das demandas para esses tipos de intercâmbio cultural foram criadas organizações e instituições que regulamentam e fiscalizam essa prática de forma a oferecer algum tipo de garantia para aqueles que aderem a ela. A Belta - *Brazilian Educational and Language Travel Association*, sediada em São Paulo, reúne as principais instituições brasileiras que trabalham nas áreas de cursos, estágios e intercâmbio no exterior. Tal instituição divulgou a informação de que o número de brasileiros que realizaram algum tipo de intercâmbio cultural passou de 42 mil⁷ em 2004 para 120 mil em 2008, um aumento

⁷ Os dados foram tirados da monografia de graduação da Gabriela Diniz, “Contribuições do intercâmbio cultural no ensino médio para a escolha profissional”, com base em arquivos enviados pelo Instituto Belta em 18 de agosto de 2010.

significativo em quatro anos. Com o crescimento do interesse e adesão aos programas de intercâmbio para formação superior houve a necessidade de uma regulamentação a partir de um programa de governo com o objetivo de amparar esses estudantes vindos de outros países, como também de esclarecer os direitos e deveres daqueles que participam dessa dinâmica.

Já na década de 1960, a quantidade de estudantes estrangeiros no Brasil fez necessária a criação de uma regulamentação interna que definisse sua condição no Brasil. Para garantir um tratamento semelhante a todos os estudantes espalhados pelas diversas instituições de ensino, unificaram-se as condições do vínculo do intercâmbio estudantil. O primeiro Protocolo do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação foi lançado em 1965, tendo sido atualizado por três vezes, em 1967 e em 1973. Nos últimos dez anos foram mais de 6.000 selecionados pelo programa. Desses, a maioria regressa a seu país de origem, porém um número considerável emigra para outros países para complementação da formação, e um pequeno grupo permanece no país com frequência devido à constituição de laços familiares locais, casamento, união ou filhos.

⁸ TABELA DE ADESÃO AO INTERCÂMBIO NO BRASIL

PAÍS	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Angola	21	29	23	33	11	31	28	91	148	48	466
Benin	0	0	0	0	0	0	0	11	5	7	11
Cabo Verde	65	227	263	192	230	314	265	381	287	133	2474
Camarões	0	1	0	0	0	0	2	1	0	3	4
Costa do Marfim	0	0	1	1	0	0	3	1	0	0	6
Gabão	11	0	2	1	1	3	4	0	0	0	22
Gana	3	7	9	11	6	3	3	6	0	1	51
Guiné-Bissau	88	111	97	58	186	159	19	133	193	95	1175
Mali	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Moçambique	13	27	21	26	27	13	9	4	5	9	166
Namíbia	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Nigéria	6	7	11	14	27	19	22	32	0	0	147
Quênia	4	14	14	11	12	5	0	6	3	3	72
Rep. Dem. do Congo	0	0	0	0	0	0	9	106	57	78	250
São Tomé & Príncipe	0	24	0	47	147	35	13	12	7	6	291
Senegal	2	4	1	1	3	5	1	0	0	0	24
TOTAL	214	451	442	395	650	589	378	784	705	383	4976

A maioria dos estudantes africanos selecionados vem de Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola. Atualmente estão registrados 45 países participantes

⁸ <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.html>

(32 efetivos) no programa PEC-G - Programa de Estudantes-Convênio de Graduação, dos quais vinte são países da África, quatorze da América Central e Timor Leste, além dos países sul-americanos. Os cursos que oferecem o maior número de vagas, portanto os mais procurados são: Letras, Comunicação Social, Administração, Ciências Biológicas e Pedagogia. Esses números reiteram a importância de serem realizados estudos sobre o intercâmbio e seus efeitos nas diversas áreas de conhecimento, dentre elas a Psicologia, pois esse aumento não é garantia de que exista o conhecimento e preparo necessários para se lidar com o público envolvido.

As expectativas que os envolvidos têm a respeito da experiência que esperam viver e a necessidade que virão a ter de se haverem com uma realidade potencialmente diferente daquela expectativa pode ser prejudicada ou até mesmo comprometida pela dificuldade em lidar com conflitos e sofrimentos psíquicos que poderão surgir a partir das diferenças culturais.

3.2 Modalidades

Existem diversas modalidades de intercâmbio cuja principal diferença diz respeito à duração da experiência, ao público alvo e a seu objetivo. Outra diferença é a forma como são subsidiadas essas experiências. Alguns estudantes, porém poucos, obtêm bolsas de estudos quando vinculados a algum tipo de instituição. A bolsa é uma quantia em dinheiro paga mensalmente ao estudante para que possa custear suas necessidades financeiras, mais precisamente as acadêmicas. As bolsas de estudos não cobrem a totalidade das necessidades do aluno, ficando por sua conta o que diz respeito à saúde, ao lazer e até mesmo às despesas com material didático. Quem não consegue uma bolsa de estudos precisa ter uma ajuda financeira, frequentemente vinda dos pais, pois, sem essa garantia, não é possível, em teoria, conseguir sobreviver no país estrangeiro.

O visto é concedido ao estudante somente no caso de ele manter-se matriculado em uma instituição de ensino. Na prática, alguns estudantes conseguem obter a concessão da aprovação da matrícula após comprovarem para o órgão responsável sua capacidade financiar sua estadia durante o período do intercâmbio. Para conseguir essa aprovação, muitos pedem ajuda

financeira de familiares, que garantem por escrito que irão financiar os custos do estudante ao longo de toda a experiência do intercâmbio no país estrangeiro. Mas é comum que o estudante e sua família tenham o compromisso implícito, de que os estudantes irão se dispor a encontrar um emprego no país de intercâmbio para continuar custeando seus estudos, eximindo a família de ter de prestar essa ajuda financeira, que pode então ser passada a outros integrantes da família. Esses alunos são denominados “por conta própria”. Mas é com bastante frequência que, os alunos por conta própria, como também os estudantes beneficiados por bolsas de estudos, vejam-se obrigados a procurar imediatamente por uma fonte de renda através de um emprego para poderem complementar o custeio de sua estada em razão da insuficiência ou ausência de ajuda financeira.

4. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.

4.1 A identificação

O objetivo deste capítulo é construir uma compreensão psicanalítica sobre a constituição do sujeito por intermédio do conceito de identificação⁹ a partir de como Freud o apresenta em seus escritos e sobretudo as contribuições de outros autores que refletiram a respeito da problemática da identificação em relação à estrangeiridade como Pichon-Rivière e René Kaës, entre outros. A relevância desse conceito se dá no âmbito da compreensão de sujeito enquanto ser social que pretendemos enfatizar na discussão desse projeto, um sujeito constituído enquanto tal a partir da identificação. Isto é, constituído na dinâmica social, mas que carrega toda sua particularidade na forma como estabelece, interpreta e introjeta suas identificações.

O conceito de identificação auxilia na compreensão dos efeitos da estrangeiridade na medida em que, nessa condição, o papel da identificação se encontra suspenso. No entanto, antes de adentrarmos esse conceito, é necessário esclarecer a forma como o termo vulnerabilidade psíquica é empregado e de onde foi resgatado para que tal sirva de cenário à compreensão do que aqui é entendido como estrangeiridade.

Antes de ser um migrante, o estudante estrangeiro que vem ao Brasil fazer um intercâmbio através de um convênio é um sujeito comum cuja constituição segue um mecanismo comum a todos os outros sujeitos. Sendo o produto da interação entre o organismo e seu meio cultural, ele guarda certa complexidade. Mas tal complexidade não garante, pelo fato de conhecer seu mecanismo de constituição, o desfecho de seu encontro com sua realidade e seu desencontro com aquilo que nela não é reconhecido. Freud apresenta o ego em seus escritos como uma instância identificatória, enquanto, para Lacan, ele conserva o estatuto do nome próprio a partir do traço unário. O tema da

⁹ “Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”. (LAPLANCHE, PONTALIS, 1986, p. 295)

identificação será trabalhado a partir da constituição do ego em Freud, da caracterização posterior em Lacan. Além desses dois autores, como já dissemos, incluímos outros pensadores da modernidade que refletiram a respeito da problemática da identificação em relação à estrangeiridade, como Pichon-Rivière e René Kaës.

Em “O projeto para uma psicologia científica” (1895), Freud descreve o funcionamento do aparelho psíquico no qual o ego aparece como composto de neurônios cuja função é a de inibir as descargas endógenas quando não há objeto, ou seja, capaz de uma defesa primária e uma atenção psíquica, momento nomeado de experiência primária. Em sua construção, Freud (1895) descreve o aparelho psíquico do ponto de vista neurológico funcionando livre de toda contradição. O ego, tido como depositário dos investimentos, é capaz, a partir da experiência primária de satisfação, de criar seu registro de prazer e desprazer, um ego capaz mesmo de alucinar o objeto caso ele venha a faltar. Freud justifica a existência do aparelho psíquico a partir do conceito de desamparo.

O desamparo é entendido como um desfecho da própria imaturidade biológica do ser humano que o leva a estar à mercê do Outro que o marque, seja com experiências de prazer ou de desprazer. O recém-nascido está em situação de dependência completa do Outro em decorrência das ameaças do mundo externo. Trata-se de uma imaturidade que estabelece uma dependência. Assim, afirma Freud:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (FREUD, 1895, p. 431)

Diante de um estímulo esse corpo do recém-nascido produz respostas motoras, essas porém são ineficazes em eliminar a tensão acumulada. A falta instrumental própria da imaturidade do organismo, o que ajudaria ao bebê a se livrar da tensão, faz com que seja necessária a intervenção de um Outro. Outro que interprete seu desejo, como é o caso da mãe, que exerce a função de possibilitar a descarga daquela tensão. Além da mãe, outros podem ocupar e

exercer essa função nomeando aos poucos a agitação e as respostas motoras do corpo, mas o bebê não o pode fazer por si próprio. O alívio da tensão a partir da intervenção do Outro é registrado pelo recém-nascido. Trata-se até aqui de um ego que busca sua satisfação e que se constitui no investimento no mundo externo, criando a partir dele uma identidade. Os registros dessas experiências fornecem em outro momento as referências dos desfechos possíveis e, sobretudo, de seu desamparo na medida em que seria necessário um outro para dar conta do alívio da tensão. O desamparo é passível de ser percebido já em um momento subsequente em que os registros reiteram o estado.

Já no texto “Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), Freud escreve a respeito do conceito de autoerotismo, segundo o qual o corpo é um objeto de investimento. Essa possibilidade de investimento no ego é retomada em “Sobre o Narcisismo: uma Introdução” (1914), texto no qual Freud esclarece a perspectiva de um ego que funciona na qualidade de objeto, objeto de investimento. Ainda em 1914, Freud reforça o papel do narcisismo diante da constituição do sujeito como forma de investimento pulsional necessária à vida objetiva. Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), ele enfatiza o papel do ideal na medida em que desdobra o conceito do narcisismo. Nesse texto ele descreve o narcisismo infantil como um mecanismo criado pelo próprio ego para observar a si mesmo. Nasce assim a noção de ideal, como aquilo que o ego pode se permitir de modo que possa alcançar uma correspondência com esse ideal.

O narcisismo é um mecanismo necessário para que haja um desenvolvimento do organismo para que esse possa se tornar, a partir de um investimento libidinal, uma criança, um sujeito. A criança, na impossibilidade de manter-se como seu próprio objeto de amor/investimento, volta-se para um objeto exterior, desenvolvendo o que chamamos de amor objetal. Esse momento, o narcisismo primário, é situado por Freud entre o autoerotismo e o amor objetal. No entanto isso só é possível quando a criança é atravessada pelo processo de castração, que introduz a impossibilidade da unidade do ego com seu objeto de investimento, o qual, nesse primeiro momento, seria o próprio corpo enquanto extensão do outro cuidador. O "narcisismo das pequenas diferenças" diz respeito à constituição do “ego”, do “nós” e do “outro”,

cuja função é a de preservar o narcisismo da unidade, ou seja, aquele em que o sujeito não está marcado pela castração.

Nessa perspectiva, o sujeito não é o indivíduo, nem o ego que obedece a uma ordem natural das coisas. O sujeito não é um ser consciente e racional que governa seus próprios atos, um ser linear, como o apresentado no pensamento cartesiano, pois ele é em função de outro que o antecede. Para Freud, o simples pensar não é o que garante o estatuto de sujeito.

O sujeito nada mais é do que uma descontinuidade na qual sua representação do mundo não é o espelho fiel deste, ou uma verdade absoluta, e sim uma interpretação. A representação é a construção interna da relação do indivíduo com o mundo externo, os outros e sua cultura. O sentido que o sujeito atribui a toda relação é carregado das significações que esse sujeito extrai de seu mundo. Portanto, é pela via narcísica que se constitui o “ego ideal” e “ego real”, que se refere ao narcisismo infantil caracterizando-se pela autossuficiência.

É com dificuldade que o sujeito abre mão dessa primeira forma de narcisismo, buscando recriar oportunidade de satisfação através de um novo ideal, o “ideal do ego”. O ideal do ego integra a instância do superego que cumpre a função de vigiar, julgar e censurar o que não corresponde às suas exigências, favorecendo dessa forma ao mecanismo do recalque. As funções que correspondem ao ego são a do recalque, a resistência, a gestão do princípio do prazer e a censura através do superego. O superego¹⁰ é uma instância que, além de ser herdeira dos primeiros investimentos objetivos do ego¹¹, também se constitui enquanto formação reativa repressora contra essas escolhas. No texto “O mal-estar na civilização” (1930), Freud apresentou a instância do superego ao público, escrevendo a respeito de sua formação e

¹⁰ Superego: “Uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego. Classicamente, o superego é definido como o herdeiro do complexo de Édipo; constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais” (Laplanche, Pontalis p. 643, 1986)

¹¹ Id: “O Id constitui o polo pulsional da personalidade; os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, em parte hereditários e inatos e em parte recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é para Freud o reservatório primitivo da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético são diferenciações dele” (Laplanche, Pontalis p. 285, 1986)

suas funções. São as imagos parentais, ou o Superego dos pais, que fazem o papel de superego enquanto a criança não internaliza essas interdições como sendo suas próprias. Ao longo dessa internalização, o indivíduo apreende quais são as reações elogiadas, reprovadas ou angustiantes. Quando a criança é capaz de renunciar às satisfações edípicas, significa que as proibições foram internalizadas. Nesse momento, a função superegóica das imagos parentais passa a ser substituída pela internalização do superego próprio da criança. É através desse mecanismo que é garantida a transmissão dos valores e das tradições de uma geração para outra, sendo particularmente importante no exercício das funções educativas. Ele é quem garante que o mecanismo de identificação produza seus efeitos na constituição do sujeito. Além do superego fazem parte da estrutura psíquica o Id e o Ego¹². Essas instâncias são descritas por Freud (1923) como sendo as representações que, mesmo recalçadas, foram derivadas das percepções e podem tornar-se conscientes novamente, assim como todos os resíduos mnêmicos. O processo de internalização do superego é o mecanismo responsável pela efetividade do fenômeno da identificação. Tal mecanismo diz respeito à introjeção de toda uma série de traços e atributos com os quais o sujeito entra em contato em sua relação social.

A respeito da identificação em um dos casos apresentados no ensaio de 1921, Freud relata o caso de uma menina que desenvolve o mesmo sintoma que sua mãe: uma tosse. Esse tipo de identificação denota a tentativa obstinada de um desejo hostil da menina de querer tomar o lugar da mãe ou o que diz dele. O narcisismo do ego é considerado pelo autor como um narcisismo secundário, originado de um investimento que foi retirado dos objetos para novamente ser reinvestido.

¹² “Do ponto de vista tópico, o ego está numa relação de dependência quanto às reivindicações do Id, bem como quanto aos imperativos do superego e às exigências da realidade. Embora se situe como mediador, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, a sua autonomia é apenas inteiramente relativa. Do ponto de vista dinâmico, o ego representa eminentemente no conflito neurótico o polo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia). Do ponto de vista econômico, o ego surge como fator de ligação dos processos psíquicos; mas, nas operações defensivas, as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário: assumem um aspecto compulsivo, repetitivo, desreal” (Laplanche, Pontalis p. 173, 174 1986)

Nessa relação podemos entender que o objeto de desejo da mãe é o pai, e a menina, ao querer o lugar da mãe, deseja na verdade o pai como seu objeto. O amor pelo pai é o que o autor aponta aqui como sendo o sintoma, a tosse aparece para fazer com que ela possa assumir o lugar da mãe.

A instância do ego está sempre ameaçada principalmente por três perigos descritos por Freud (1923) como sendo: o mundo externo, a libido do isso e a severidade do superego. Essas considerações fazem parte da segunda tópica freudiana, na qual o ego é caracterizado como agente de defesa, o superego de interdições enquanto a energia pulsional está concentrada no isso – diferente de sua primeira tópica, em que o ego era considerado o depositário da energia libidinal, de onde essa era investida em objetos, como também recebia parte da libido restituída pelos objetos. O isso é o reservatório principal da energia psíquica, onde as pulsões circulam e esse, para o ego, é reconhecido como sendo parcialmente inconsciente. O inconsciente passa a ser percebido como uma propriedade do isso, pois sem recalçamento não há inconsciente e sem o isso inconsciente não há psiquismo aonde se inscreve a primeira marca do sujeito. O superego é apontado por Freud como a instância fiscalizadora de nosso psiquismo. Seu papel de interdição foi ocupado, antes de ser assimilado, pelas imagos parentais, pelo Outro externo a seu organismo. As inibições e interdições não fazem naturalmente parte da criança que, em um primeiro momento, apenas obedece a suas pulsões buscando apenas repetir o prazer. Diante da percepção de seus investimentos, o ego pode recuar pela via do recalque ou se sujeitar a escolha do objeto conservando as marcas e traços dessas.

Quando o ego ocupa o lugar de objeto de investimento, ele assume as características do objeto. O ego se oferece ao isso como um objeto de amor na tentativa de compensá-lo pela perda do objeto primordial e, pela via da identificação, tenta garantir a semelhança com o objeto original perdido. Quando o ego se constitui como objeto de investimento, ele será designado como ideal do ego. O ideal do ego guarda a primeira e mais importante das identificações: a identificação ao pai. No processo de identificação, a escolha do objeto que será introjetado não é natural ou já dada, no sentido que ela não funciona da mesma maneira para todos. A identificação pode ocorrer tanto com o pai como com a mãe. Para um será dirigido o afeto e para outro a

hostilidade. O menino, por exemplo, pode ter como seu objeto de investimento pulsional seu pai ou sua mãe, para a menina o mesmo também será válido.

Essas identificações são próprias do superego e nele reside a razão da predominância do exercício de uma ou outra sexualidade. O superego representa para Freud (1923) uma formação reativa contra essas escolhas. Enquanto herdeiro do complexo de Édipo é ele, o superego, a partir do ideal de ego, que ordena ao Ego o que deve e o que não deve ser reprimido, e sua tentativa de reprimir certos conteúdos evoca mais uma vez a importância da ambivalência na formação do sujeito. Os investimentos em direção às imagos parentais marcam a entrada no complexo de Édipo. Com a entrada no Édipo e com os investimentos nas imagos parentais, as identificações, a partir das quais o sujeito se constitui, devem determinar a particularidade e a unicidade do sujeito.

O sucesso da identificação marca um momento em que o sujeito abandona parcialmente o mundo externo como objeto. O sujeito faz do que pode introjetar desse mundo externo, parte de seu universo interno. O superego é a prova dessa vinculação afetiva na qual essa introjeção foi marcada.

Precisamos levar em conta que aquele que migra traz consigo toda uma série de construções identificatórias que constituíram seu ideal de ego que pode ou não coincidir e nem ser passível de ser compartilhado em uma nova cultura. O superego dele também irá executar a repressão do que não condiz com o ideal e isso muitas vezes pode deixá-lo incapaz de adotar novas atitudes próprias do país de “acolhimento”. O migrante também introjetou parte de seu mundo externo fazendo com que esse integrasse seu universo interno. Mesmo em sua experiência de migração resiste nele o que foi introjetado, porém, para alguns, isso pode ser doloroso por ser vivido enquanto perda.

As características do superego que aparecem em relação ao narcisismo foram apresentadas em “Totem e Tabu” (1913). Nesse texto, Freud atribui a origem da civilização à morte do pai da horda, o qual instituía a lei, motivando dessa forma a identificação com ele. O pai da horda é morto e incorporado pelos filhos por ser o detentor de todas as mulheres dando origem ao tabu das proibições. As proibições fundam a civilização na medida em que existem interdições como é o caso do incesto. Nessa organização o ódio está na

origem e a culpa por experimentar esse sentimento tem o papel de fazer a manutenção das interdições sociais. A morte do pai o torna mais poderoso ao ponto de ele poder estabelecer uma lei que possibilita a coexistência do grupo, do clã, a partir da identificação por incorporação a esse pai ideal. Essa identificação com o pai e a coexistência do grupo não deixam de produzir certo mal-estar no sujeito que, mesmo assim, permanece no clã.

Existem, segundo Freud, três formas de identificação, a primeira, descrita acima, em que é estabelecido um laço emocional com um objeto, vinculado à incorporação do pai mítico. Uma segunda forma de identificação aconteceria mediante uma regressão ao traço, como nas psicoses, a identificação regressiva. Uma terceira forma de laço diz respeito a uma qualidade compartilhada, a identificação histórica. Interessa-nos em seu texto “Luto e Melancolia” (1917), a apresentação de um tipo de identificação no qual ocorre um abandono do investimento objetual. Uma identificação parcial, em relação ao objeto perdido, do qual resta a sombra: “a sombra do objeto caiu sobre eu¹³” (Freud 1917, p. 281). Uma identificação em que um excesso de investimento faz do sujeito seu único objeto.

Na identificação melancólica o sujeito, não reconhece a parcialidade de sua identificação, torna-se o próprio objeto. Na psicanálise, entende-se a identificação como um processo em que o aparelho psíquico do sujeito é constituído na medida em que o ideal instaurado opera como significante.

Lacan, a partir do Caso Dora (Freud, 1905), retoma a noção de sujeito interpretando a tosse emprestada do pai como um traço, o traço unário. Pode-se dizer então que a identificação é um mecanismo que dá condições ao sujeito de se sentir estrangeiro, de sentir-se estranho com relação ao que ele não se identifica. A condição de estrangeiridade, como condição de desamparo é algo implícito e constituinte do ser. Pode-se dizer então que a identificação é um mecanismo implícito à constituição dos sujeitos, e que ela antecede uma condição de estrangeiridade vivida pelo sujeito.

¹³ Entendido enquanto sinônimo de ego.

4.2 O equivalente de sujeito em Lacan

Na topologia lacaniana o sujeito é constituído a partir do processo de alienação e de separação, Lacan (1960/1998) afirma que o sujeito é somente o produto da ação da linguagem e aparece somente nessas circunstâncias. Após seu nascimento, o bebê se relaciona com a mãe ocupando ela, em um primeiro momento, o lugar de Outro. Outro é escrito com O maiúsculo, pois ele é aquele que introduz, por intermédio da linguagem, o simbólico para o bebê, diferente do outro em minúsculo que ocupa um lugar de semelhante.

O Outro é quem possibilita que o sujeito/bebê seja investido de significantes, através de sua própria fala. Sobre esse sujeito incidem inúmeros significantes, no entanto, é só para uma parte do que lhe é transmitido, que ele consegue atribuir um sentido, ou seja: há sempre uma perda. O significante primordial dessa relação é o falo. O bebê/infante, investido pelo significante produzido pelo Outro, encontra-se nessa função, a de ser falo para o Outro. Cabe ressaltar aqui que o falo é o significante primordial do desejo que deverá ser instituído na triangulação edipiana posterior.

Há uma dinâmica entre o Outro cuidador e o ser do infante investido de significantes. A esses significantes são atribuídos significados e, nessa dinâmica, nem o ser, nem o sentido podem prevalecer, pois isto significaria a impossibilidade do advir de um sujeito. Tal dinâmica encontra-se em permanente tensão, para Lacan (1988), ela força uma escolha que é nem uma e nem outra, ou seja, uma escolha que, seja qual for, resulta em ambas. O sujeito, produto de uma linguagem, aparece somente em função de tal dinâmica, o que ocorre em momentos distintos. A alienação do Eu, o sujeito do inconsciente e a separação são momentos em que o lugar ocupado é diferente, para que da dinâmica, dessa diferença possa então advir um sujeito.

O primeiro momento, anterior ao Édipo, é descrito por Lacan (1936) como o *estádio do espelho*, que acontece em torno dos seis meses de idade, quando o filhote é capaz identificar sua própria imagem em um espelho (como *Gestalt*). Anterior a essa fase, as partes de seu corpo não são percebidas em um organismo, isto é, ele não reconhece um corpo. A mão, o pé e as sensações que provêm de cada centímetro desse corpo fazem parte do *fantasma do corpo despedaçado* que se dissolve a partir da aposta necessária

de que a imagem do outro é um corpo uno. As primeiras sensações que emergem dele são despertadas pelo outro/mãe/cuidador. Um corpo que se movimenta que se alimenta e que aos poucos vai ganhando significações, podendo assim constituir um corpo uno.

O estágio do espelho representa o momento em que uma verdadeira transformação se produz, e tal transformação permite que haja uma identificação formadora do eu.

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do termo *imago*. (LACAN, 1949, p. 97).

Mesmo estando numa fase em que o filhote depende do outro, pode-se dizer que nessa, ele já possui um eu constituído, ainda que de maneira primordial. O que é percebido na fase do estágio do espelho é a imagem que no objeto espelho está refletida. Assim, a relação com a imagem reflete sua condição de distinguir a realidade da imagem. Estabelecer uma relação entre o organismo/filhote e a realidade é a função do estágio do espelho. É nessa realidade restaurada que se dá a célula narcísica, uma fusão da relação mãe-filho-desejo em que ele está alienado ao desejo da mãe e identificado com o falo enquanto falta que ele vem a preencher. É a partir do esquema da célula narcísica que o sujeito manifesta seu sentimento de pertença.

O próprio migrante foi, antes sua viagem, fígado nesse laço. Esse laço com o grupo operou tanto na relação mãe-filho como na relação pátria-mãe-cidadãos. O resultado dessa operação é um sujeito instituído enquanto significante primordial do desejo, afetando assim o desfecho da triangulação edipiana cuja passagem não se dá sem efeitos e marcas. Portanto, o Outro é quem marca e também quem pode reconhecer a marca. Na falta desse outro que pode testemunhar, reconhecer a marca que se carrega, ela perde parte de seu sentido, o sentido compartilhado. Do estrangeiro pouco se sabe, ele carrega sozinho o peso de sua história e em grupo as marcas da relação com sua cultura, como nos fenômenos dos guetos, pois perde sua função.

O sujeito lacaniano ocupa a função do falo na relação mãe-filho determinando os efeitos da dinâmica significante-significado, ou seja, a maneira como o sujeito se insere na linguagem. Se o sujeito é um sujeito de

linguagem, o migrante pode desconhecer no país de acolhimento as ferramentas necessárias para se inserir na língua de forma a se constituir enquanto tal.

O falo é um significante destinado a designar, no conjunto dos significantes, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua própria presença de significante. (LACAN, 1958, p. 697)

A função do falo é a de um significante cujo efeito opera na introdução do sujeito na linguagem, ele designa significantes que por sua vez assumem diversos significados sempre em relação a este primeiro. Do falo pode-se dizer que ele não é um objeto e nem um órgão, nem uma fantasia ou um efeito imaginário, porém ele participa de alguma forma na organização de todos.

As identificações que instituem os laços também possuem uma função perante a constituição do sujeito. O exercício de sua função diz de um distanciamento do ser de sua condição animal numa transição progressiva para um estado de sujeito. Sua característica é sua função, a de velar o lugar que se ocupa no desejo do outro. A função que o falo exerce diz do “Ego” em relação ao Outro, e mais precisamente da posição alienada que ele ocupa para que possa advir dessa um sujeito.

No primeiro tempo da constituição, a alienação consiste no fato de essa escolha ser forçada, uma escolha entre o ser e o sentido. O Outro é quem faz emergir um sentido, o que resulta em um não comparecer do sujeito ainda sem muitos recursos para trazer seu próprio sentido ao significante oferecido. O bebê ainda não domina a fala (*infans*) e, portanto, é incapaz de emitir palavras. Para haver uma fala o sujeito deve poder articular dois ou mais significantes. O primeiro significante (S1. unário) nasce do campo do Outro, é este que representa em parte esse sujeito e permite assim que ele apareça para outro significante (S2). O sujeito é assim percebido enquanto dividido, em um lugar ele pode aparecer como sentido, em outro ele é o desaparecimento de si. “Onde há divisão do sujeito existe uma dinâmica entre o significante unário e o sujeito significante binário”. (LACAN, 1988, p. 207). Ele advém justamente como efeito dessa divisão, um efeito da relação S1-S2.

Também se pode dizer isso de outra maneira: o sujeito se identifica com o traço significante aportado pelo Outro materno. Ao acontecido na alienação pode-se denominar captura: o sujeito é capturado pelo significante. (LACAN, 1960/1998, p. 854)

Trata-se aqui de um sujeito que aparece numa relação de assujeitamento perante esse significante outro que, emprestado pelo Outro, faz a função materna/cuidador, de Outro, que é a garantia da sobrevivência do objeto de investimento, do que possibilitará o advir do sujeito. Esse significante que antecede o advir do sujeito diz de conteúdos estruturantes, porém não conscientes. Esse mecanismo acontece em um tempo em que tudo o que o aparelho psíquico registra não permanece em um registro acessível, mas inconsciente. Desse modo, está denunciado um sujeito dividido entre ele e ele mesmo, entre processos conscientes e inconscientes. Admite-se dessa forma o valor do significante na dinâmica da construção do sujeito.

O valor do significante adquire ainda mais valor quando articulado à cultura. O significante é produto da cultura e de uma habilidade específica do ser humano enquanto ser falante. Àquele que nasce numa determinada cultura, antecede efeitos do sistema e da linguagem no qual estará inserido. Ao nascer o sujeito faz parte de um contexto pré-existente. Desse contexto ele deverá aprender certas determinações a partir da relação com o Outro. Esse, que é mergulhado na cultura e que é investido dos primeiros significantes emprestados pela mãe ou por quem o cuida, não se trata ainda de um sujeito como pretendemos esclarecer aqui. Trata-se de um futuro ser falante numa etapa que o antecede enquanto sujeito.

No efeito de linguagem, não se trata de nenhum ente. Trata-se apenas de um ser falante. No ponto de partida não estamos no nível do ente, mas no nível do ser. (LACAN, 1978, p. 144)

No primeiro tempo de sua constituição, aquele que nasce em uma determinada cultura trata-se de um ser a ser/sujeito inserido na linguagem, um ser/eu de uma repetição arcaica. Segundo Lacan, para se tornar sujeito algo mais é necessário. A perspectiva lacaniana distingue o "ego" e o "sujeito". A entrada no universo da linguagem e do simbólico instrumentaliza o eu para que ele seja capaz de instituir o princípio de realidade. Diante da tendência original do aparelho psíquico de alucinar, o eu reifica sua realidade para que chegue a uma ação possível.

O eu é percebido como uma construção imaginária do sujeito do inconsciente, do sujeito do desejo, essa articulação é feita em torno do *cogito*

cartesiano¹⁴, momento no qual o sujeito passou a existir. Com essa distinção Lacan rompe claramente com a tradição filosófica que o antecedia e cuja origem estava no sujeito *cogito*, esse então atravessado pela certeza de que o pensar lhe assegura o ser que proporciona seu desenvolvimento por meio do ego e seus pensamentos.

Para falar a respeito da constituição do sujeito, assim como para Freud, Lacan (1961) faz algumas considerações sobre a noção de identificação freudiana falando do estatuto do nome pela via do traço unário. A respeito da identificação histórica, conforme foi definido por Freud, Lacan diz tratar-se de uma identificação com o significante. Lacan aponta o tempo todo para que, nesse mecanismo, o que acontece é uma identificação ao traço unário como sendo o que viabiliza a cadeia significante ou o aparecimento do sujeito do inconsciente. Trata-se de uma identificação inaugural ao traço equivalente à identificação ao ideal do eu. Para Lacan, existe no mecanismo de identificação uma função que determina o valor do significante enquanto tal. Um significante aparece e desaparece o tempo todo, assim a identificação a ele ligado está condicionado ao mesmo efeito, o *fort-da*¹⁵ freudiano.

Lacan também mantém, relativamente aos três tipos de identificação apontados por Freud, a mesma estrutura: a regressiva, a identificação ao pai, a por incorporação, e a histórica, pela via do desejo. No entanto, ao fazer a distinção entre sujeito e significante introduz o estatuto do nome próprio.

A função do nome próprio é a de identificar e nomear o sujeito na linguagem perante muitos outros significantes. Na medida em que se reapropria da concepção de linguagem de Saussure¹⁶, define o significante

¹⁴ O dualismo cartesiano resume a tese de Descartes que descreve o ser humano como constituído por duas substâncias, o saber, a alma, ou a coisa pensante (*res cogitans*) e o corpo, ou coisa extensa (*res extensa*), de natureza e atributos diferentes, e concebidas com uma existência distinta, a mental (ou espiritual) e a física.

¹⁵ Esta brincadeira observada por Freud em uma criança de aproximadamente um ano e meio, descrita pelos pais como 'bom menino', marca uma compulsão à repetição. O *fort-da* é retratado como um jogo que tem como temática primordial o desaparecimento e o retorno dos objetos. Ele caracteriza um controle da ida-e-vinda dos objetos. Foi observado que a criança o imprimia quando sua mãe saía de casa. A criança, ao jogar um carretel, dizia óóóó que Freud e a mãe associaram ao *fort* alemão (ir embora), e quando o carretel retornava dizia alegremente *da* (aí) (Freud, 1921, p.13)

¹⁶ Para Saussure a linguagem é constituída pela língua e pela fala, respectivamente primária e secundária. A língua se refere ao sistema de signos interiorizado culturalmente pelos sujeitos

como representante da diferença, portanto, da unicidade que representa a constituição do sujeito em sua relação com o Outro. O sujeito constitui-se pela marca de um significante, retirado como traço desse Outro. Um traço que supostamente carrega o encontro com o objeto. A identificação, para Lacan, carrega uma falta na medida em que se dá apenas a um traço desse outro, pois há um resto que não se apreende. Na repetição presenciamos a uma repetição significativa, uma tentativa constante de restabelecer um encontro com o objeto da unidade.

Lacan formula sua topologia que distingue o “ego” do “sujeito”. Os processos inconscientes impõem aqui uma fórmula negativa, já que suas formações como o lapso, esquecimento, ato falho e sonho não são passíveis de ser acompanhadas e representadas pelo sujeito. Uma escolha forçada entre o sentido no *cogito* e o ser. Para se referir ao ‘ego’ a língua francesa faz uso de dois pronomes ‘*Je*’ e ‘*Moi*’, nomeando assim essa diferença que Lacan coloca entre os dois entes: encarnando numa posição simbólica do sujeito o (*Je*) simultaneamente ao aparecimento de um eu como uma construção imaginária o (*moi*).

Em seu seminário, Lacan (1957, p. 521) escreve: "penso onde não sou, logo sou onde não penso", onde há pensamento da ordem do inconsciente, “ego” (*Je*) não está, e onde está o "ego" (*Je*), não há pensamento. O eu/*Je* identifica um lugar diferente do eu/*moi*. Um está no lugar do sujeito e outro no lugar de indivíduo numa função imaginária que pode ser consciente. “O sujeito da ação, aquele que fala, é o do inconsciente, aquele que determina a lógica pela qual as ações acontecem ou deixam de acontecer” (LACAN, 1978, p. 80). Deixando claro que um não é o oposto do outro, e sim as faces de um mesmo objeto, o que está em causa, ou seja, o sujeito. Pode-se assim falar de sujeito a partir de uma separação, separação essa que introduz o ser na cadeia significativa permitindo o aparecimento do objeto *a*¹⁷. “O objeto *a* é algo de que o sujeito para se constituir, se separou como órgão.” (LACAN, 1964, p. 101)

falantes. A fala se refere ao ato individual de escolha das palavras para a enunciação do que se deseja. (Saussure in Charles Bally e Albert Sechehaye, 1970).

¹⁷ O objeto *a* faz referência à falta, ele não é especular, nem apreensível na imagem. A falta, não é algo que exista no real ela só é apreensível através do simbólico. É através do simbólico e do imaginário que as tentativas de preenche-la são exercidas. Uma falta, segundo Lacan, é

Essa operação garante ao sujeito constituir seu próprio desejo em um espaço entre os significantes. A configuração do objeto *a* é o resultado/produto da entrada no campo da linguagem que, a partir de uma divisão, permite que o sujeito advenha. O sujeito advém a partir da formulação de uma imagem de si com a introdução primária de um significante, enquanto a imagem de um corpo próprio dá lugar ao ego a partir do Outro (1962-63, p. 31).

Lacan aponta o estádio do espelho como formador da função do ego, em “Escritos”¹⁸ (1949). Enquanto sujeito, ele é capaz de reconhecer sua imagem e com ela se identificar, dando espaço a uma identidade constituída numa dimensão imaginária da relação com o reconhecimento virtual dessa. É no outro que o sujeito se identifica, isto é, que constrói sua própria *imago* como efeito da alienação. “No entanto, trata-se de um desejo desconhecido que reconduz o sujeito ao ponto inicial: o de sua falta radical (Lacan 1973, p. 202)”. Alienação e separação fazem parte de uma experiência permanente, que se repete em diferentes momentos numa alternância renovada. Uma separação que promove em algum grau uma liberdade limitada.

O sujeito objeto de nosso estudo é aquele que, na condição de estrangeiridade, experimenta uma alternância renovada dessa condição. O lugar de estrangeiridade no qual se encontra é o da experiência psicanalítica lacaniana, cujos conteúdos inconscientes operam na escolha entre o ego/ser. Trata-se desse sujeito inserido na linguagem que suporta sua imagem em uma identificação com o Outro. Um sujeito que a partir da identificação emerge de uma operação da qual faz parte uma falta constitutiva no sujeito e no Outro, uma identificação a uma falta no Outro. A constituição de um sujeito que ocorre pois a falta no Outro é a possibilidade de se constituir enquanto objeto para este último a partir das identificações. Uma falta que viabiliza o advir do sujeito através de um significante que está antes de tudo no Outro e ela é o que o

irredutível e radical, própria da constituição do sujeito. É a partir desse posicionamento que o objeto *a* assume sua função de causa de desejo. (1962-63, p. 179).

¹⁸ Lacan trabalha o estádio do espelho como uma identificação, na qual antes mesmo de se tornar sujeito através linguagem é experimentada uma assunção jubilatória da imagem especular do sujeito. A função do estádio do espelho é a de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade. (1962-63, p. 31)

sujeito perde em sua entrada na linguagem, a falta é algo imprescindível para a inscrição do ser de linguagem.

A imagem do outro é o testemunho da operação da separação e faz com que ele possa estruturar sua própria imagem. Uma identificação que o deixa capaz de distinguir uma imagem que é a do outro. A unidade que o outro aparenta em seu imaginário é o aval que o sujeito toma para si e que justifica a possibilidade dele mesmo se constituir enquanto distinto. Um ser da linguagem possível a partir de uma imagem integral e completa que justifica seu investimento narcísico. Acredita-se que nessa imagem completa, esse outro goze dessa posição, um gozo¹⁹ narcísico.

Na condição de estrangeiridade a dinâmica da identificação fica suspensa em função de outro que não mais ocupa o lugar de semelhante enfraquecendo assim a possibilidade do exercício de uma subjetividade. A imagem não mais fornece e fortalece o que propiciou sua própria constituição, assim o estrangeiro deve ser capaz de algum tipo de recurso que impeça sua desestruturação ao longo da experiência.

4.3 O valor da língua

Na suposta vulnerabilidade dos estudantes oriundos de países de língua portuguesa investigada em nossa pesquisa, existe também uma falta de reconhecimento que não se limita à cultura, diz respeito também à língua.

Quando o estrangeiro fala uma língua diferente daquela do país que o acolhe, as implicações perante seu estatuto parecem lhe conceder um lugar diferente daquele que fala a “mesma” língua. Os estudantes oriundos de países de língua oficial portuguesa não são considerados tão estrangeiros como aqueles que falam outra língua. Deles espera-se de imediato um saber a respeito da língua que nega as diferenças que essa carrega.

É através da língua que se dá a transmissão da cultura. Toda a sociedade tem sua própria maneira de transmitir aos integrantes seus valores.

¹⁹ Diz respeito a uma tentativa de evitação, de se haver com a falta radical e irreduzível.

A partir do valor que o infante tem em sua cultura lhe são transmitidas as referências dessa em um tempo e uma ordem própria.

Em um primeiro momento, essa transmissão se dá através dos cuidados com o corpo que, a partir disso, torna-se pulsional. O psiquismo constitui-se a partir desse encontro entre um corpo e Outro que investe nele. A palavra acompanha esse primeiro investimento nesse corpo para se tornar a via primordial da transmissão dos valores de uma cultura. É uma transmissão que acontece sem o nosso conhecimento e sem um enunciado claro.

Essa palavra, a língua materna, acompanha todas as ações e se inscreve no corpo da criança, mesmo antes que domine essa linguagem. Essa palavra permite a transmissão em cada cultura de uma memória coletiva, servindo como suporte para a construção e o registro da memória individual.

A palavra dos pais transmite os valores e interdições às crianças cuja internalização possibilita a constituição do superego. Valores e interdições herdadas das gerações passadas e que garantem a perpetuação dos costumes e tradições através gerações. No entanto, a cultura não é uma entidade imóvel, ela está em constante transformação como o ser humano que a constrói.

As grandes mudanças socioeconômicas que presenciamos no mundo influenciam a transmissão de cultura entre as gerações, o que se modifica rapidamente e cujos efeitos são percebidos em diversos contextos. Uma cultura dita pós-moderna é tal que sua economia liberal priva o sujeito de seu engajamento social fomentando a necessidade do ter e rejeitando as implicações do viver em comunidade. Ao mesmo tempo, em outras regiões do mundo, outras mudanças sociais provocam migrações internas e externas, fomes e conflitos resolvidos pela imposição de uma forma única de expressão. A transmissão dos valores entre gerações fica comprometida, perde-se dessa maneira conhecimentos, ideais e palavras, o pensamento é abandonado, assim como a simbolização. A cultura deixa de ser em muitas regiões do mundo uma garantia para o sujeito deixando-o então desamparado.

Em um processo de migração o sujeito carrega os efeitos que sua própria comunidade impôs além do confronto próprio da estrangeiridade, de uma diferença que não se tolera. A migração representa um corte com as referências culturais, a perda do suporte que ampara o sujeito em relação ao que é externo e estranho à cultura. Na migração na maioria das vezes existe a

prerrogativa da perda da língua, o que significa a necessidade de aquisição de um novo idioma para que se possa veicular emoções e pensamentos. Na migração diante da perda das referências culturais, a língua que não se domina perde seu papel de suporte de transmissão. Nesses casos o adoecimento físico e psíquico faz a função da transmissão de um sofrimento manifesto no corpo.

A língua oficial dos países dos participantes a pesquisa é o português. Por língua oficial entende-se uma língua que é utilizada em atividades oficiais legislativas, executivas e judiciais de um determinado estado, segundo a UNESCO. É a língua consagrada na lei (através da constituição ou de lei ordinária), ou apenas pela via do costume de um país, estado ou outro território.

A escolha da língua oficial pode acontecer por diversas razões de cunho político e obriga o estado a fazer uso dela nas atividades oficiais do poder público, quer de direito externo (tratados e convenções internacionais), quer de direito interno (constituição, leis ordinárias, atos políticos, sentenças judiciais, atos administrativos, discursos oficiais, etc.). A língua oficial será, em princípio, a língua falada – se só houver uma – ou uma das línguas faladas – se houver várias – pela população de cada estado ou território. Só cerca de metade dos países do mundo tem línguas oficiais expressas na lei. Alguns têm só uma língua oficial, caso de Portugal, Brasil dos CPLP²⁰ e PALOP, outros têm mais do que uma, casos de Timor-Leste, país em que são oficiais o português e o tétum.

Dentre os estudantes que participaram da pesquisa havia estudantes de Angola, Cabo Verde e Guiné Bissau, países cuja língua oficial é a portuguesa. Outros países de língua oficial portuguesa mantêm convênio com o Brasil: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Não tivemos participação de estudantes dessas proveniências, no entanto, estendemos nossa compreensão do fenômeno da língua estrangeira também a eles. Vale lembrar que, mesmo

²⁰ Integrada por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, a CPLP foi estabelecida em julho de 1996, na I Conferência de Chefes de Estado e de Governo dos Países de Língua Portuguesa, em Lisboa (“Cimeira Constitutiva”). Na sequência de sua independência, em 2002, Timor-Leste tornou-se o oitavo Estado Membro da Comunidade.

tendo como língua oficial o português, os estudantes costumam usar os crioulos como forma de comunicação mais corriqueira.

Em países em que se falam dialetos, esses costumam ser a primeira língua de transmissão e podem, portanto, ser considerados como línguas maternas, sendo o português a língua que se aprende apenas a partir da inserção na escola. O português é uma herança da colonização de Portugal e é utilizado como o idioma das formalidades. Quando se fala com o colega que possui a mesma origem, que é da mesma tribo, utiliza-se com mais facilidade o dialeto. Certamente, ter um idioma comum trouxe benefícios econômicos e culturais entre os países, porém é necessário reconhecer a importância dos dialetos de diferentes regiões.

A República de Angola, cuja capital é Luanda, é um país da costa ocidental de África. Seu território principal é limitado a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico, estendendo-se por um território de 1.246,700 km. Sua população total, segundo dados do censo 2011 do Banco Mundial, é de 19.618,432 habitantes. Colonizada desde 1575, a Angola sofreu ocupações sistemáticas em todo seu território, obtendo a independência completa de Portugal em 11 de novembro de 1975. Em Angola, além do português, fala-se mais de quarenta e dois dialetos através dos quais acontecem as transmissões geracionais. Dentre os principais dialetos estão o umbundo, o quimbundo, o quicongo, o ovimbundo e o bacongo.

A República de Cabo Verde é um país insular africano, arquipélago de origem vulcânica, constituído por dez ilhas e localizado no Oceano Atlântico, a 640 km a oeste de Dakar, Senegal. Descoberta em 1460, Cabo Verde foi desde então colônia portuguesa em razão do interesse em sua posição estratégica que facilitava o tráfego e comércio de escravos. A partir da década de 50, os primeiros movimentos de luta pela libertação de Cabo Verde começaram a ser organizados, obtendo em 05 de julho de 1975 sua independência completa de Portugal.

Nas ilhas de Cabo Verde, país de língua oficial portuguesa, a realidade não é muito diferente da de outras antigas colônias. Das dez ilhas que compõem o país, nove são habitadas. Elas se dividem entre ilhas do norte (Barlavento) e ilhas sul (Sotavento), a favor do vento e contra o vento, em

relação às correntes de ar que costumam soprar ao longo do ano. Nas ilhas de Sotavento fala-se badiu, nas ilhas Barlavento o dialeto é sampadjudo. No entanto, existe uma diversidade ainda maior de crioulos em cada ilha.

Guiné-Bissau é um país da costa ocidental da África que se estende desde o cabo Roxo até à ponta Cagete e faz fronteira a norte com o Senegal, a leste e sudeste com a Guiné-Conacri (ex-colônia francesa) e a sul e oeste com o oceano Atlântico. Além do território continental, integra ainda cerca de oitenta ilhas que constituem o Arquipélago dos Bijagós, separado do Continente pelos canais do rio Geba, de Pedro Álvares, de Bolama e de Canhabaque. Foi colônia de Portugal desde o século XV até sua independência, em 24 de Setembro de 1973, reconhecida pelo colonizador em de 1974. Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa no continente africano a ter sua independência reconhecida por Portugal.

O kriol da Guiné é a mais antiga das línguas crioulas de origem portuguesa e 80% de seu vocabulário vem dela. Falada por de 60% da população local, e também no Senegal, ela é adotada como primeira língua por cerca de 160 mil pessoas e como segunda língua por 600 mil, ou seja, somente 13% da população fala português. Em Guiné-Bissau existem três dialetos principais, são eles: bissau e bolama, bafatá, cacheu–ziguinchor; dialetos de origem de povos próximos, mandingas, manjacos, e papéis.

A língua portuguesa ocupa o lugar de segunda língua, utilizada em formalidades e atos oficiais. O fato de ocupar tal lugar pode significar que existe em relação a essa língua um distanciamento como o que se tem diante de uma língua estrangeira qualquer, e também por parte dos estudantes em convênio.

Além das questões que envolvem o contexto de fala do português em cada um dos países CPLP, o português do Brasil pode também ser considerado uma língua estrangeira. Diante da estrangeiridade da língua o sujeito manifesta certo distanciamento, uma desconexão '*déconnexion*' (Kaës, 1998, p.107) de si mesmo e uma diminuição do grau de intimidade entre palavras e coisas, entre conflitos e suas expressões, entre os conflitos e suas representações; é difícil expressar seu sofrimento numa língua que não se domina. Segundo Kaës, no encontro intercultural existe um papel importante do pré-consciente em relação à língua estrangeira. Na encenação da

representação da palavra, isto é numa tentativa de fala, de transmissão, quando um sujeito não entende a língua de outro, acontece um fracasso momentâneo da atividade do pré-consciente. A finalidade dele é criar uma interpretação do externo para interno para que aconteçam as representações inconscientes. A expressão e descargas de afeto em palavras encontram-se prejudicadas quando não se domina a língua, o que gera uma angústia.

As dificuldades que não se restringem ao campo psíquico têm consequências também no âmbito acadêmico. A respeito da língua portuguesa existe um longo debate sobre sua unificação em países nos quais esse é o idioma oficial. No entanto, tal discussão está longe de ser ponto pacífico. Existem duas ortografias reconhecidas para língua portuguesa, o que dificulta sua aceitação internacional; dessa forma, as comunidades falantes de português buscam uma unificação através de um debate que vem acontecendo a mais de 15 anos. Sobretudo no meio acadêmico a possibilidade dessa unificação tem sido alvo de preocupação. É uma tarefa difícil e polêmica a de avaliar o que é correto ou não na escrita a partir do simples pressuposto de que, dependendo das necessidades, a língua pode evoluir e ser alterada ao longo do tempo. Muitos acordos e desacordos têm alongado a decisão que se concretizou com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no início de 2009 no Brasil e em 13 de maio de 2009 em Portugal. Foi estabelecido que cada país tem um tempo de transição até as reformas serem validadas e incorporadas, três anos para o Brasil e seis anos para Portugal e as antigas colônias. Mesmo com o acordo firmado, muitos portugueses recusam-se a adotar as regras da reforma, dizendo tratar-se de uma simplificação que só beneficia ao Brasil. Longe de estar resolvida essa questão, uma provável solução seria encontrada apenas no momento em que os acordos tragam benefícios a todos os países, acima de interesses políticos e particulares das comunidades de língua oficial portuguesa.

Mesmo chegando-se a um acordo a respeito dessa questão, a dificuldade da língua permanece, ainda que consideremos a língua portuguesa falada em Portugal como uma língua estrangeira, temos de admitir que existe uma maior familiaridade diante dela do que do português do Brasil para os estudantes oriundos dos países de língua oficial portuguesa. Quando esses chegam ao Brasil e escrevem utilizando o português oficial de Portugal, são

frequentemente criticados pelos professores que apontam sua dificuldade de compreensão. É-lhes solicitado que assimilem rapidamente a gramática e o vocabulário brasileiro para iniciar sua produção acadêmica. A forma como cada um aprende e integra esse novo português depende da iniciativa de cada estudante e, em um tempo de adaptação próprio de cada um, sua produção de português brasileiro começa a apresentar mudanças. E o que foi exigido em seus países até então como norma culta, passa a não mais ter valor no país de migração, no caso o Brasil.

Nessa discussão, a língua representa um importante papel, pois é o que caracteriza e restringe o grupo objeto desta pesquisa. O fato de não se falar o mesmo português, de não poderem produzir em seu próprio português, de serem consideradas línguas estrangeiras, além das implicações psíquicas, certamente tem um peso na experiência do intercâmbio desses jovens.

4.4 Vulnerabilidade psíquica, luto e melancolia

O termo vulnerabilidade vem sendo empregado em diversas áreas, sempre em referência a uma fragilidade. Essa fragilidade parece ser provocada por uma perda de referenciais simbólico-culturais e da própria história do sujeito. O termo passou a ser usado na área médica a partir da década de 80 em campanhas de prevenção da AIDS, cuja incidência fora associada gradativamente a grupos específicos, grupos de risco ou vulneráveis.

Segundo os autores Abromavay e Castro (2005, p.55), a vulnerabilidade refere-se a pessoas que, “por suas condições econômicas, culturais, de saúde ou educacionais têm as diferenças entre elas e a sociedade que as envolve transformadas em desigualdades”. E são as desigualdades que favorecem o aparecimento de estados de sofrimento psíquico como isolamento, melancolia, depressão e drogadição, entre outros, uma sorte de vulnerabilidade social.

No contexto da estrangeiridade é também a desigualdade e exclusão que reforçam uma condição de vulnerabilidade. Para aquele que migra, suas diferenças ou aquilo que o torna desigual em relação ao outro está justamente presente no que faz dele o que ele é, ou seja, parte de uma cultura e não de outra. Os atributos que marcam a diferença podem ser de ordem física, material, psicológica, cultural etc., e podem ser mais ou menos perceptíveis ao

olhar daquele que “acolhe”. E dependendo da aceitação que esses atributos têm no âmbito da cultura ou do sujeito que “acolhe”, a forma como o estrangeiro é recebido pode mudar.

No caso específico dos estudantes oriundos de países de língua portuguesa não é reconhecido por parte da instituição acadêmica que a língua falada e escrita não é a mesma entre todos os povos de língua oficial portuguesa. O não reconhecimento da língua tem um valor na experiência do intercambista, pois é por ela que se deu sua constituição e transmissão da cultura à qual ele pertence. Sendo assim, o intercâmbio pode transformar-se em uma vulnerabilidade institucional, na medida em que a exclusão social e acadêmica produzida pela não aceitação de suas diferenças facilita que emergjam sintomas. Essa vulnerabilidade diz respeito à incapacidade da instituição de fornecer aos integrantes os insumos fundamentais para o desenvolvimento dos recursos materiais e simbólicos.

No contexto político e social o fenômeno da vulnerabilidade é apontando como uma produção de responsabilidade dos grupos dentro de uma sociedade. A respeito desse conceito, o jurista Eugenio Raúl Zaffaroni (2010, p.351) refere que a exclusão que os grupos efetivam, tornaria aqueles que não são membros dele mais vulneráveis à opressão e à prática criminosa. Elementos tais quais cultura, etnia, cor/corpo ou até mesmo condições de moradia seriam determinantes para o desencadeamento da vulnerabilidade jurídica. A forma como utilizamos tal conceito na leitura do grupo estudado tem fundamento nos aspectos psicológicos que fazem de uma experiência de migração, mesmo que temporária, a ocasião do aparecimento de patologias diversas, sofrimento psíquico, depressão, isolamento, melancolia etc.

Os intercambistas são, com frequência, muito jovens e estão em uma idade em que necessitam, pela sua constituição psíquica, de um ambiente que proporcione um suporte emocional e com o qual eles possam se identificar. Na adolescência, enquanto fase de transição, os sujeitos necessitam de um grupo que reforce sua identidade que está em processo de transformação. Além de um corpo que se modifica, as responsabilidades nessa idade passam a ser mais numerosas e exigentes. O adolescente passa a circular em ambientes que não mais se restringem ao círculo familiar ou acadêmico, podendo estar mais expostos a diversidade e diferenças. O grupo faz justamente a função de

suporte para essa identidade em transição. A falta do respaldo cultural – que seria oferecida por um outro semelhante com o qual esse jovem poderia se identificar – ou experimentar condições socioeconômicas privativas, torna essa condição favorável ao que foi chamado de vulnerabilidade individual (SANT’ANNA, 2005). Essa condição também é propiciadora de comportamentos desviantes.

Acreditamos que essas separações didáticas do conceito de vulnerabilidade têm sua convergência no âmbito psíquico, que é o objeto de nossa pesquisa: a vulnerabilidade a partir do psíquico. As diferentes concepções do conceito de vulnerabilidade não deixam de ter validade, porém, neste trabalho, escolhemos enfatizar as contribuições da psicanálise a esse respeito.

A estrangeiridade aqui descrita como vulnerabilidade é o que diz respeito a uma especificidade do estrangeiro: ao estranho mais radical, uma série de elementos que denunciam a não pertença do sujeito, incapaz de se identificar ao grupo. Percebida dessa maneira, ela não se refere apenas ao migrante, diz de todos os indivíduos que sofrem, em algum momento, a perda de seus referenciais identificatórios.

Ser estrangeiro é algo passível de ser experimentado por todo sujeito fora de sua cultura ou referenciais, no entanto, a vulnerabilidade parece ser específica de estados psíquicos de perda. A vulnerabilidade refere-se a um estado em que o sujeito encontra-se desprovido dos instrumentos necessários para evitar que agentes internos e/ou externos o façam entrar em um estado de padecimento. A vulnerabilidade que pode aparecer no caso daquele que migra refere-se a eventos que são vividos enquanto perdas, de um lugar social, de um sentimento de pertença, de ideias compartilhadas com o grupo como também de referências culturais.

Freud (1921), ao longo de suas formulações a respeito do conceito de identificação, sempre trata com certa relevância dos elementos psíquicos e sociais que incidem no sujeito. A vulnerabilidade que presenciamos na experiência da estrangeiridade conserva semelhanças com a melancolia, pois nela existe, como na experiência da migração, uma dificuldade de identificação com um objeto substituto. A melancolia é um estado patológico de luto em que o próprio ego constitui o objeto perdido do melancólico. (ROUDINESCO, 1998).

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto recriminação e auto envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917, [1915] p. 4)

Na melancolia o sujeito comunica os efeitos/sofrimento, do que fora perdido. Há um retorno da libido em direção ao ego, um regresso à identificação narcísica originária, de ego ideal, no qual o par amor-ódio parece desempenhar um papel importante diante da frustração. Na melancolia, o sujeito atravessa um retorno ao ego ideal que representa a introjeção dos ideais das imagos. O ideal, no desencontro com a diferença, encontra-se confrontado e ocorre que, para alguns indivíduos não há possibilidade de abrir mão desse ideal, o que, conseqüentemente, acarreta em um retorno e um recrudescimento de investimento narcísico.

Diferentemente do luto, na melancolia não se sabe o que foi perdido, embora em ambos exista um sofrimento. Mesmo tendo escolhido a aproximação entre o mecanismo da melancolia e a vulnerabilidade emergente da experiência da estrangeiridade, não se exclui a possibilidade do sujeito vir a experimentar um luto identitário durante uma migração ou mesmo de que acesse incólume o confronto com a diferença. A vulnerabilidade do sujeito está diretamente associada à revivência do desamparo fundamental, sendo a associação à melancolia, a identificação ao objeto perdido. É necessário esclarecer neste ponto que a melancolia não é em si essa vulnerabilidade, embora exista sim uma vulnerabilidade na melancolia, pois ela já é uma tentativa de cura frente a vulnerabilidade. O fato de associar a melancolia à vulnerabilidade significa reconhecer semelhanças no tipo de identificação.

A estrangeiridade coloca o sujeito em contato com algo de seu desamparo; isso vale para todos. Esse algo tem a ver com a perda dos referenciais narcísicos, ou seja, identificatórios. A maior parte dos estrangeiros, pelo fato de possuírem referenciais (primários) internalizados bem constituídos, atravessam dificuldades, podendo superá-las e aceitar fazer novas identificações narcísicas por intermédio do trabalho de luto (as identificações secundárias que nunca param de se constituir). Mas o que acontece quando o contato com o desamparo, esse estado próprio de quem se sente estrangeiro,

associa-se à uma vulnerabilidade psíquica? O sujeito não consegue realizar as identificações secundárias com a nova cultura e, portanto, torna-se incapaz de inserir-se nela. Quanto mais à margem, mais vulnerável o indivíduo está e mais ele precisará reafirmar suas identificações com a cultura mãe, o objeto perdido. É nesse caso em que se poderia observar a entrada em funcionamento de uma melancolia (ou o trabalho de luto nos casos em que isso puder ser elaborado). No caso da melancolia a identificação com o objeto perdido é feita no molde narcísico primário, ou seja, não há diferenciação ego-outro. Esta indiferenciação impede o sujeito de fazer a distinção necessária para se reconhecer e assim efetivar novos investimentos.

A estrangeiridade, na experiência da migração, enquanto condição psíquica, refere-se a um vivido alheio ao país de “acolhimento”, à margem, e guarda semelhanças com a melancolia. O migrante em condição de vulnerabilidade sente que perdeu partes de sua cena original, que foram deixadas para trás. Se compararmos a cena do migrante com uma peça de teatro, nosso ator perderia seu palco, aqueles com quem contracenava, seu diretor, o contra regra, o público e até mesmo as cortinas que marcam o fim de uma cena ou do espetáculo.

Diante da necessidade de se localizar na dinâmica da identificação, o migrante perde seu lugar tanto em seu país de origem, como naquele para o qual migrou, além de perder também o reconhecimento desse lugar por parte do outro, perde o reconhecimento narcísico e os ideais do grupo. Quando enumeramos as cenas perdidas não estamos tentando quantificar nem dar nome ao objeto perdido. Na identificação melancólica trata-se justamente do valor que essas perdas têm. Valor esse que somente o sujeito poderá atribuir a partir de sua história, e que provoca um sofrimento por não se saber bem o que fora perdido.

O processo de identificação melancólica apresenta certa ambivalência, presente em todas as formas de identificação, no modo como o objeto pode se ver investido de uma importante catexia e, no entanto, ele não é muito resistente. Quando falamos de um objeto não resistente, falamos da sua qualidade principal, do fato de ele não ser imprescindível. O objeto pode vir a faltar, mas o afeto do qual ele é investido na identificação não o pode. Essa condição denota a forma como a escolha do objeto se deu, uma escolha

narcísica de objeto para que, caso surjam dificuldades contra o objeto de investimento, o ego possa regredir ao narcisismo.

Na medida em que o migrante percebe seu distanciamento da mãe pátria e de suas respectivas referências enquanto perda, o afeto nelas investido precisa ser descarregado. Assim, com frequência, em uma condição de estrangeiridade, a própria cultura natal e as origens assumem um valor primordial. Quando a identificação se dá nos moldes objetais, em que o objeto é visto como diferente do ego, existe a possibilidade substitutiva do investimento de amor, assim, apesar do conflito que pode surgir da relação ou perda desse objeto, a relação de amor pode ser substituída.

A identificação é a fase preliminar da escolha de objeto, e conserva na sua etiologia todo um caráter ambivalente pelo próprio mecanismo, e é esse que explica a intensidade da identificação melancólica. Esse mecanismo diz de uma escolha original primária, em que o objeto é motivo de conflito, pois de um lado existe a dependência dele, e do outro a descarga que ele possibilita.

Dépendance par rapport à l'objet et conflit d'ambivalence – "Lorsqu'il découvre que l'objet de satisfaction est extérieur à lui, l'enfant se sent plein d'amour pour lui, mais il découvre en même temps sa dépendance à son égard, découvre qu'il ne peut se passer de l'objet pour sa satisfaction. Quand cette dépendance à l'égard de l'objet externe est reconnue, elle blesse le narcissisme de l'enfant et mobilise des affects qui viennent entrer en antagonisme avec les affects amoureux, provoquant un conflit entre deux motions pulsionnelles, deux tendances psychiques: c'est le conflit d'ambivalence. L'objet 'donne' la satisfaction, il est aimé pour cela, mais la satisfaction dépend de l'objet, celui-ci n'est pas toujours disponible, il peut manquer, être blessant, et sera haï. Sur l'objet externe, se portent deux affects contradictoires et antagonistes. (ROUSSILLON, 2007, p. 118)²¹

A ambivalência é proveniente do par amor-ódio dirigido a todo objeto de amor. O objeto de identificação narcísica é externo ao sujeito e nem sempre disposto a oferecer uma satisfação a ele. No mecanismo da identificação melancólica

²¹ Dependência do objeto e conflito de ambivalência - "Quando ele descobre que o objeto de satisfação lhe é externo, a criança se sente cheia de amor por ele, mas ao mesmo tempo ele descobre sua dependência perante ele, descobre que ele não pode controlar o objeto para a sua satisfação. Quando a dependência do objeto externo é reconhecida, o narcisismo da criança sente-se ferido e mobiliza emoções que são antagonicas com as emoções de amor, causando um conflito entre os dois sentimentos pulsionais, duas tendências psíquicas: o conflito de ambivalência. O objeto 'dá' satisfação, é amado por isso, mas a satisfação depende do objeto, ele não está sempre disponível, pode estar faltando, ser doloroso, e será odiado. Sobre o objeto externo pairam duas emoções conflitantes e antagonistas. – Tradução minha.

está presente um conflito referente à perda do ego enquanto objeto de investimento, à existência do afeto e ao deslocamento desse em virtude da perda. A escolha narcísica de objeto que se sucede garante ao sujeito a possibilidade de regressão e, sobretudo determina a intensidade da ambivalência.

Si l'amour pour l'objet, qui ne peut pas être abandonné tandis que l'objet lui-même est abandonné, s'est réfugié dans l'identification narcissique, la haine exerce son activité sur cet objet substitutif en l'injuriant, le rabaissant, le faisant souffrir et en tirant de cette souffrance le bénéfice d'une satisfaction sadique. L'auto-tourment de la mélancolie, indubitablement riche en jouissance, signifie, tout à fait comme le phénomène correspondant de la névrose de contrainte, la satisfaction de tendances sadiques et de haine qui concernent un objet et ont, sur cette voie, subi un retournement sur la personne propre... (Gwenolé, 2002, p. 43)²²

Na identificação melancólica o ego encontra-se dividido em dois (*in zwei Stücke zerfällt*). O conflito no qual o melancólico se encontra faz com que, de um lado, o ego retorne à identificação narcísica sob a influência do conflito de ambivalência ao qual está vulnerável e que o faz regredir a um estado próximo ao sadismo. A proximidade do sadismo refere-se ao modelo para a compreensão da identificação primária que é o canibalismo: a incorporação do objeto ao modo ambivalente amor-ódio, tendo como consequência de sua incorporação, a destruição desse.

Diante do amor pelo objeto do qual não se pode abrir mão mesmo que o objeto em si seja perdido, aquele que venha a substituí-lo passa a estar em parte sob o exercício de uma satisfação sádica em uma identificação narcísica. Por outro lado, o amor é transformado pela introjeção do objeto perdido, o que faz o sujeito regredir a um estado de narcisismo originário no qual o ego encontra-se demasiadamente investido. Essa divisão faz emergir a ambivalência, que nunca deixou de existir, pela qual o sujeito é tomado no momento dessa perda e de sua identificação com esse objeto. Nesse ponto, faz-se necessária uma distinção entre a identificação, a escolha objetal e a dependência mútua, antes de retomar o mecanismo da identificação.

²² Se o amor pelo objeto, que não pode ser abandonado, enquanto o próprio objeto é abandonado, se refugiou na identificação narcísica, o ódio, opera sua atividade no objeto substituto injuriando, denegrindo, causando dor e obtendo desse sofrimento o benefício de uma satisfação sádica. A auto tormento de melancolia, sem dúvida rico em gozo, ou seja, exatamente como o fenômeno da neurose, a satisfação sádica e o ódio que concernem um objeto sofrem desta forma um retorno sobre a própria pessoa... – Tradução minha.

Existe para o individuo dois possíveis desfechos de satisfação pulsional no complexo de Édipo – ativo e passivo. A satisfação pulsional ativa tem como objetivo fazer com que a criança possa ocupar o lugar do pai e assim, ter como objeto sexual a mãe. Na satisfação pulsional passiva a criança quer ocupar o lugar da mãe e assim ter como objeto sexual o pai. Identificar-se com um objeto tal como o pai ou a mãe, significa querer tê-lo ou ser igual a ele. Outra forma de identificação acontece quando o individuo se identifica com uma pessoa enquanto objeto sexual, restabelecendo a relação com aquilo com o qual a identificação se deu e se perdeu.

Se alguém perdeu um objeto, ou foi obrigado a se desfazer dele, muitas vezes se compensa disto identificando-se com ele e restabelecendo-o novamente no ego, de modo que, aqui, a escolha objetal regride, por assim dizer à identificação (FREUD, 1933, p. 82).

Quando se perde algo, ou se é obrigado a abrir mão de certo objeto, o que resta ao sujeito é uma identificação com o próprio objeto perdido. Essa identificação possibilita então que esse objeto passe a existir no universo psíquico do sujeito, mais precisamente no ego. É o que acontece, por exemplo, ao final do Complexo de Édipo, como veremos posteriormente.

O tema da estrangeiridade também trata de uma condição vivida enquanto uma perda. Parece tratar-se de um investimento pulsional que o sujeito faz naquilo que o constitui enquanto tal dentro de sua cultura. Um investimento justificado e compartilhado pelos outros de seu grupo cultural. O que é reconhecido em um grupo passa a não ser mais reconhecido pelo outro quando esse sujeito ocupa o lugar de estrangeiro.

Na condição de estrangeiro, o que deixa um sujeito vulnerável em alguns aspectos não se restringe ao mecanismo da identificação. O lugar no qual o estrangeiro é convocado resgata em parte uma estrangeiridade que repete algo de um mecanismo primitivo, isto é, de um momento de sua própria constituição, e que deixa o sujeito em situação de certo desamparo, próprio do não saber. O desamparo, tanto quanto a estrangeiridade, pode ser pensado como inerente à constituição humana, mobilizando o ser humano a respeito de sua fragilidade para a dependência do outro. A estrangeiridade, presente em todo sujeito enquanto propiciadora de vulnerabilidade poderá emergir na esfera psíquica ou no corpo.

Assim, não parece ser possível falar de numa identidade própria de estrangeiro, mas sim de um mecanismo de identificação precário ao qual ele está sujeito no contexto em que a cena de estrangeiridade se dá. Na condição de estrangeiridade, o que ocorre é um excesso de investimento narcísico, já que o investimento no grupo encontra-se prejudicado. O desfecho do encontro com a diferença, além de uma identificação melancólica, pode conduzir até mesmo ao luto, enquanto possibilidade de processar aquilo que foi vivido como perda. A perda do objeto pode estar relacionada a um ideal, a uma crença, a um objeto de amor, ou a uma parte de um objeto. O sujeito sabe claramente o que está perdendo, um saber que não é necessariamente consciente. Freud, em “Luto e melancolia” (1917), escreve que no luto é o mundo que se torna vazio e pobre. O sujeito que ocupa um lugar de estrangeiridade, acompanhando essa lógica, também se comporta como se tivesse perdido algo.

Aquele que migra pode experimentar uma identificação melancólica na medida em que, em sua experiência, a dificuldade de fazer novos investimentos faz emergir um sentimento de ambivalência perante o que vem a se oferecer como seu objeto de amor; como numa espécie de dívida emocional para com aquele que lhe ofereceu a garantia de cuidados e de amor. Se há melancolia é por que a substituição do objeto do trabalho de luto não pôde ser feita. Quando o sujeito é capaz de mergulhar em um processo de luto diante de um objeto de investimento perdido, tratar-se-ia de uma condição desejável apontando a efetividade da elaboração.

Como se pode ler em “Totem e Tabu”, a perda do objeto Totem, faz com que os homens do clã chorem por ele. Jean Claude Métraux (2011) ressalta que o luto pode advir diante de uma circunstância criadora ou mortífera. A primeira diz de perdas de toda ordem susceptível ao luto e a segunda refere-se a experiências traumáticas imunes ao luto. No entanto, é necessário distinguir as circunstâncias que determinam se um evento é ou não passível do luto. Sua perda diz respeito a um lugar de reconhecimento de si como também diante do olhar do outro.

Diante do que é vivido pelo sujeito como perda geográfica e cultural dos referenciais, o processo de luto tende a anular a ambivalência anterior, ou seja, todos os sentimentos negativos anteriormente dirigidos à pátria mãe quando lá

se vivia; na migração esses sentimentos são anulados pelo processo de luto, que, operado pela culpa provinda da ambivalência previamente descrita mobiliza uma supervalorização das raízes, e de tudo que se associa à pátria mãe. No processo de luto existe uma tentativa de anular a culpa pelos sentimentos negativos efetivando uma supervalorização daquilo que se acredita perdido, ou seja, uma supervalorização do objeto em detrimento do próprio ego. Aqueles que experimentam a experiência da migração dessa forma supervalorizam a cultura da mãe pátria através de uma identificação parcial: seio bom (pátria) e seio mau (nova pátria), em termos kleinianos. Com o objeto perdido, a identificação é melancólica porque narcisista.

Como já referido, esse tipo de identificação ao objeto é parcial, portanto mesmo a identificação à mãe pátria o é. Essa identificação é denominada por Abraham (1995) como incorporação, e funciona segundo o modelo 'ou...ou', que exclui; não existe possibilidade do 'e', que acrescentaria. Ou seja, não há uma lógica da troca ou de acréscimo capaz de fazer com que o sujeito se permita um novo investimento, pois é uma escolha que exclui. Tudo o que se apresenta como novo é ameaçador e não pode ser visto nem como acréscimo, nem como oportunidade.

O estudante de intercâmbio tem como objetivo realizar uma formação que o ajude a buscar respostas individuais e coletivas levando em conta então as particularidades. Até porque a cultura em que irá fazer o exercício profissional nem sempre é a mesma para qual o conteúdo aprendido é constituído. Como lidar com a lógica do tudo ou nada em relação à particularidade da identificação parcial?

Quando o sujeito é capaz de sedimentar sua experiência de uma forma menos proveitosa, em que existe um sofrimento subjacente à sua condição, na qual ele insiste em replicar sua condição de estrangeiridade, ele pode transformar essa condição em sintoma. Um sintoma que pode expressar sua dificuldade ou até mesmo sua incapacidade de realizar novas identificações que lhe permitam experimentar o sentimento de pertença à nova cultura.

Durante a experiência em um país estrangeiro os migrantes passam por inúmeras dificuldades para efetivar uma identificação operante que lhes permita pertencer a outra cultura, assim, passam a adotar comportamentos que

denunciam um sofrimento próprio de sua condição possibilitando a emersão de doenças.

... derrière toute conduite 'déviiée', il y a une situation de conflit sous-jacente, la maladie étant l'expérience d'une tentative manquée d'adaptation au milieu... (PICHON-RIVIÈRE, 2003, p. 9).²³

As condutas 'desviantes' seriam, para esse autor, o sinal de que o sujeito estaria experimentando um conflito em sua tentativa de adaptação. A responsabilidade da formação do sintoma pode ser atribuída ao mecanismo de identificação que na condição de migrante é precário. O tipo de identificação que o estrangeiro em condição de estrangeiridade parece mobilizar revela a impossibilidade de um investimento em um objeto substitutivo. Na instalação da condição de estrangeiridade, além dos fatores externos, também os internos concorrem para a sedimentação desse estado. A identificação não é simples imitação, mas é uma apropriação, ela é uma "forma original de laço emocional com um objeto" (FREUD, 1921, p. 135) através da introjeção do objeto no ego.

Quando falamos de estrangeiridade estamos apontando para uma condição em que um novo laço está impossibilitado na medida em que não há possibilidade de novos investimentos. Não significa, no entanto, que não haja identificação, mas que talvez ela aconteça em relação aos aspetos doentios da nova sociedade, como acontece nos casos de Freud. A identificação pode "surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto da pulsão sexual", isto é, que não é o objeto primordial de investimento (FREUD, 1921, p. 136).

Em Freud encontramos a ilustração desse mecanismo, desse tipo de identificação, no caso Dora (publicado em 1905), em que a moça tem uma tosse. No caso da Dora, a tosse é uma imitação da pessoa amada, seu pai. Podemos afirmar "que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação" (FREUD, 1921, p. 135). Em ambos os casos podemos apontar que a internalização por meio do processo de regressão de um só traço do objeto parece ser o único objetivo dessas identificações.

²³ Por trás de toda conduta "desviante", existe um conflito subjacente, sendo a doença a experiência de uma tentativa frustrada de se adaptar ao ambiente. – Tradução minha.

Outra forma de identificação é aquela na qual o sintoma imitado não aponta para uma relação objetal com aquele que está sendo imitado. Nesse outro tipo de identificação não parece haver investimento libidinal. Para ilustrar esse contexto, Freud relata o caso de uma moça que vive em um internato. Ela recebe de seu amado uma carta, e essa lhe desencadeia uma crise histérica. Nesse mesmo internato outras meninas desenvolvem as mesmas reações por uma infecção mental. Aqui o desejo de se colocar na mesma condição que as outras denota um mecanismo de identificação em que ela iguala-se às outras ao imaginar que também queiram viver o mesmo que ela.

A identificação que ocorre na condição de estrangeiridade implica em que um sujeito, mesmo tendo seu objeto introjetado, revela a impossibilidade de investir em novos objetos. Mas, na medida em que não existe a possibilidade de investimento em novos objetos, tornar-se-á difícil o exercício da própria identidade.

Falar da condição de vulnerabilidade na condição de estrangeiridade não deve significar generalizar essa condição a todos aqueles que emigram, e sim que se considere as variáveis possíveis quando do encontro com o estranho. Não é porque o estrangeiro se afasta da própria pátria que irá perdê-la, no entanto, esse distanciamento pode ser vivido por alguns como perda.

Os novos objetos que integram a nova realidade clamam por novas identificações que se mostram ameaçadoras para o migrante. Aqueles que de alguma forma percebem como ameaçadora a possibilidade de novas identificações em relação às antigas, encontram-se incapazes de exercer sua identidade, padecendo de um sofrimento. Essa incapacidade de identificação não é causa ou motivo, ela sinaliza uma vulnerabilidade em que o sujeito se encontra, tal vulnerabilidade psíquica ocorre em alguns migrantes; resta ainda saber o que faz com que isso aconteça para uns e não para outros? A impossibilidade de fazer novos investimentos identificatórios evoca um desamparo original que deixa o sujeito, assim como no desamparo fundamental, à mercê do outro, que, no caso do migrante, é um outro completamente desconhecido.

Se esse processo se cristaliza de modo melancólico, podemos nos referir a uma vulnerabilidade psíquica que impediria ao estrangeiro de fazer

novas identificações e, conseqüentemente, novos laços libidinais que poderiam lhe favorecer o pertencimento a novos grupos.

4.5 O grupo e o valor da identificação

Uma apresentação do contexto social assim como sua importância e caracterização diante da constituição do sujeito é um elemento relevante na proposta de uma pesquisa que investiga a sua dinâmica fora do grupo de nascença. É essencial apresentar esse contexto em que se desdobram suas relações, mesmo que o objetivo remeta ao universo particular dos participantes da pesquisa, trataremos a seguir do grupo e sua dinâmica. A caracterização do social e das instituições é importante, tendo em vista o tema escolhido, por se tratar de estudantes que migram para integrar novos grupos como a universidade.

Quando se fala em condição de estrangeiridade, antes de tudo trata-se de um sujeito que, para ser compreendido enquanto tal está inserido em um contexto social. Nesse contexto de partida ele é constituído, não em um ser imutável, mas sim em um ser que o tempo todo se relaciona com sua realidade, a modifica e é por ela modificado. Por essa razão, ele é considerado um ser social conservando em sua particularidade, através das identificações, aquilo que lhe foi transmitido pelo outro.

A manutenção do mecanismo de integração do sujeito no grupo se garante pela via pulsional. O sujeito dispõe de uma energia que faz com que ele seja fisgado pelo outro e, a partir da introjeção do superego e da identificação, ele possa advir a partir daquilo que o constituiu, como vimos anteriormente.

No sujeito constituído a partir da identificação habita uma energia que precisa ser descarregada ou investida, e é esse investimento que possibilita a constituição do objeto através do qual, inclusive sua descarga é possibilitada. Trata-se aqui de dois tipos de energia, a libidinal que é a descarga e a pulsional que determina o movimento em direção de uma satisfação ainda que parcial.

Em “Psicologia das Massas e a Análise do Ego” (1921), Freud engaja-se na tentativa de entender o fenômeno dos grupos, como se formam e a influência que exercem em seus membros. A partir da concepção da pulsão

pela via do 'amor', Freud introduz a ideia dos laços constituídos a partir da identificação, uma libido que retorna ao ego para investir-se narcisicamente nos objetos.

Trieb (pulsão) significa o broto, uma força germinativa, um impulso, impulsão, propulsão. Freud (1915) define o conceito de pulsão como representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo e se ligam à mente. Em seu artigo de "*Trieb und Triebshicksal*" [As vicissitudes da pulsão] Freud aponta os quatro momentos da pulsão: O *Drang* (impulso), força constante ligada, a *Quelle* (fonte), que inscreve a estrutura de sua borda, o *Objekt* (objeto), indeterminado e o *Ziel* (fim). Outro elemento importante nesse circuito é o *Reizt* (excitação), cuja descarga traz a satisfação da pulsão.

A pulsão, a partir das contribuições freudianas, é percebida enquanto o encontro do biológico com o cultural, filogênese e ontogênese. Na perspectiva desse autor, a formação do ser humano acontece a partir do encontro do biológico com o cultural, poderíamos dizer, de maneira complementar. Freud (1920) divide as pulsões em pulsão de vida e pulsão de morte. A pulsão de vida é representada nos investimentos amorosos do sujeito com o ego, o outro e o mundo. A pulsão de morte é representada na expressão da agressividade dirigida ao ego, ao outro e ao mundo. Dentro da pulsão de vida circulam a pulsão de vida, o princípio do prazer e as pulsões eróticas. A pulsão de morte é caracterizada pela compulsão a repetição e um retorno à inercia, ao estado anorgânico, que pode ser a morte.

Como vimos no subcapítulo anterior, é o Outro quem irá introduzir o simbólico para o *infans*, portanto é ele quem irá introduzir os elementos simbólicos necessários para que se estabeleça a relação entre o somático e o psíquico que Freud (1915) irá denominar pulsão. O pulsional se constitui, portanto, na relação com o Outro.

Na condição de estrangeiridade o migrante, da forma como ele é percebido ao longo desse trabalho, é aquele sobre o qual ocorre o investimento de uma energia, ou seja, a energia pulsional. A satisfação da pulsão não é completa ou ao menos não satisfaz totalmente o sujeito, pois será sempre uma tentativa de repetir uma experiência que foi originalmente registrada como completa. Dessa descarga, o que o sujeito apreende é a impossibilidade da satisfação completa da pulsão. No instante em que a descarga acontece, o

sujeito perde o interesse pelo objeto, ficando claro que ele tem pouca ou nenhuma importância diante da necessidade de descarga. Nessa dinâmica do investimento pulsional que o sujeito pratica desde seu nascimento, cabe ressaltar que seu funcionamento é como o de um circuito, ou seja, não há um fim.

Freud, em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921), admite que a vida em grupo interfere ativamente na construção da vida psíquica do sujeito enquanto tal, pois a influência desse é inevitável. A possibilidade de conhecer e conceber o psíquico está inexoravelmente atrelada ao outro: família, grupo social ou cultura. Toda relação que o sujeito estabelece com o outro é um evento de caráter social. A identificação que revela o laço afetivo aponta ao mesmo tempo para certa onipotência e onipresença desse outro na constituição subjetiva. Assim, o campo no qual o sujeito aparece é no registro do outro, da cultura. As instâncias que possibilitam o mecanismo de identificação e a introjeção do superego são percebidas enquanto vinculadas, por tentarem dar conta da relação entre sujeito e sociedade. Essa relação é o que funda o sujeito, sendo que o psíquico e o social são constitutivos desse.

A importância da dinâmica da socialização e o valor que ela tem na produção do sujeito inserido em uma sociedade foi utilizada nesta pesquisa a partir de “Totem e Tabu” (1913) e do ensaio “O Futuro de uma Ilusão” de Freud (1927). Em ambos o autor desdobra a questão do homem como ser inserido em sua própria cultura e sociedade, detendo-se nas origens da religião e da moralidade. A inserção do sujeito na sociedade é determinante para que haja a socialização do mesmo com os outros membros do grupo.

Em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921), Freud discorre a respeito dos motivos pelos quais os indivíduos integram grupos. Ele cita diversos autores da psicologia social que contribuíram para a compreensão do fenômeno de grupo. A partir dessas contribuições fica claro que os indivíduos se apresentam em grupo de maneira substancialmente diferente da qual se apresentam individualmente. No entanto, essas considerações não são suficientes para entender esse fenômeno, pois faltam as construções que concernem aos processos psíquicos que sustentam tais formações. Esse mesmo tema foi trabalhado em outros textos de Freud, como no ensaio “O Mal-

estar na Civilização” (FREUD, 1930), no qual faz sua principal contribuição a respeito dos mecanismos psíquicos que constituem o processo grupal.

Freud (1921) descarta a possibilidade de uma pulsão primária ser a responsável pela existência do instinto social. Segundo ele, a razão da relevância da relação grupal frente ao indivíduo não pode, de maneira alguma, ser vinculada a razões de ordem natural. Ele formula a essa altura o conceito de libido que, de certa maneira, visa preencher as interrogações a respeito dos mecanismos pelos quais o indivíduo integra contextos grupais e o valor deles na constituição psíquica. A partir desse conceito, Freud esclarece que o fenômeno das formações grupais se dão através de laços libidinais.

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos²⁴ que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra "amor". O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome "amor" –, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e as ideias abstratas (FREUD, 1921, p. 115).

Nessa passagem, Freud (1921) discorre sobre os tipos de amor, possibilidades de relações amorosas, como laços emocionais, e aponta para o fato de que esses constituiriam o âmago do vínculo grupal. O grupo parece manter-se unido "por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros?" (FREUD, 1921, p. 117). Segundo Freud, o amor implícito às relações é o que favorece ao que alguns autores da psicologia social nomeiam como o fenômeno de sugestão.

Na leitura de Freud (1921) em autores como Gustave Le Bon e William Mc Dougall, o processo de integração grupal tem efeito no indivíduo a partir de

²⁴ Instinto: “Termo utilizado por certos autores como tradução ou equivalente do termo freudiano *Trieb*, para o qual, numa terminologia coerente, convém recorrer ao termo pulsão. A concepção de *Trieb*, como força impulsionante relativamente indeterminada quanto ao comportamento que induz e quanto ao objeto que fornece a satisfação, difere nitidamente das teorias do instinto”, p. 314. Pulsão: “Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem sua fonte em uma excitação corporal (estado de tensão): o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto, ou graças a ele, que a pulsão pode atingir seu alvo”, p.506. Laplanche, Jean e Pontalis, J. – B. Vocabulário da psicanálise, 1986.

um fenômeno chamado sugestão, e esse seria próprio da constituição de um grupo. É a partir da sugestionabilidade que esses autores justificam a forma como um indivíduo passa a fazer parte de um grupo, entendendo assim tal fenômeno como sendo da mesma ordem de um mecanismo hipnótico. Da forma como é entendido esse mecanismo por esses autores, o indivíduo que integra certo grupo passa a agir e reagir dentro da lógica específica desse grupo. Como já afirmado acima, tal lógica parece ser diferente daquela que o indivíduo segue quando funciona de maneira isolada. Essas alterações psicológicas que acontecem no indivíduo no momento de sua integração com o grupo são relevantes para Freud, que as nomeia como sinais de formações grupais.

Na condição da estrangeiridade podemos pensar que o sujeito passa a agir de forma isolada, mesmo encontrando-se diante de um grupo. Esse estrangeiro não é mais reconhecido e não mais reconhece o grupo diante do qual ele se situa. Assim, há uma mudança na lógica de funcionamento do sujeito no que diz respeito às características que tornariam o contexto familiar.

Freud enfatiza então a relevância dessas contribuições ao mesmo tempo em que relativiza a sugestão como sendo ela o que traz a compreensão do fenômeno de integração do indivíduo ao grupo. Em seu entendimento, os fenômenos psicológicos que explicam tal fenômeno não estariam elucidados simplesmente pela sugestão, pois a sugestão em si não é compreensível. Para que esse fenômeno se repita da mesma forma como ele acontece nos mecanismos de hipnose, no grupo também deveria haver o hipnotizador, mas quem seria ele? Qual a fonte dessa sugestionabilidade? "Era necessário protestar contra a opinião de que a própria sugestão, que explicava tudo, era isenta de explicação" (FREUD, 1921, p. 114).

A sugestionabilidade e transmissão de um para outro só é possível na perspectiva psicanalítica a partir da existência do superego. Entende-se que aquele que migra o faz carregando com si a bagagem de uma cultura social, familiar e individual. É a partir da internalização do superego na identificação com o outro que se determina a constituição psíquica do sujeito/criança. Através dessa instância se dá a aquisição dos valores morais e a internalização das normas, do que é aceito e do que não o é dentro de uma determinada cultura. A estruturação do superego é indispensável para que o indivíduo

desenvolva uma vida social. Essa estruturação é fruto de uma separação, em que as instâncias passam a ocupar lugares distintos na estrutura psíquica do sujeito, caracterizando um luto reeditado permanentemente.

Segundo Freud (1933), esse mecanismo é fundamental para a constituição psíquica da criança, pois através da identificação ela faz a introjeção do superego que lhe permite estabelecer um laço social. Por esse laço lhe são garantidas a satisfação de suas necessidades físicas e psíquicas. Dessa perspectiva, podemos dizer que os pais são os primeiros objetos de identificação do indivíduo. Na identificação com as imagos parentais é como se o sujeito incorporasse oralmente o outro (FREUD, 1933). Essa operação é entendida como uma ação canibalesca, pela qual a introjeção possibilita a identificação com o outro que pode coincidir com o cuidador ou com as imagos parentais também investidas como objeto. É pela via da identificação que o amor efetiva sua incorporação ao ego, e essa relação com os objetos, enquanto escolhas narcísicas, evitam uma oposição entre o ego e o objeto.

A identificação é uma forma original de laço emocional. Caso a identificação seja com o objeto, é imprescindível que o sujeito seja capaz de abrir mão de seu “ideal do ego” para instaurar o ideal do grupo personificado na figura do líder, representante da figura paterna. Para não perder o amor do pai o sujeito renúncia às satisfações pulsionais possibilitando assim o surgimento da civilização.

A formação grupal seria garantida somente pela existência de um amor, do Eros intrínseco na ideia de sugestibilidade. O investimento no grupo se encontra reforçado em detrimento do investimento narcísico que passa a ser limitado. Essa limitação faz com que a vontade coletiva prevaleça sobre as vontades individuais. Na condição de estrangeiridade não ocorre ou parece não ser efetiva essa sugestibilidade. O sujeito, ao chegar a uma nova realidade, não reconhece o outro e nem a ele mesmo como parte de um grupo. Para muitos que partem de sua terra natal para viver uma experiência como estrangeiros, temporariamente ou não, existe o receio da perda desse amor do pai de origem, na medida em que escolheram uma nova pátria para exercer suas ações sociais e particulares. O laço emocional original pode ser percebido enquanto ameaçado na medida em que o sujeito se aventura entre novas possibilidades de laços e identificações.

A colocação do líder como ideal de ego exige de cada integrante do grupo um sacrifício, no caso o narcísico. Esse sacrifício não é algo que se faz sem obter recompensa, pois a seus membros é prometida a proteção do líder, ou seja, do pai representado pela figura do líder ideal. Todos os grupos, segundo Freud, obedecem aos mesmos mecanismos, sem exceção. Em 1921, ele apresenta a instituição da igreja como sendo um grupo, cujo pai é Cristo que promete a seus devotos e fieis a proteção eterna. Nesse grupo também prevalece a finalidade da manutenção do mesmo em detrimento dos investimentos individuais e, conseqüentemente, a dessexualização dos indivíduos e das relações.

A vinculação afetiva presente na natureza dos grupos também é assegurada na abordagem individual, ela representa a expressão de um laço emocional com o outro, determinante na superação do conflito edipiano. A identificação possibilita a neutralização do exercício da agressividade contra os integrantes de um mesmo grupo, sempre que possa manter aquele para o qual a agressividade possa ser direcionada. A esse respeito, Freud escreve: "É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade" (FREUD, 1930, p.136).

O Ego se constitui seguindo o mesmo molde de coesão grupal. Devido a esse laço imprescindível na constituição do sujeito, Freud (1921) trata da psicologia individual como sendo tão determinante quanto a psicologia social para a compreensão do homem e de sua complexa relação com a dinâmica pulsional e relações sociais. Pode-se dizer que o outro é sempre efetivo, indispensável e presente na constituição psíquica do homem; implicado na formação subjetiva, como modelo, objeto ou inimigo; quando se fala de um sujeito fala-se de sua origem.

Sujeito esse que só pode existir a partir de um movimento que reconhece naquilo que parece ser a unidade do outro a possibilidade da constituição de si próprio. Esse movimento de exclusão que é constitutivo do sujeito repete-se na dinâmica dos grupos. Em graus diferentes, esses fenômenos podem fazer emergir certo sofrimento psíquico próprio a cada grupo. Parece então haver uma correlação entre um fenômeno que acontece dentro do grupo, isto é, quanto mais coeso, maior será seu grau de resistência,

quanto mais duro o núcleo, mais difícil de ser dissolvido e mais exacerbadas as reações que seus integrantes podem ter frente a uma ameaça.

O fenômeno da identificação que permite aos membros de um grupo o estabelecimento de diferentes graus de coesão provavelmente explica a chegada dos estudantes convênio para participar da pesquisa. Havia hora marcada para começar as atividades, no entanto, os estudantes ficaram na escadaria do lado de fora do prédio esperando um ao outro para, em seguida, chegarem juntos à sala. O grau de coesão e de resistência psíquica diante de uma ameaça externa deve variar de acordo com a cultura de origem e da história do sujeito, informação essa que não foi investigada por nós.

A identificação como apropriação e forma original de laço emocional com o objeto aponta o caminho para o entendimento do fenômeno de grupo. A partir dessa noção, a formação das coletividades, o vínculo que cria e mantém indivíduos ligados entre si em grupo, parece estar mais claro e justificado justamente por esse processo de identificação. Os laços que se configuram entre os membros de um grupo, começam a aparecer mais claramente e dar consistência a esse tipo de relação. Esse laço que acontece em um primeiro momento com o líder do grupo e em um momento sucessivo com os outros membros dele, é próprio da natureza dos grupos.

Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é de natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder (FREUD, 1921, p.136).

Esse mecanismo só é possível na medida em que o indivíduo renuncia ao seu ideal de ego, possibilitando a colocação de seu líder nesse lugar. O líder é então colocado pelos membros do grupo no lugar de seu ideal de ego, tornando-se assim seu objeto de investimento libidinal.

O ideal de ego, como já referido, integra o superego que, por sua vez, é constituído das exigências narcísicas parentais. Em uma fase em que o bebê está à mercê dos cuidados de um Outro, é dele que são absorvidos os modelos identificatórios que orientam sua ação no mundo; uma representação de si cuja tentativa é alcançar as representações idealizadas transmitidas. O ego ideal refere-se não a uma representação, mas sim a uma experiência vivida pelo

sujeito, na qual ele é marcado pela convicção de uma relação narcísica completa e satisfatória idealizada entre ele e sua mãe, o que buscará então repetir em diferentes momentos, mas sem nunca o conseguir. O ideal de ego, como representação, tentará justamente recuperar, por intermédio simbólico, esse estado original das coisas.

Antes de ser um ser social, o sujeito, o migrante, constituiu-se a partir das relações primária que foram introjetadas e que funcionam como subsídio para 'ser estrangeiro'. Ao longo dessa experiência das primeiras identificações o sujeito constrói as relações que influenciam seu ideal de ego, ego ideal e superego. Essas instâncias marcam a forma como o sujeito se coloca e intervém no mundo. A existência de um líder comum possibilita a identificação entre os diferentes membros de um mesmo grupo. "Um grupo primário desse tipo é certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego" (FREUD, 1921, p. 147). Acompanhando essa lógica, aqueles que se encontram no lugar de estrangeiridade parecem, mesmo que temporariamente, ter perdido esse líder.

Mesmo que o líder continue operante a partir de sua internalização realizada por meio da identificação para o sujeito migrante, a integração a novos grupos demanda novas identificações. A dificuldade de se identificar com um novo grupo aponta para um líder incapaz de significar para esse sujeito. Sua figura, enquanto não identificado a uma referência, torna inoperante o sentimento de pertença. Aquele que migra perde, mesmo que temporariamente, seu grupo e com ele a possibilidade exercer sua identidade, tratando-se dos estudantes em intercâmbio cujo idioma é outro também existem conseqüências.

Na experiência da estrangeiridade, os estudantes podem sentir, em relação ao grupo original de pertença, medo de perder o lugar que ocupavam perante esse grupo. Na medida em que podem integrar novos grupos e neles novos atributos identificatórios, a crença de que perderiam ou colocariam em risco a originalidade de seu grupo de pertença original não tem sentido.

Na relação grupal parece ainda haver uma diminuição da capacidade intelectual e uma intensificação da emoção. Podem ser verificados ainda quadros de regressão da atividade psíquica a estágios primordiais, descontrole

emocional, reações semelhantes a fatos idênticos, valorização excessiva das emoções, dependência psíquica e emocional nas ações. O migrante que parte de sua terra mãe, dependendo do grau de coesão com essa, conserva certo grau de dependência psíquica e emocional de seu grupo de origem, pelo qual parece cultivar uma espécie de devoção; devoção cuja recompensa é valiosa para alguns sujeitos.

Para alguns, a única possibilidade é integrar-se a grupos constituídos por outros que não se apresentem como potencial ameaça às identificações primárias. Existe assim a possibilidade de se recriar grupos cuja afinidade seja o fato de compartilharem identidades ameaçadas. Sua cultura, características e atributos são exacerbados na comunidade estrangeira na tentativa neutralizar tal ameaça. Esse é o fenômeno que descreve o funcionamento dos guetos, mesmo não se constituindo enquanto tal, as comunidades de estrangeiros que se formam por um tempo determinado ao longo da experiência do intercâmbio parecem obedecer a essa mesma lógica.

Esse fenômeno observado e descrito por Freud (1930) em “O mal estar na civilização” é o narcisismo das pequenas diferenças, que foi introduzido num primeiro momento no texto “Tabu da virgindade”. Nesse texto, Freud introduz a tese de que o que não corresponde à identificação do grupo, será então rejeitado em função desse narcisismo.

Seria tentador desenvolver essa ideia e derivar desse ‘narcisismo das pequenas diferenças’ a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar o seu próximo. (FREUD, 1918, p. 184).

No grupo parece existir pouca tolerância às diferenças e uma não aceitação daqueles elementos que colocam em risco os elementos identificatórios ou que simplesmente não pertençam a ele. Naturalmente, quando há a desvalorização dos elementos que não pertencem ao grupo, a identidade desse torna-se exacerbada, rechaçando toda e qualquer diferença interna.

Além de Freud, outros autores escreveram a respeito dos grupos, contribuindo com suas elaborações para a compreensão desse fenômeno. Os conceitos de grupo e tarefas estão entre os principais conceitos da obra de

Pichon-Rivière (2003). Para ele, o grupo é caracterizado como um conjunto de pessoas ligadas por uma constante de tempo e de espaço que tem uma representação interna mútua, esse possui ainda uma tarefa que lhe é implícita ou explícita e que representa seu objetivo.

Através do funcionamento de um grupo é possível observar as formas de interação entre o grupo interno e o grupo externo (relações entre a estrutura social e o mundo interno do sujeito). No grupo existe o que é manifesto e verbalizado por um integrante, como também aquilo que aparece de maneira implícita. Dessa maneira, além do líder necessário para garantir as identificações imediatas que fazem a manutenção do sentimento de pertença, temos a figura do porta voz em um grupo.

Nessa concepção o sujeito não é um ser isolado, ele é um ser psicossocial, parte de um grupo, e mantido pelos laços criados entre si. Enquanto inserida em sua dinâmica social, a família lhe confere suas significações do ambiente servindo sempre de base e referência e fazendo a manutenção dos laços. O laço é entendido como uma estrutura complexa que integra/engloba um sujeito, um objeto e as respectivas inferências no processo de comunicação e aprendizagem. (PICHON-RIVIÈRE, 2003, p. 10).

Segundo Pichon-Rivière, o sujeito é entendido como aquele capaz de apreender a realidade numa lógica de integração. Um sujeito capaz de transformar a realidade transformando a ele mesmo. Assim considera que um sujeito está ativamente adaptado na medida em que é capaz de manter relações ativas, flexíveis, não estereotipadas numa dialética constante com o meio. Segundo Kaës (na introdução da tradução francesa de “Processo Grupal”, 2004) o sujeito é essencialmente o resultado entre as tensões e contradições entre as necessidades que nascem das exigências materiais do organismo e das qualidades do meio ambiente.

O sujeito é o resultado original de uma relação de interação dialética entre os objetos externos e os objetos internos. O sujeito é também a ação, situada entre o assujeitamento às necessidades e o projeto pelo qual o mundo exterior pode ser transformado: ele é ator. Está introduzida dessa forma a noção pichoniana de aprendizagem enquanto apropriação instrumental da realidade com a finalidade de transformá-la. Esse conceito está diretamente ligado ao conceito de adaptação ativa à realidade que é uma dialética

mutuamente transformadora e enriquecedora entre o sujeito e seu meio. A aprendizagem pode ser considerada um ato transformador de uma leitura crítica da realidade. (PICHON-RIVIÈRE, 2003, p. 209)

O tipo de investimento que convoca os membros nessa relação, tanto com os outros membros, quanto com o líder, é de natureza libidinal, como já vimos com Freud (1921). Para que esse investimento tenha efeito, ele passa por uma dessexualização ou até mesmo inibição desses impulsos sexuais, o destino das pulsões no contexto grupal parece então inevitável. Freud escreve a esse respeito que "para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual" (FREUD, 1930, p. 130).

Para o sujeito que se encontra na condição de estrangeiridade a possibilidade de fazer esse vínculo com o líder e os outros membros, num primeiro momento da experiência, parece estar comprometida. Enquanto não é possível estabelecer quem é o líder, perguntar-se o que ele quer e como lhe oferecer isso, esse sujeito continua vinculado a sua identidade "original", isto é, de origem. Nessa condição original, ele imagina saber exatamente o território pelo qual circula, quem é o líder e quem são os outros integrantes do grupo. A sensação de conhecer essas respostas, mesmo que não claramente, confere-lhe um lugar em seu imaginário; um lugar diante do olhar do outro, um lugar familiar, reconhecido.

O valor que cada sujeito atribui a sua migração é particular, pois cada migrante avalia seu distanciamento a partir do sentimento de pertença que o vinculava a seu grupo. O distanciamento de grupos mais ou menos coesos tem um peso diferente para aquele que o integrou. O sentimento de perda pode ser experimentado, mas não o será por todos. Quando vivido como perda do grupo e do lugar que ocupava nele perante seus integrantes, o migrante demonstra estar diante de uma condição de vulnerabilidade.

A relação do sujeito com lugar que ocupa diante de seu grupo é outro elemento que pode funcionar como agravante de um possível estado de estrangeiridade daquele que migra. Enquanto esteve em seu país, o intercambista fez parte de uma rede social, família, amigos, escola e outros. Nesse convívio é construído seu papel social, o que é suspenso para iniciar uma experiência de intercâmbio. Para compreender o valor da perda do lugar que se ocupa em seu país de origem e os efeitos dessa, é necessário escutar a

palavra daquele que pode dizer de seu papel no grupo no meio social e na própria história familiar.

Em situações de migração, quando vividas como perda, os sujeitos podem experimentar um sofrimento cuja responsabilidade é atribuída por Honneth (2006) à falta de reconhecimento. Aquele que migra se vê privado do reconhecimento de sua herança ou bagagem cultural e essa falta é o que estaria na origem de uma experiência negativa, pois o migrante se encontra sem os pressupostos necessários para a constituição positiva de sua identidade, segundo Honneth (2006).

À la différence de la tradition utilitariste de la "lutte pour l'existence", ce modèle du conflit saisit les motifs de résistance sociale et de révolte à l'une des expériences morales découlant de la violation des règles implicites de la reconnaissance. (HONNETH, 2006, p. 21)²⁵

As implicações da falta de reconhecimento se traduzem para Honneth em uma experiência de revolta e resistência social em que o que foi introjetado pelo sujeito em sua experiência cultural é confrontado com outro sistema. Esse confronto diz respeito a uma ameaça ao que o sujeito constituiu enquanto ideal para si a partir de referências culturais.

Relativamente aos estudantes desta pesquisa, enquanto migrantes, sabemos que não lhes é reconhecida uma diferença que carregam, e que essa diferença não é qualquer uma, mas sua língua. O fato de serem oriundos de países de língua oficial portuguesa faz com que rapidamente sejam incluídos em uma categoria que os assemelha a quem acolhe desconsiderando todo o efeito dessa diferença primordial.

4.6 O valor do reconhecimento

Aquilo sobre o qual se faz um investimento de energia denomina-se objeto, sendo que sua prerrogativa é a possibilidade de variação. Tudo pode ser objeto de investimento de uma energia, mas não qualquer coisa, isto é, o objeto ocupa um lugar importante na economia psíquica do sujeito. A identidade é frequentemente investida de grande quantidade de energia na

²⁵ Ao contrário da tradição utilitarista de uma "luta pela existência", esse modelo capta os padrões de conflito de resistência social e revolta em uma das experiências morais decorrentes da violação de regras implícitas de reconhecimento. - Nossa tradução

condição de estrangeiridade, devido ao desaparecimento de sentido daquilo que não é mais reconhecido na outra cultura. A partir das contribuições de autores modernos que trabalharam a temática da estrangeiridade, reconhecemos aqui a importância de introduzir o conceito de reconhecimento, que parece ter um importante valor no exercício da própria subjetividade, seja ela localmente, como em um contexto de migração.

A falta de reconhecimento adquire, nessa altura, um papel importante diante da condição de estrangeiridade que, eventualmente, venha a acometer aquele que migra. A necessidade do reconhecimento que o sujeito experimenta na condição de migrante é descrita por Honneth (2008) como fundamental para a compreensão da sociedade atual. A partir de sua crítica à teoria da comunicação de Habermas, ele faz sua contribuição teórica em que assume que, perante a falta de reconhecimento, estaríamos diante de uma experiência moral de injustiça. Para Honneth é central a discussão a respeito do reconhecimento que Habermas não leva em conta focando toda sua teoria a respeito de uma teoria crítica da sociedade na dinâmica da comunicação. A compreensão tanto das estruturas sociais dominantes, como dos recursos sociais para sua superação, dependem de uma teoria crítica da sociedade a partir da elaboração de um quadro conceitual mais abrangente daquele proposto pelo Habermas. Fazendo referência à luta pelo reconhecimento proposto pelo Hegel, Honneth esboça a ideia de que a luta pela sobrevivência do humano está relacionada muito mais à necessidade de reconhecimento do que à ideia de preservação da espécie veiculada na teoria evolucionista. Honneth desenvolve sua teoria a partir das ciências sociais, da filosofia social e da psicanálise, fortalecendo a ideia de que a formação de uma identidade se dá pelas relações de reconhecimento cuja constituição é inevitavelmente de natureza intersubjetiva.

Plus précisément, la réalisation de soi comme personne individualisée et autonome dépend à ses yeux de l'établissement de la reconnaissance mutuelle au sein de trois sphères normatives distinctes : l'amour, du droit et de la «solidarité». (HONNETH, 2008, p.20)²⁶

²⁶ Mais especificamente, a auto realização de si como uma pessoa individualizada, depende a seus olhos do estabelecimento do reconhecimento mútuo em três áreas normativas distintas: o amor, o direito e a “solidariedade”. – Tradução minha.

A constituição do sujeito é entendida como um processo no qual inúmeros elementos se entrelaçam, no entanto o autor atribui ao reconhecimento mútuo um valor de destaque. O reconhecimento se dá para Honneth em três esferas normativas distintas: o amor, o direito e a “solidariedade”. É somente a partir do reconhecimento do outro enquanto portador de necessidades afetivas, enquanto sujeito de direitos iguais em uma comunidade jurídica e apto a contribuir com a comunidade e a vida em comum, que ele pode se auto realizar. Os estudantes que se encontram fora de seu país para estudar chegam à sala de aula sem que lhes sejam reconhecidos sua origem, seu lugar, sua história e, portanto, suas diferenças. Assim, aquele que migra, na medida em que carece inicialmente de todo reconhecimento, não é capaz por si só de transformar a experiência do intercâmbio na possibilidade de se auto afirmar e assim realizar.

Celle-ci prend alors la forme de trois types distincts de rapport à soi, relatifs aux sphères normatives de la reconnaissance: la confiance en soi, le respect de soi et l'estime de soi. (HONNETH, 2006, p.20)²⁷

O impacto do reconhecimento se dá em três esferas distintas do sujeito que lhe permitem assim superar a estranheza própria do confronto intercultural. É no âmbito do sujeito que o efeito se faz sentir, porém, é do outro que o reconhecimento provém. Assim como Honneth, na concepção freudiana não há possibilidade de conceber a subjetividade humana desvinculada da sociedade na qual ela se constitui. Entretanto, a efetividade do reconhecimento do outro se dá somente na medida em que esse outro tenha um valor para o sujeito, valor esse que pode ser reconhecido a partir do mecanismo da identificação.

Como num processo de luto, na estrangeiridade, o sujeito sabe o que perdeu e, da mesma maneira, a nostalgia daquilo que foi perdido se manifesta. Os estudantes oriundos de países de língua portuguesa, recorte abordado em nossa pesquisa, enquanto estrangeiros, podem padecer de tal perda. Aqueles que não mais ocupam um lugar diante do olhar do outro, também parecem ter perdido o outro enquanto objeto de investimento. O estrangeiro que em outra cultura passa a atuar diante de novos referenciais, tem como testemunha outro

²⁷ Esse assume a forma de três tipos distintos de relacionamento para si mesmo relativas às esferas normativas de reconhecimento: a autoconfiança, o respeito a si e a autoestima. – Tradução minha.

qualquer que não lhe devolve um olhar que possibilita-lhe situar-se na nova dinâmica do grupo. Na experiência da estrangeiridade, os estudantes também podem formar grupos de patrícios por sentirem suas identidades ameaçadas pela falta da figura do líder, aquele que sedimenta as identificações.

Na abordagem psicanalítica, o psiquismo é constituído na relação com o outro, que é o representante da cultura na qual o sujeito está inserido. Cabe ressaltar que as contribuições psicanalíticas sobre a cultura no psiquismo aparecem em termos de elaborações metapsicológicas. Essas elaborações da cultura, da sociedade e da civilização não excluem as elaborações sociológicas ou antropológicas. A elaboração que a psicanálise oferece é o intuito de resultar na mediação entre o psíquico e o social, um instrumento teórico e prático capaz de sinalizar os mecanismos que constituem a subjetividade e seus obstáculos. A vulnerabilidade seria indício nesse grupo, de um mecanismo de identificação que se encontra comprometido, mesmo que temporariamente, dificultando as possibilidades de socialização e integração, na falta do reconhecimento necessário para que o sujeito possa fazer exercício de sua identidade de maneira legítima. Essa falta de reconhecimento ao longo da experiência do intercâmbio pode ser associada justamente a um desfecho melancólico do sujeito que acaba por fazer um superinvestimento no que remete às identificações primárias, à mãe pátria, em detrimento da possibilidade de investimento na cultura que o “acolhe”.

5. O PARADIGMA DA ESTRANGEIRIDADE

Este capítulo tem como objetivo apresentar a maneira pela qual alguns autores vêm trabalhando a questão da estrangeiridade e as diferentes nuances que esse conceito pode assumir. Na contemporaneidade, o laço social encontra-se em constante transformação. As migrações e toda a mudança que se constitui faz com que novas formas de laço social apareçam. As fronteiras entre o íntimo do sujeito e sua realidade são questionadas a todo o momento. Essa configuração movimenta debates em torno de políticas migratórias diante da mobilidade de migrantes, refugiados e intercambistas a respeito das condições de sua permanência e integração nas regiões de destino. Panorama esse que mobiliza tanto os sujeitos em deslocamento, quanto às comunidades que os recebem. Para se falar de estrangeiridade não podemos nos deter a falar somente do sujeito, além dele a sociedade que o acolhe também tem uma função diante de seu acolhimento ou não, da manutenção de sua estrangeiridade.

5.1 A sociedade de acolhimento

Este subcapítulo foi incluído com a intenção de resgatar um aspecto importante da discussão a respeito da estrangeiridade, a responsabilidade da sociedade que “acolhe” o estrangeiro na condição de estrangeiridade. Além do olhar do migrante que desconhece o outro da sociedade de migração existe o olhar que lhe é devolvido por esse outro que faz parte da dinâmica da identificação.

O sujeito é responsável por suas escolhas e existem fatores intrínsecos à sua história e formação que interferem em maior ou menor grau de permeabilidade no que é devolvido pelo olhar do outro, na constituição de uma identidade. Uma identidade que o faça atravessar o confronto com a diferença e se reconstituir mais resistente ou vulnerável.

É notório que os territórios alvos de grandes movimentações de pessoas, por motivos econômicos ou políticos, se fecham cada vez mais se mostrando mais refratários à recepção e absorção do estrangeiro em sentido

amplo. Uns motivados pela tentativa de inserção no mercado de trabalho, outros devido a pedidos de asilo e ainda aqueles que buscam uma formação profissional reconhecida, todos fazem parte dessa categoria de estrangeiros. Esses estrangeiros são o objeto de práticas e discursos que os culpabilizam pelos males dessas sociedades de migração. Esses discursos legitimam modalidades baseadas em restrições que reduzem sua mobilidade, direitos e intervenções integrativas.

O estrangeiro, na qualidade de migrante, passa a ser dentro das políticas atuais um excedente por vezes tanto inadmissível quanto inassimilável. Contrariamente às políticas ativas de um passado relativamente recente que atraía e oferecia possibilidade de inserção para os estrangeiros, assistimos a políticas passivas, senão restritivas.

A crise dos chamados “estados de bem-estar social”²⁸ (Moraes, 2001) é apontada como um dos fatores responsáveis pela mudança das políticas de integração. Presenciamos a uma redução da necessidade da mão de obra do estrangeiro a partir das mudanças no mercado de trabalho dos países desenvolvidos como também a um aumento das exigências de qualificação para os aceitos. Essas dificuldades em torno da questão da imigração propiciaram um contexto favorável à proliferação de mecanismos não oficiais e de caráter abusivo, promovendo também estratégias criativas dos próprios estrangeiros.

O significado político associado à recepção dos fluxos migratórios perdeu no contexto pós-guerra Fria, seu significado quanto indicativa de uma sociedade acolhedora “desenvolvida”. Testemunha-se a indistinção entre as diversas formas que a estrangeiridade é exercida seja como migrante econômico, refugiado ou temporário, resultante do esvaziamento do significado de acolhimento do estrangeiro.

Após o fim da Guerra Fria assistiu-se a uma proliferação de conflitos locais que forçaram os deslocamentos. Os deslocamentos assumem no

²⁸ Filosofia social exposta por John Maynard Keynes no final de sua Teoria geral do emprego, do juro e da moeda. Esse livro foi publicado em 1936, mas, em várias de suas passagens, retomava problemas que o autor vinha analisando desde os anos 20. Segundo a doutrina keynesiana, o Estado deveria manejar grandezas macroeconômicas sobre as quais era possível acumular conhecimento e controle prático. O poder público, desse modo, regularia as oscilações de emprego e investimento, moderando as crises econômicas e sociais. (Moraes, 2001, p.149).

contexto internacional proporções importantes porém generalizadas, no qual o estrangeiro, o migrante, tende a ser percebido como desnecessário e tratado como indesejável e potencialmente perigoso. Ele representa no discurso político um agravante econômico e social incarnando um elemento potencialmente desagregador da ordem social.

Segundo dados do Censo²⁹ 2010, divulgados pelo IBGE, no Brasil o número de migrantes dobrou nos últimos 10 anos, tendo chegado a aproximadamente 94.000 estrangeiros a mais que o computado no censo anterior. Eles estão distribuídos principalmente nos estados de São Paulo e Paraná. Minas Gerais ultrapassou o Rio e aparece em terceiro lugar como estado que mais atrai estrangeiros.

A função que ocupa a sociedade de acolhimento diante de uma condição de estrangeiridade é notável. Mesmo escolhendo tratar dos componentes intrapsíquicos que podem ou não justificar essa condição em uma migração temporária, como são os intercâmbios, reconhece-se que existe algo a mais que precisa ser esclarecido. Esse algo diz respeito à comunidade que não acolhe o estrangeiro. O não acolhimento diz respeito às características da sociedade, se ela é mais ou menos tolerante diante da diferença e mais ainda ao imaginário constituído a respeito desse estrangeiro.

No Brasil ser estrangeiro tem uma conotação diferente dependendo do estado em que se está e do país de origem. Em geral no sul e sudeste do Brasil é frequentemente muito bem recebido aquele estrangeiro quem vem de países europeus ou do continente norte americano. Talvez isso se explique pela presença de muitos descendentes dessas regiões nesses estados. No norte e nordeste os migrantes de origem africana tem maior aceitação e a explicação deve acompanhar a mesma lógica, pois lá a população é de maioria negra e de origem africana chegada ao Brasil nos tempos da escravidão. O inverso é também muito comum, mas não uma regra.

Dependendo da associação que pode ser feita com o imaginário do outro, a possibilidade de permitir uma integração do estrangeiro muda. No sul

29

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1248751&tit=Censo-numero-de-imigrantes-no-Brasil-dobra-nos-ultimos-dez-anos>

do país, a presença importante de descendentes europeus – muitos deles refugiados da primeira e segunda guerra mundial, dentre os quais, muitos fugidos do regime nazista para escapar às devidas sanções – pode ter influenciado a cultura local com elementos desse teor. Esses elementos configuram um discurso de supremacia de uma raça sobre outra na desqualificação de atributos físicos que representam a diferença de uma cultura para outra. Um discurso que, mesmo velado, fortalece a exclusão social, as desigualdades e a hegemonia de pessoas de cor branca (Santana, 2010). Já no norte do país, essa divisão existe, mas há uma maioria da população negra como também uma melhor distribuição de recursos e oportunidades entre raças, o que não implica que lá não exista racismo. Esse assunto é polêmico e não podemos tratar dele de forma tão linear como acabamos de fazer, porém é necessário incluir o tema na discussão de alguma maneira.

5.2 Estrangeiridade e a intolerância

A percepção do estrangeiro é muitas vezes acompanhada por um sentimento de estranheza vinculado à identidade, uma estranheza diante das diferenças geográficas, culturais e linguísticas. O conceito de estrangeiro aparece muitas vezes acompanhado do de alteridade. Julia Kristeva escreve que o estranho é "aquele que não faz parte do grupo, aquele que não 'é dele', o outro" (1994, p.100). A noção de pertença a um grupo ou comunidade define a identidade ou a "estrangeiridade" de um indivíduo e nos permite falar do estrangeiro não necessariamente como alguém distante geograficamente de seu território, mas como alguém fora de uma sociedade.

Cada tempo denuncia uma relação específica com seu estrangeiro, ora personificando a alteridade, ora o demoníaco. A partir da relação que é estabelecida, as relações sociais também adquirem novo valor que confronta o sujeito com suas verdades. Tais verdades que se veem questionadas pelo desconhecido que instaura a dúvida, que ameaça as certezas do "ego" e do "nós" veiculadas na fantasia de uma comunidade compacta.

A ideia de uma comunidade compacta é apontada por Natahi (2007) como sendo a representação de um sintoma da atualidade que diz de uma

cultura fechada sobre si mesma, que denuncia a falência do signo de incompletude.

Ce qui persiste dans le contemporain comme symptôme est l'idée d'une communauté compacte, marque d'une fermeture sur elle-même, symptôme qui signifie l'effondrement du signe d'incomplétude qui travaille le site interne de toute problématique de la communauté. (NATAHI, 2007 P. 39).³⁰

O fechamento e acirramento das culturas são percebidos como sintoma da atualidade, como uma tentativa de superar a incompletude implícita e constitutiva de todos os seres humanos. Pudemos registrar relatos que foram exibidos tanto no noticiário do Jornal Nacional, como na imprensa escrita, de estudantes vítimas de violências diversas e sempre como pano de fundo da experiência a intolerância do outro, do estrangeiro. No dia 22 de maio de 2012, no Braz, região central da capital paulista, um grupo de angolanos foi atacado por dois homens armados³¹. O grupo se encontrava no local para comemorar o aniversário de uma de suas integrantes, quando foram agredidos verbalmente pelos dois homens. Em seguida, o grupo saiu do restaurante e ficou conversando na calçada. Foi quando passaram de carro e um dos dois agressores começou a disparar vários tiros em direção a eles. Uma das vítimas teria dito: “xingou a gente de macaco. Ele disse o seguinte: esses macacos saem lá de angola e vem tirando onda aqui, aqui na cara da gente”. Ele manifestou ainda seu medo e preocupação com o ocorrido usando as seguintes palavras: “Como vamos conseguir conviver à vontade, sendo que em qualquer lugar estamos correndo riscos?”

Outro episódio que chama atenção é o de Araraquara, caso que a própria UNESP (Universidade Estadual Paulista) está investigando junto à polícia para encontrar os autores desta frase³²: "Sem cotas para os animais da África". Isso foi escrito no mural em frente a um dos centros acadêmicos da UNESP (273 km de São Paulo). As vagas ocupadas pelos alunos africanos fazem parte do PEC-G, programa educacional dos ministérios das Relações

³⁰ O que persiste na contemporaneidade como sintoma é a ideia de uma comunidade compacta, que demonstra um fechamento sobre ela mesma, sintoma que significa o colapso do signo da incompletude que habita o interno de todas as problemáticas da comunidade. (NATAHI, 2007, p. 39)

³¹ <http://globo.v.globo.com/rede-globo/sptv-2a-edicao/t/edicoes/v/grupo-de-angolanos-e-atacado-no-bras/1960851/>

³² <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/1077555-unesp-de-araraquara-sp-investiga-racismo-contra-africanos.shtml>

Exteriores e da Educação que oferece vagas para estudantes estrangeiros de países em desenvolvimento. Segundo a UNESP, dos 26 estudantes africanos na universidade, 23 estão na Faculdade de Ciências e Letras, onde a frase foi escrita.

É característica e problemática em toda a comunidade, na atualidade, a resistência ao diferente. Um modelo único de comunidade parece se impor numa tentativa de afastar a possibilidade de sua própria destruição. O estranho/estrangeiro à comunidade é aquele que anuncia a necessidade de colocar em causa a tese sedimentada, a certeza. Freud (1930) chama esse fenômeno de miséria psíquica, quando a sociedade instituída a partir da identificação dos membros, relega a identificação do ideal de ego ao esquecimento.

A veiculação da possibilidade de um único ideal, um ego ideal transmitido pelo outro reconhecido e capaz de fortalecer os laços entre os membros de uma sociedade faz com que sejam reduzidas outras formas de identificação e de expressão. Promove-se um investimento demasiado naquilo que é o grupo, em detrimento da criatividade e da subjetividade, isto é, o ideal de ego encontra-se prejudicado. Essa ligação exacerbada parece acontecer em uma tentativa de reivindicar uma identidade cultural, sexual, religiosa, nacional etc., uma ligação que denuncia um “ego” incapaz de aceitar a diferença, o outro; um “ego” que é, ele mesmo, somente por intermédio de outro semelhante.

A problemática identitária parece acontecer em um contexto de certa violência em que as produções se chocam. Ocorre na experiência da estrangeiridade um confronto através da qual o sujeito pode consentir com um movimento às fronteiras do diverso numa relação radical com o Outro. Uma experiência na qual a imagem devolvida na experiência é uma imagem deformada ou distorcida; uma imagem que ameaça a possibilidade do gozo narcísico da completude que a imagem familiar oferece. No entanto, o laço social pode ser reinventado com relação à figura do estrangeiro, num confronto que possibilite uma experiência na qual o sujeito possa consentir com um movimento às fronteiras do diverso.

Nesse confronto jaz, segundo Raaja Stitou (2007), a questão da origem necessária para a construção da fantasia compartilhada que possibilita o

vínculo, a crença de uma sociedade compacta que faz referência a um único líder, uma única possibilidade de identificação. Trata-se de uma referência comum que diz respeito a um ancestral comum: o Outro, como se esse Outro pudesse ser o mesmo para todos.

Na contemporaneidade, esse choque denuncia a impossibilidade da coexistência de uma identidade outra. A sobrevivência de uma identidade ideal e irrepreensível parece estar vinculada ao aniquilamento da identidade diferente. Esse mecanismo exclui do sujeito o elemento estrangeiridade, perante o qual se organizam diversas formas de intolerância.

*Il s'agit alors d'une virulence destructrice contre l'altérisation de toute origine, forme militante et fatalement armée d'une croyance irrépressible qui commande l'expulsion de toute étrangeté des scènes fondatrices. (DOUVILLE, 2005, p.33)*³³

Um sujeito constituído pelo mecanismo da estrangeiridade faz, contudo, dessa experiência algo a ser banido e rechaçado, produzindo um recrudescimento de si. A experiência da estrangeiridade compreendida enquanto a possibilidade radical de reconhecer e reencontrar a partir do outro, o que também nos habita – nosso ideal de ego, que permite questionar a si próprio a respeito do que fora transmitido enquanto verdade e que orientou nossas identificações – perde assim seu valor, fortalecendo uma ética da maioria na qual a singularidade é reprimida.

Em toda parte, o homem define sua cultura ou seu grupo enquanto detentor da verdade a respeito da condição humana. Esse entendimento da identidade e da cultura sugere instâncias cristalizadas que não sofrem alteração em sua interação com o ambiente. Douville (2005) escreve a respeito da identidade como uma experiência em contínua tensão, em constante movimento. Para esse autor, a identidade é uma instância que diz de uma singularidade que não é inteiramente aquilo que se propõe a ser, para que ela se constitua é necessário um descolamento da ideia original. Ideia essa que é tudo o que pode ser compartilhado, pois o efeito da identificação é único e particular.

³³ Trata-se de uma virulência destruidora contra a alterização de toda a origem, forma militante e fatalmente armada de uma crença irrepreensível que controla a expulsão de toda a estrangeiridade das cenas fundadoras. – Tradução minha.

Porém não se pode confundir o estranho com a alteridade. Ser diferente não faz do outro um estrangeiro. Sempre se é outro para alguém como também ele é o outro para o nosso ego. A presença do estranho na condição de estrangeiridade se prolifera no campo do inconsciente, onde a razão não tem acesso.

O sentimento de estranheza se manifesta para a identidade como um perigo: a intrusão do desejável e do indesejável do outro em nosso território íntimo; ameaçando arrancar desse toda e qualquer certeza, alimentando as reações de intolerância xenófoba que presenciamos na atualidade. A proximidade entre estranho a si (dos conteúdos recalçados no inconsciente) e a forma de apreender o outro estrangeiro abre pista para entender a rejeição do outro de forma que isso não se torne uma fatalidade. O encontro com o estrangeiro/estranho ameaça o narcisismo identitário do sujeito mobilizando-o defensivamente contra a presença do outro em si.

A agressividade dirigida ao estranho é um recurso que Freud denomina de instintivo (1929), uma tendência inata, cujo intuito é a destruição do outro. Em 1933, Freud descreve a pulsão de destruição como uma expressão parcial da pulsão de morte. Assim, a reação do sujeito que sente ameaçada a integridade de sua identidade reage como que instintivamente frente a essa possibilidade.

A presença do estrangeiro provoca efeitos pela condição de estrangeiridade que ele evoca em si mesmo. Estamos presenciando a uma guerra entre os imaginários na qual a origem não se dá como um devir em potencial e sim como a ocasião na qual há uma sobreposição entre o início e o fim da identidade. Estaríamos diante de um determinismo identitário no qual as escolhas e as possibilidades de variação são condenáveis: a estrangeiridade a serviço da reivindicação da hegemonia de uma cultura, identidade ou grupo.

5.3 O estrangeiro

Por estrangeiro designa-se aquele que não é familiar. Paradoxalmente, é um próximo que expõe a inquietante estrangeiridade. Freud (1933, p.80) é quem traz uma contribuição importante para nosso trabalho a respeito dessa condição, colocando essa experiência no âmago da vida psíquica. A esse

respeito ele escreve que o recalcado é de certa maneira um território estrangeiro interno e que a realidade consiste em um território estrangeiro, porém externo. O inconsciente é a prova desse território interno estrangeiro que habita todo o sujeito. A capacidade que cada sujeito tem de lidar com a estrangeiridade que o concerne diz da relação que ele tem com o enigma dentro e fora dele. Tal enigma o faz semelhante ao outro que compartilha da mesma impossibilidade de apropriação da origem de sua identidade.

Desde o nascimento, as experiências vividas pelos sujeitos seguem o mecanismo no qual o estranho se torna familiar em tempos específicos para cada sujeito. Nesse movimento, o pequeno sujeito olha para o outro semelhante que percebe como unidade. Na base de sua crença está a aposta de que ele mesmo poderá alcançar essa mesma unidade. À imagem e semelhança do outro, próximo que faz dele integrante de uma comunidade, é que se configura a construção do sujeito, sendo na crença da promessa da unidade que se dá a existência da comunidade. Uma existência que radicaliza a relação do sujeito com sua comunidade fazendo com que as possibilidades de se relacionar com o diferente dessa sejam comprometidas.

Diante do diferente, do estranho à comunidade, os traços identitários que garantem a coesão do grupo podem ser reforçados. Desde a primeira infância o sujeito se vê confrontado em contextos diversos com o que remete ao estrangeiro, ao desconhecido, percebido enquanto ameaçador. Dessas experiências, muito do que é vivido faz parte dos processos inconscientes, sem que isso possibilite-o de estar familiarizado com a experiência do estrangeiro.

A autora Raaja Stitou (2007) faz uma divisão dos diferentes contextos em que falar de estrangeiridade é crucial para o entendimento do mecanismo que rege o funcionamento dessa condição. Stitou argumenta ainda que a presença do estrangeiro no grupo é necessária para que possa advir outro estado. Existe um estrangeiro no cerne do sujeito habitado por aquilo que é impossível de ser simbolizado ou até mesmo nomeado. Existe ainda um estrangeiro na base do laço social que garante a existência do grupo constituído a partir da identificação mútua. O estrangeiro está também no centro da linguagem, ele é a prova do encontro do ser, da palavra, com a falta de que tudo pode ser dito.

O estrangeiro diz de uma falta na origem constitutiva do sujeito, falta esta veiculada e subvertida a todo o instante pela linguagem. O estrangeiro encontra-se nessa dinâmica no mesmo lugar da falta que denuncia a impossibilidade de que tudo poderia ser dito, dessa ilusão. Segundo Stitou (2007), esse sentimento seria oriundo da busca a todo instante por palavras que estejam mais próximas do sentido.

Encontramos um paralelo com essas afirmações na situação de exclusão do imigrante contemporâneo que descrevemos como de vulnerabilidade psíquica e social. Igualmente para o imigrante há perda de referentes culturais (perda de um discurso de pertença) aliada à perda do lugar social, uma perda dupla, pois, tanto no lugar de origem quanto no de imigração, a falta de gratificação narcísica aliada à exclusão dos ideais do grupo receptor podem promover a erupção do traumático. O trauma aponta para a impossibilidade de significação do vivido e à produção do sintoma. (STITOU, 2007, p.24)

Considerando essas instâncias, percebemos que o estrangeiro evoca no outro, ou até nele mesmo, esse lugar estranho, na função de um suporte projetivo no qual está encarnado o imaginário do não familiar. O estrangeiro, do ponto de vista jurídico, é aquele que não possui a cidadania do país no qual se encontra, é “aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade”. (KRISTEVA, 1994, p. 101). No entanto, essa construção normativa nada mais é do que o reflexo de uma relação íntima que todo o sujeito experimenta desde sempre.

As fronteiras físicas são, nessa representação, a materialização das fronteiras psíquicas que demandam um reconhecimento. Tal demanda não se esgota no reconhecimento da identidade civil, étnica ou religiosa, mas diz de um reconhecimento que vai além. Um reconhecimento que convoca o íntimo de todo o sujeito. Nele é assim evocado aquilo que o diferencia do outro provocando o “ego” e perturbando o “nós”. Os critérios que justificam e norteiam o reconhecimento de um estrangeiro, por parte do grupo, são complexos e assumem diferentes graus a partir da cultura observada.

Para aquele que ocupa esse lugar existem consequências que provocam reações e que evocam recursos primitivos.

Lorsque nous sommes privés de notre groupe d'appartenance habituel et confrontés à des angoisses primitives face à la présence "d'étrangers" réunis en groupe, les mécanismes de défense que nous utilisons pour nous protéger sont tantôt le recours répétitif aux références culturelles habituelles, tantôt l'abandon ou le déni de nos

propres repères culturels identificatoires pour se "fondre" dans un nouveau groupe d'appartenance (Kaës, 1998, p.56-57)³⁴.

Segundo Kaës (1998), aquele que ocupa o lugar de estrangeiridade é tomado pelo instinto de sobrevivência que exige desse organismo uma adaptação que promova sua sobrevivência no novo ambiente. São assim mobilizados mecanismos que ajudam o sujeito a lidar com a condição atravessada pelas incertezas. Aquele que ocupa o lugar de estrangeiridade se vê diante da necessidade de formatar uma identidade que responda aos códigos do novo lugar. Em outro país o estrangeiro se confronta com uma língua, uma cultura, uma economia, um clima, uma organização, além de outros aspectos novos para ele. Nessa condição parece inevitável um questionamento da própria cultura e seus elementos que até então cumpriram sua função, a de situar e garantir um lugar na comunidade como também a constituição do sujeito pela veiculação do ego ideal.

La mise en question de sa propre culture confronte chacun avec les contenus refoulés, avec les figures de l'archaïque et avec les modalités propres à sa culture. (KAËS, p.71)³⁵

Aquele que se vê obrigado de certa forma a duvidar de suas certezas culturais, na medida em que lança mão de modalidades que lhe foram transmitidas e que significaram o sucesso de sua sobrevivência, opera com conteúdos da ordem do reprimido. Além das inúmeras diferenças próprias da experiência da estrangeiridade que são questionadas, colocadas em causa, recusadas ou até reforçadas, existe ainda o fator língua. Aquele que migra e se encontra em outro país enquanto estrangeiro também, com frequência, desconhece a língua. Sabe-se que o tempo da adaptação é particular e seus efeitos também são vividos de forma singular pelo sujeito. No entanto, para autores como Kaës (1998), através de uma longa investigação clínica existiria um sofrimento implícito ao lugar que o sujeito passa a ocupar no desconhecimento da língua do outro.

³⁴ "Quando somos privados do nosso grupo habitual de pertença e confrontados às primitivas angústias diante da presença do "estrangeiro" reunido em grupo, os mecanismos de defesa que usamos para nos proteger são às vezes recursos repetitivos às referências culturais de costume, às vezes, o abandono ou negação de nossas origens culturais e referências identificatórias para se "fundir" com um novo grupo de pertença". - Tradução minha,

³⁵ "O questionamento da própria cultura confronta a todos com conteúdos reprimidos, com as figuras arcaicas e com as modalidades próprias a sua cultura." – Tradução minha.

L'impossibilité d'avoir accès à la langue de l'autre, et de disposer d'une instance de transformation des énoncés, mobilisait des expériences intenses de colère, d'abandon, de haine et de sidération.³⁶

Todas as experiências próprias da condição de estrangeiridade podem ser vividas com certo deslumbre e descoberta, mas também como uma agressão. Os limites de tolerância são variáveis além de mudar de acordo com o estado de ânimo. Quando esse limite é ultrapassado, mobiliza-se um grande esforço mental e físico para que se garanta a sobrevivência.

Ocupar o lugar de estrangeiro significa suspender ou até mesmo renunciar a integridade da própria identidade que de toda a forma não é mais a mesma a partir dessa condição. A partir da experiência da estrangeiridade a própria identidade passa a ser outra coisa, o efeito dessa experiência é uma identidade nova, pois sofreu uma perda de referencial cultural que o coloca numa condição de estrangeiridade de quem é afetado pela experiência, pelo outro.

Aqueles que migram, independentemente das razões que os levam a uma escolha como tal, têm suas identidades modificadas pela experiência da estrangeiridade. As intensas migrações, conforme mencionado acima, acontecem em função de razões econômicas, reagrupamento familiar e formação de família no país de acolhimento, ou em razão de perseguições devido a divergências sócio-políticas, perseguição racial, guerra no país de origem, fatores ideológicos e na melhor das hipóteses com o intuito de obter uma formação acadêmica. Seja ela forçada ou escolhida, uma mudança radical ou temporária produz para o sujeito uma perda das referências familiares. Essa perda encontra-se aliviada quando de um fortalecimento dos laços entre membros da mesma comunidade no país estrangeiro. Essa migração mobiliza uma profunda remodelação psíquica.

Ao longo de um processo de “adaptação” no país anfitrião, quando isso realmente ocorre, exige-se que um sujeito mude seu sistema de defesa e ele é confrontado com normas por vezes contraditórias às de sua cultura nativa. No melhor dos casos, o sujeito incorpora os padrões culturais do país de acolhimento. No entanto, mesmo tratando-se de uma migração temporária, no

³⁶ A falta de acesso à língua do outro, e de dispor de uma instância de transformação dos enunciados, mobiliza experiências intensas de raiva, abandono, ódio e deslumbre." - Tradução minha.

caso dos estudantes, percebe-se que a questão da integração do diferente aparece como uma questão que ainda não está resolvida e que tem seus efeitos.

Para muitos desses estudantes, apresenta-se um contexto de intolerância que se dirige a esses grupos e aos indivíduos pertencentes a culturas diferentes e que os obrigam a mudanças que afetam diretamente seus padrões culturais originais. Esse cenário está no cerne de debates atuais em nossa sociedade, nele presencia-se uma forma de diluição de diversos valores culturais que estão impregnados no sujeito, os da cultura mãe e que não são compartilhados na cultura do país anfitrião. O efeito oriundo dessa experiência, porém, diz respeito ao potencial de resiliência³⁷ de cada indivíduo numa relação dialética entre as necessidades de seu “ego” e do laço com o outro, entre filiação e afiliação. Indiscutivelmente, a pluralidade de referências culturais tende a complexizar a interação de necessidades diferentes.

Entre 2011 e 2012 foram publicados no Brasil inúmeros artigos de manifestações de intolerância contra estudantes vinculados a programas de ensino superior vindos de países africanos. Demonstrações que levaram a manifestações dos próprios estudantes reivindicando algum tipo de intervenção.

Estudantes vindos de diversos países (Angola, Burkina Faso, Cabo Verde, Guiné-Bissau e República Democrática do Congo), marcham para denunciar atos de racismo e discriminações ocorridos nos últimos anos, que resultaram/resultam em ações preconceituosas, difamações, violências físicas e até mesmo assassinatos, como o ocorrido em 22 de maio de 2012, com a morte de uma estudante angolana na cidade de São Paulo³⁸.

Além das manifestações e cartas abertas foram publicados manifestos redigidos pelos próprios estudantes. Esses episódios parecem refletir a dificuldade que existe em lidar com as diferenças culturais que são percebidas enquanto ameaças à integridade da própria cultura, conceito que diz respeito a um universo de significados utilizados por membros do grupo que a integram,

³⁷ 1. [Física] Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação. 2. [Figurado] Capacidade de superar, de recuperar de adversidades. (Dicionário Priberam da língua portuguesa on line, 2011)

³⁸ Jornal Focando a Notícia: <http://www.focandoanoticia.com.br/2012/06/13/estudantes-africanos-realizam-aco-es-contra-atos-racistas-e-discriminatorios-na-paraiba/> - Acessado 13/06/2012.

que permitem o estabelecimento de um código comum de entendimentos e reações perante o mundo.

La culture soutient le processus de la structuration en introduisant le sujet à l'ordre de la différence, spécialement dans les rapports décisifs des sexes et des générations, à l'ordre de la langue et à l'ordre de la nomination, c'est-à-dire au système de désignation du sujet dans sa place dans une généalogie, dans sa position sexuée, dans son affiliation sociale et culturelle.³⁹

A cultura introduz o sujeito na ordem das diferenças fazendo com que nela ele ocupe um lugar. No lugar que ocupa, o sujeito pode ser reconhecido e a partir dessas inferências e deduções que o constroem sob o olhar do outro. O olhar que o outro carrega organiza e orienta seu comportamento e reações em uma dinâmica complementar.

Se levarmos em conta que a identidade do sujeito provém em grande parte do olhar do outro, essa dinâmica de migração pode afetar e modificar a identidade desse sujeito. Essas modificações provocadas na identidade do sujeito a partir do contexto da estrangeiridade são percebidas por alguns autores como sendo verdadeiras e próprias estratégias identitárias. Essas permitem que o sujeito consiga reagir, assimilando ou rejeitando aqueles elementos que são experimentados enquanto uma violência sofrida em sua própria identidade.

³⁹ A cultura sustenta o processo de estruturação, introduzindo o sujeito na ordem da diferença, especialmente na decisiva relação entre os sexos e gerações, na ordem da língua e na ordem da nomeação, isto é, no sistema de designação do sujeito em seu lugar em uma genealogia, na sua posição de gênero, em sua filiação social e cultural. – Tradução minha.

6. RELATO DE UM CASO NÃO INICIADO

A estudante atendida é original de um país africano de língua portuguesa e tinha 21 anos na época do tratamento. Desde o início, a paciente, conhecendo minhas origens, sabia que poderia me comunicar com ela em crioulo. Mesmo sendo similares, o crioulo de Cabo Verde e o crioulo falado pela paciente não são o mesmo. Os atendimentos se deram inteiramente em crioulo, e o que poderia ser um facilitador não ajudou na compreensão do que me foi dito. Tive dificuldades em registrar tudo o que foi falado. A viagem para o Brasil foi a primeira viagem fora de seu país. No início da experiência do intercâmbio, essa estudante fazia seus estudos em outra cidade e recebia ajuda de familiares que logo cessaram. Em seu país outros irmãos e primos necessitavam de ajuda financeira para também estudar em terras estrangeiras. Nessas circunstâncias decidiu permanecer no Brasil e procurar outra oportunidade acadêmica. Foi assim que chegou a Curitiba onde foi recebida por algumas compatriotas. Logo se mudou para a residência universitária onde residiu até o final dos atendimentos. Foram cinco atendimentos, uma vez por semana ao longo de três meses. Por inúmeras vezes a paciente faltou ao atendimento. As razões apontadas para justificar suas faltas sempre diziam respeito a compromissos acadêmicos ou trabalho extra. Para se sustentar e pagar sua formação trabalhava ilegalmente aproveitando as oportunidades. O salário recebido nunca passou de um salário mínimo, por vezes precisava fazer horas extras para complementar sua renda. Iniciou um curso superior diferente do que havia começado na primeira cidade em que morou, pois relata que teve de escolher o que podia pagar. A queixa principal diz respeito ao sofrimento que experimentou na condição de estrangeira e diz querer aprender a lidar com esses conflitos de maneira que “não mais desse importância”: “n’kre prendi ka n’porta”. Nessa frase, percebe-se o valor que a paciente atribuía ao que lhe era dito pelos outros, a respeito do que ela diz querer aprender a não mais atribuir por não lhe fazer bem. Ela relatou que com frequência as pessoas não a entendem e se queixou da exclusão da qual padecia. Relata não ter conseguido fazer verdadeiras amizades e de não ter com quem conversar, e que o fato de ela não ter dinheiro suficiente faz com que não consiga acompanhar as outras colegas nas saídas e momentos de lazer: “Fico muito

tempo sozinha, não tenho com quem conversar”, queixou-se em todas as sessões, além de dizer que se sente perdida, principalmente em seu trabalho, quando lhe pedem coisas que ela não entende de imediato. No trabalho dizem-lhe que ela fala muito baixo e que precisa ser mais rápida no atendimento. Relatou ter vergonha de não saber a que o outro está se referindo e que faz de conta que entendeu e não pergunta nada.

Na faculdade diz ter dificuldades para se comunicar, sobretudo, nas apresentações públicas. “Quando faço apresentações ninguém entende o que eu digo!”. Também sente muita saudade da família e diz querer voltar ao próprio país quando terminar os estudos. Aqui não tem namorado, mas em seu país chegou a namorar um rapaz. O relacionamento mantido às escondidas da família terminou quando descobriu que estava sendo traída por ele. Repete sempre a queixa: “Aqui não tenho amigos e daqueles que eu conhecia me afastei porque não tenho dinheiro pra fazer o que eles fazem”.

A respeito desse caso podemos inferir que havia algo que impedia a paciente de estabelecer um vínculo suficiente para dar continuidade aos atendimentos. O fato de não ser compreendida nem mesmo por alguém que supostamente ela pudesse se comunicar e a escutar, pode ter se tornado evidente. Também existe o questionamento relativo ao valor que um atendimento psicológico tem diante da cultura da paciente. No relato de grupo apareceu em uma fala o julgamento de que ir ao psicólogo seria considerado “frescura”. Talvez para ela, diante de tantas privações e faltas em sua realidade concreta, como dinheiro, família, amigos, o atendimento não pôde se constituir como algo que não fosse considerado como “frescura”.

Além disso, a respeito da tentativa de se fazer um atendimento clínico em uma língua mãe para ambas, mas que não viabilizou uma transferência suficientemente positiva para seu engajamento no tratamento, poderíamos dizer que a não compreensão por aquela que se supunha capaz de escutar reforçou um estado de solidão e isolamento da paciente.

Restam muitas hipóteses a respeito do fracasso desse atendimento, porém era evidente a dificuldade da paciente em compartilhar e falar a respeito de si. Decidimos mesmo assim trazer o caso para este trabalho porque achamos importante a tentativa e a dinâmica que se estabeleceu, compreensão esta que será apresentada junto com as unidades de significado.

7. OS SUJEITOS E AS UNIDADES DE SIGNIFICADO

Aqui serão apresentadas as características relevantes dos sujeitos e as unidades de significado colhidas a partir das entrevistas realizadas em grupo como descritas no método.

7.1 Os sujeitos

Os sujeitos que integraram esta pesquisa são todos estudantes vinculados a programas de formação superior e oriundos de países de língua portuguesa. Nas unidades de significado, os cursos e países de origem serão omitidos para preservar as identidades dos participantes, no entanto, essas informações devem ser apresentadas a seguir. A escolha de apresentar as informações dos sujeitos participantes nas categorias de país, idade, curso, estado civil e tempo de intercâmbio foi proposital como forma de dificultar a rastreabilidade das identidades dos mesmos. Participaram desta pesquisa quatro estudantes vindos de Cabo Verde, três de Guiné Bissau e um de Angola. Dos cabo-verdianos, duas são meninas e dois meninos, dos guineenses, três são meninos e uma é menina, além de um menino angolano. A idade dos participantes variou entre 19 e 26 anos. Das três meninas uma tinha na época da pesquisa 19 anos e as outras duas 23. Dos cinco meninos, um tinha 23 anos, dois 24 anos, um 25 anos e outro 26 anos. Os estudantes estavam matriculados oficialmente nos cursos de: economia, engenharia elétrica, administração, letras, arquitetura e urbanismo, terapia ocupacional e relações internacionais. Desses alunos, somente um era casado na época que participou da pesquisa, os outros eram solteiros sendo que apenas dois estavam namorando. O tempo de intercâmbio para cada estudante é diferente por isso a necessidade de descrever separadamente. Uma menina estava há um ano e meio no curso, duas estavam no programa havia três anos, um menino estava aguardando na época a colação de grau e dois meninos estavam há três anos no programa de intercâmbio, outro estava haviam cinco anos e arriscava ser jubilado, um fazia somente um ano que havia chegado ao Brasil.

7.2 As unidades de significado

- Motivo da escolha pelo Brasil

H: “Por um curto período fiz parte do PEC-G. Sai do PEC-G porque tinha sido selecionado para Maceió. Candidatei-me para Curitiba porque tinha conhecimento de que a cidade era boa e tranquila (segura). Brasil e Portugal eram as opções que tinha e não gosto muito de Portugal”.

D: “Sempre quis estudar fora, no primeiro momento quis estudar em Portugal porque tenho família, parentes, tentei várias vezes, em 2001, 2003 e 2004, não consegui nenhuma das vezes, por isso que eu vim para o Brasil”.

R: “Me senti motivado para estudar no Brasil por questão da facilidade linguística e pela realidade cultural similar. A cultura brasileira tem algumas semelhanças com a cultura de países africanos lusófonos. Meu irmão estudava aqui pelo PEC-G. Recomendou-me estudar aqui, de preferência em um estado do sul. Disse que Curitiba era boa para estudar e tinha qualidade de vida. Ele morava em outro estado e tinha noção da diferença de realidade”.

M: “Escolhi o Brasil devido à proximidade cultural. Temos uma identificação com os brasileiros. Pesquisei várias cidades onde poderia ir, mas um amigo que fazia faculdade aqui na Federal me mandou um e-mail com uma descrição muito incentivadora da cidade de Curitiba, que me motivou a vir para cá. A gente se identifica de certa forma com os brasileiros”.

L: “Escolhi porque foi mais fácil conseguir visto para o Brasil. Meu tio me ajudou um tempo, mas logo teve que ajudar outros e precisei começar a trabalhar. Identifico-me muito com as pessoas de outro estado. Mas gostei muito de Curitiba, achei linda e tranquila”.

A: “Estou aqui há quatro anos e meio, e a minha maior dificuldade foi quando cheguei, quando eu me candidatei eu não escolhi Curitiba, não escolhi UFPR, eu não sabia de nada. Minha maior dificuldade, e creio que é a maior de

todo mundo, não sabia onde ficava nem conhecia. [o estudante relatou uma gafe: atendente disse: "você vai para Curitiba"; ela respondeu: "Não, vou para Paraná! "].

- *Compreensão da Unidade 1*

Das falas registradas percebemos que a escolha de estudar no Brasil foi feita em sua maioria, com base na crença de que haveriam semelhanças culturais e linguísticas. Os alunos que escolheram um intercâmbio dizem sempre ter desejado estudar fora do país de origem. Um estudante escolheu Portugal em primeiro lugar, porém o fato de não ter sido aceito o fez optar pelo Brasil. Dois estudantes escolheram o Brasil em primeiro lugar, pois não simpatizam com a cultura portuguesa em si. Uma estudante relatou que quando chegou à cidade não conhecia ninguém. Além de uma proximidade cultural que pesou na escolha do País um aluno disse ser mais simples obter o visto de estudo para o Brasil e os outros concordaram.

- *Chegada ao Brasil*

A: "Quando cheguei à cidade eu não conhecia ninguém". Eu cheguei de mala aqui porque eu achei que era o último dia para as documentações. Fiquei perdida em relação aos prazos. Falta informação entre os dois lados. Faltou uma recepção. Não sabemos quem vamos encontrar e onde vamos ficar. Demorei em me enturmar na faculdade. Entrava, assistia às aulas e saía. Não participei da semana de calouros por causa das burocracias do programa. Não pude me integrar nas 'panelinhas'. Quando fui apresentar meu primeiro seminário, todos cochicharam sobre meu sotaque, pois achavam até então que eu era brasileira. O professor teve que me apresentar. Hoje vejo que poderia ter aproveitado muito mais esse começo. Não participava de nenhuma atividade extra que o curso proporcionava.

U: "Cheguei ao Brasil em cima das aulas, quando tinha começado. Vim por conta. Tinha uns conhecidos na cidade, mas tive que fazer as coisas sozinho".

H: “Fui recebido por uma amiga da família que logo me levou para uma churrascaria. Essa pessoa me esperou no aeroporto. Estou aqui há mais de três anos. Está tudo correndo bem”.

E: “Cheguei sozinho, não fui recebido por ninguém. Pedi para o taxista me levar para o primeiro hotel que tivesse. No dia seguinte pedi que me levasse para perto da Federal. Ele me levou para a Casa do Estudante e fiquei lá como visitante por uma semana”.

D: “Não sou do PEC-G, vim por conta. Comecei a estudar em 2009. Minha chegada não foi difícil. Teve um monte de gente para me receber. Fiquei na Casa do Estudante, onde estou faz aproximadamente dois anos, desde 2009 quando comecei a faculdade. Universidades no meu país são novas, acho que a primeira é de 2003. Por isso todo mundo quer estudar fora. No começo queria ir para Portugal, pois tenho parentes lá e uma ligação com o lugar. Tentei em 2004 ir pra lá, mas não consegui. Depois tentei Brasil”.

L: “Fui para outras cidades em outros estados antes de vir para Curitiba. Eu gostei da cidade, eu achei linda. Aqui as pessoas são muito frias e distantes. Está sendo difícil, no início tive algumas amizades, mas não vejo mais ninguém.”

- Compreensão da Unidade 2

Das falas registradas podemos claramente dividir a experiência da chegada ao Brasil em dois tipos. Aqueles que chegaram sem conhecer ninguém na cidade e aqueles que chegaram tendo alguma referência. Uma aluna relatou que no início da experiência não participava das atividades em grupo. Um aluno chegou ao Brasil quando as aulas já haviam começado, veio por conta própria e antes de chegar a Curitiba estudou um tempo em outro estado. Teve dificuldades em começar a estudar devido ao início das aulas e outros diziam temer que ele não conseguisse acompanhar o programa. Decidido, conseguiu dinheiro e começou a estudar, porém escolheu outra

cidade que julgou mais tranquila, Curitiba. Os que não escolheram a cidade tinham pouca ou nenhuma informação sobre a realidade da cidade de Curitiba. Três estudantes relataram ter percebido pouca receptividade por parte dos moradores da cidade. Os estudantes que passaram por outras cidades e tiveram contato com outra realidade apontaram uma grande diferença no quesito acolhimento ao estrangeiro. Uns poucos foram recebidos por familiares ou amigos já residentes. Outros chegaram sozinhos tendo que improvisar moradia em hotéis como também o descobrimento da cidade. As rotinas burocráticas e administrativas foram transmitidas por colegas ou descobertas por si mesmos.

- Integração

U: “Tivemos problema para conseguir onde morar. Ficamos na casa do estudante. Agora estou achando aqui tranquilo”.

A: “Eu achei que não existe uma recepção boa para os alunos que vêm, você não sabe onde vai ficar, eu senti muita dificuldade quanto a isso. Eu demorei mais ou menos um ano para me acostumar. Não gosto de Portugal, mas não conheço. O povo é fechado, aqui é mais fechado ainda. Na minha ilha [local de onde veio] todo mundo se conhece, aqui não é assim, para você ir à casa da pessoa ela te convida acho que depois de 05 anos que se conhecem. Perdi muita coisa no primeiro ano, só no segundo fui me enturmar.”.

H: “A adaptação foi fácil. Não consigo falar com sotaque brasileiro. Estou aqui há mais de três anos. Felizmente, deu tudo certo. Hoje eu faço estágio na empresa de um professor meu. O país também, eu gosto muito. Eu não tive muitos problemas. Deu muito certo com as pessoas daqui. A escolha foi planejada com meu pai, ainda converso com ele. Eu já tive experiências fora em outros países”.

R: “Em meu país a gente gosta de falar ‘brasileiro’, achamos a fala brasileira muito legal, devido a novelas e tal. Isso despertava a vontade de vir para o Brasil. Eu trocava e-mail com um professor e tinha contato com alguns

moradores da Casa do Estudante. Quando cheguei fui pra lá e me receberam muito bem. Também tive outros amigos. Passei a adquirir a experiência bacana do intercâmbio e achei muito interessante estudar fora. Você passa a ter outra visão incorporando com o que você já tem e isso se multiplica”.

M: Aqui é muito bom para estudar. Já estive nas Ilhas Canárias. Aqui eu não sou bolsista. Até hoje eu digo, que foi a melhor escolha. Eu falo com pessoas do Rio de Janeiro, etc. e vejo que Curitiba foi a escolha ideal. Estou aqui desde 2009. Meu bom “brasileiro” veio com as amizades que fiz.

H: Conheci o E. logo em seguida. Não consigo falar com o sotaque brasileiro. Atualmente faço estágio na empresa de um professor meu. Está dando tudo certo, adaptação está sendo fácil

- Compreensão da Unidade 3

Das falas registradas nessa unidade, podemos perceber que esse momento aconteceu para a maioria entre dificuldades. O fato de não terem tido uma recepção adequada foi relevante para esse desfecho. Uma aluna conta que foi muito difícil sua chegada por não ter ninguém que a recepcionasse o que a fez perder muita coisa. Segundo essa mesma aluna, isso fez com que sua integração demorasse muito, encontrando uma cidade que ela julga pouco receptiva, diferente do que pensara a partir das novelas. Uma aluna relatou que não conseguiu se integrar aos colegas no primeiro ano de estudo. Queixou-se de ter perdido o convívio e as oportunidades que a experiência do intercâmbio poderia oferecer. Outra aluna relatou não terem sido compreendidos, e que o sotaque quando percebido era motivo de curiosidade. Um aluno relatou ainda dificuldade em conseguir moradia. Dois estudantes, uma minoria, relatam ter sido fácil construir relações aqui e que têm certeza de terem feito a melhor escolha para sua formação. Dois alunos já tinham uma experiência internacional, já haviam passado por outros países. Dentre esses, uma adquiriu o sotaque brasileiro e os outros não. Um aluno relatou que a experiência do intercâmbio foi muito interessante e que o ajudou a ter outra visão. Também houve relatos de dois alunos que disseram não ter tido muitos problemas

quanto a sua condição de estrangeiro, associando isso ao fato de terem tido outras experiência internacionais antes de vir ao Brasil.

- *O convênio e as dificuldades financeiras*

H: “Tem outros países, mas Brasil e Portugal têm muito mais vagas”.

A: “São as opções que dão nas escolas, nos convênios. Hoje já mudou um pouco, mas antes quem vinha pro Brasil, quando voltava era visto diferente”.

R: “Tem um processo seletivo. Mesmo conseguindo uma bolsa PEC-G não dá para gente viver bem”.

M: “Na minha ilha o IRA⁴⁰ é muito importante. Vai acumulando. Tem que ter média acima de 12 para entrar numa universidade. Para conseguir bolsa tem que ser superior, acho, 14 ou 15. (...) A primeira coisa que nos dizem quando viemos pra cá é que estamos pegando a vaga de um brasileiro, pois nem sequer prestamos vestibular, mas existe um método de seleção”.

E: “De certa forma acontece com a gente o que acontece com as pessoas que entram por cota, são vistas como inferiores. Mas são somente as melhores notas de meu país que são escolhidas para entrar aqui numa Federal”.

R: “É, mas não somos necessariamente os melhores de lá, pois isso também depende de condições financeiras, não só de dedicação”.

D: “No meu processo tinha cinco mil candidatos para 150 vagas. Eu passei. Mas os gastos financeiros ficavam por minha conta”.

⁴⁰ Índice de rendimento acadêmico é o índice que mede o desempenho acadêmico do discente em cada período letivo.

A: “E além do processo seletivo para o curso, tem outro para a bolsa. Pelo menos no meu caso e do E. Então você consegue a vaga e nem sempre tem garantia de que vai conseguir se manter”.

M: “Além disso, o estudante não pode trabalhar, só fazer estágio. Mesmo para quem não é do PEC-G, pois isso é do visto brasileiro do estudante”.

D: “Perdi rendimentos na faculdade. Eu trabalho e estudo, mas tenho peso na consciência, gostaria de só estudar. Mas se você não trabalhar, não vai poder se manter. No meu caso tenho apenas a isenção da mensalidade, mas ainda preciso me manter. Acho muito difícil.

- Compreensão da Unidade 4

Segundo os alunos existem muitos países que oferecem vagas para formação superior, mas Portugal e Brasil são os que oferecem a maior quantidade. Os alunos tiveram que fazer uma seleção em seus próprios países para conseguir uma vaga, sempre muito disputada, mas nem sempre são para as melhores notas que tais vagas são concedidas. Muitos dizem depender das condições financeiras da família do aluno. Todos compartilharam da opinião de que os brasileiros valorizam os estrangeiros, mas quando percebem que alguém o é, seu comportamento muda. Houve um tempo em que formar-se no Brasil não era muito valorizado como se formar em Portugal, o que já não é mais válido. Poucos alunos conseguem uma bolsa de estudo que custeie suas necessidades ao longo da formação, e mesmo com a bolsa é muito difícil conseguir viver bem. Dois alunos precisam trabalhar para se sustentar, o que afeta seu rendimento acadêmico, além de colocar em risco o vínculo com a instituição de ensino, pois não têm autorização para fazê-lo.

- Relacionamentos afetivos e sexuais

R: “Tenho uma filha com uma brasileira e transmitimos um pouco de cada cultura. Mas só falo português com ela”.

Z: “Eu e meu marido tentamos passar um pouco de tudo que passamos, mas não tentamos forçar nada específico”.

A: “Eu namoro um angolano que conheci aqui”.

L: “Eu não namoro aqui. De onde venho não tem isso de ‘ficar’, o namoro lá é sério. Pra mim foi um choque isso”.

R: “Mas eu acho que lá tem ficar sim. A gente chama de ‘esquema’”.

L: “Mas lá o ‘esquema’ todo mundo fica sabendo que um é esquema do outro, aqui, alguém ‘fica’ e ninguém fica sabendo”.

M: “Eu namoro um curitibano”.

- Compreensão da unidade 5

Na unidade que diz respeito às relações, uma aluna disse namorar um angolano que conheceu na cidade. Outra aluna namora um curitibano. Os outros seis alunos dizem não namorar aqui, tendo estranhado também o costume de ficar, pois relata que em seu país isso não existiria. Um aluno diz que em seu país existe, porém é chamado de ‘esquema’, com a diferença de que aqui ninguém ficaria sabendo.

- Percepção dos brasileiros

A: “Ficou para mim uma imagem ruim do curitibano. Não é que a gente queira se mostrar, mas deveria haver um trabalho para evitar os problemas que a gente sofre porque as pessoas não sabem que nós não somos daqui. Isso até facilitaria a integração”.

D: “Brasileiro gosta de estrangeiro”.

E: “A gente não quer ser visto enquanto estrangeiro, a gente quer ser tratado como todo mundo, mas tratado como estrangeiro no sentido de saberem a diferença da nossa cultura”.

A. “Eu pensei que o Brasil fosse o que passa nas novelas, mil maravilhas, e quando eu cheguei aqui eu vi que é totalmente diferente, principalmente aqui em Curitiba.”

E: “É verdade, vocês valorizam estrangeiro, mas não valorizam o que tem aqui. Não falo mal da cidade, porque me acolheu”.

- Compreensão da unidade 6

Nessa unidade um aluno disse perceber que os brasileiros gostam dos estrangeiros, e não valorizam o que tem aqui. Outro disse que ficou com uma impressão ruim dos curitibanos porque eles não sabem que são estrangeiros. Outro aluno disse que a cidade não correspondeu ao que ele pensava que fosse: “o Brasil, não é como aparece nas novelas”.

- Estrangeiridade

R: “É preciso entender que tem uma identidade por trás do sujeito. Fiz uma prova onde perguntava sobre a ‘ginga’ brasileira. Nem mesmo o professor sabia me explicar o que era. Existem autores que trabalham essa questão da diferença cultural muito bem. É preciso considerar essas diferenças sintáticas e de significado”.

D: “O isolamento acaba deprimindo a gente um pouco”.

L: “Perdi rendimentos na faculdade. Sinto-me sozinha aqui, eu trabalho e estudo, ninguém da família pode me ajudar”.

- *Compreensão da unidade 7*

Nessa unidade um aluno relatou sobre a dificuldade de compreender algo que lhe foi explicado pelo professor, pois a noção do que estava sendo transmitido era própria da cultura brasileira e nem mesmo o professor conseguia explicar. Esse mesmo aluno disse ainda que leu autores que abordam a necessidade de levar em conta as diferenças sintáticas e de significado. No país anfitrião, devido ao isolamento, admite-se que estudantes podem se sentir um pouco deprimidos. Os alunos contam que em seus países de origem se vive muito em comunidade, em alguns casos devido a questões geográficas.

- *Diferenças culturais*

E: “É uma crença de lá de que depressão é frescura”.

A: “Lá eles acham que ir ao psicólogo é frescura”.

R: “Lá nós vivemos muito em comunidade, até porque o país lá é pequeno”.

A: “Mas lá as pessoas também negligenciam um pouco sua saúde. Eles deixam pra procurar ajudar quando estão à beira da crise”.

D: “Além disso, tem o preconceito. Na rua já percebo. Se vejo uma menina vindo em minha direção já desvio, antes que ela desvie, pois elas sempre desviam achando que vou assaltá-las. Antes de vir, achei que aqui já era diferente, que não tinha essas coisas, mas tem”.

R: “Eu moro junto com a mãe da minha filha, ela é curitibana. Nós nos deparamos com choques culturais, mas a convivência é o que ajuda a superar. Hoje estamos num nível de equivalência”.

M: “Eu tenho ‘amizades curitibanas’ excelentes. Moro junto com meu namorado, mas não temos essa noção de estarmos casados”.

- Compreensão da unidade 8

A partir da pontuação de uma aluna que relata que mesmo que estivesse sofrendo não saberia como admitir, outro aluno relatou então que em sua cultura o sofrimento psíquico não é relevante e é comum a crença de que depressão seria apenas frescura. Um aluno falou a respeito da saúde mental, e de como ela é negligenciada em seu país, sendo que as pessoas deixariam para procurar ajuda quando estivesse à beira de uma crise. Três alunos falaram do preconceito que vivem enquanto estrangeiros, outros três anuíram, concordando com o relato. Um aluno relata que quando percebe o olhar de medo de quem vai a sua direção antecipa-se ao outro desviando de sua direção antes que esse outro o faça. Diz que as mulheres sempre desviam achando que ele vai assaltá-las. Relata ter sido um choque estar nesse lugar de preconceito. Um aluno relatou a respeito das diferenças culturais que enfrenta por morar com uma curitibana que conheceu aqui que também é mãe de sua filha.

Cabe ressaltar um apanhado das falas feitas ao longo de todo o evento que remetem de alguma maneira à condição de estrangeiridade e às diferenças culturais. Aqueles alunos que têm filhos aqui na cidade cujo cônjuge não é do mesmo país, tentam transmitir um pouco de cada cultura.

- Dificuldades

D: “Sofri muito desejo (de estudar) e ansiedade. Quando fui pra lá, parecia criança, não queria voltar. Voltei triste. Ainda não consigo falar bem o português. Pra mim não foi um choque”.

L: “Mais difícil é a saudade. Gostaria que o tempo corresse rápido para poder voltar”.

A: “Também quero estudar lá, mas estar longe da família é muito ruim. Alguns conseguem que a família venha visitar, mas nem todos. Falta uma ponte entre o que realmente acontece aqui e o estudante. A gente chega perdida. Uma coisa que nos prejudicou mais foi a escrita. A fala a gente até consegue pegar, mas a escrita é mais complicada. E olha que eu escrevo relatórios desde o segundo período”.

E: “Acho que superei as dificuldades, eu pretendo voltar pra fazer especialização. O relacionamento com as pessoas foi a maior das dificuldades, minhas dificuldades. Na faculdade estudei muito para provar que podia conseguir. Não foi fácil. Falando de preconceito, aconteceram várias situações que eu não gostei, tive várias situações que não gostei na faculdade”.

R: “Para mim, a maior dificuldade creio ter sido a questão financeira. A bolsa PEC-G não dá para a gente viver bem. O lado positivo foi que a experiência foi muito bacana. Teve professores que conheci excelentes, que não tenho nem palavras para qualificá-los. Eu tenho saudade (de meu país), mas ainda desejo estudar nos EUA”.

- Compreensão da Unidade 9

Nesta unidade podemos perceber relatos a respeito das dificuldades experimentadas pelos alunos e que de alguma maneira estão relacionados com a condição de estrangeiro. Uma aluna relata que, diferente de suas colegas, tem bastante dificuldade em fazer novos amigos e diz sofrer porque as pessoas não sabem que não são brasileiros. Isso, na opinião dessa aluna, facilitaria a integração. Ela relata ter dificuldade até mesmo na escrita, pelo fato de o português não ser o mesmo. Já outro aluno diz não querer ser visto enquanto estrangeiro, e sim ser tratado como todo mundo, quando se pede para ser tratado como estrangeiro é no sentido de as pessoas reconhecerem as diferenças de sua cultura. Um aluno relata ter sofrido muito ao ponto de perceber certa ansiedade. Dois alunos disseram que o mais difícil é a saudade, revelando seu desejo de retornar, os outros concordaram. Outro aluno diz ter superado as dificuldades e que pretende voltar para fazer uma especialização.

Sua maior dificuldade era a de relacionamento com as pessoas. Uma aluna relatou que o fato de não saber nada a respeito da cidade teria dificultado as coisas no momento de sua chegada. Isso a fez sentir-se perdida. Para outro aluno, sua maior dificuldade refere-se à questão financeira.

- A língua

L: Ô k'in pâpia es k ata intenden. Es k ata kre fazi grupo ku mi pa fazi trabadju. N'ka ta papia ku ninguém nem na nha quartu. N'ta dividil ku mas uns mininas.

M: “Minha maior dificuldade foi a questão do idioma. Me ‘zoavam’ por conta do meu sotaque... a alimentação e música”.

- Compreensão da unidade de significado 10

Nesta unidade podemos perceber relatos a respeito das dificuldades experimentadas pelos alunos relacionadas à língua. Para uma aluna, a maior dificuldade foi a questão do idioma. Diz que seu sotaque era motivo de piadas. Para a aluna atendida individualmente a língua dificultou tanto a inclusão nos grupos de trabalho como a socialização na própria moradia estudantil.

8. COMPREENSÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO

Das falas apresentadas, percebemos que a escolha de estudar no Brasil é diretamente vinculada à ideia de uma proximidade cultural e linguística, o que não se confirma necessariamente na prática. A proximidade cultural, mesmo existindo, não é garantia de aceitação desse estrangeiro. Os estudantes carregam em suas ideias pré-concebidas dos brasileiros, estereótipos vinculados a uma representação veiculada pelas mídias.

Aqueles estudantes que escolheram Portugal em um primeiro momento e que não foram aceitos, optaram pelo Brasil pela facilidade em conseguir vagas nas instituições de ensino superior. Isso diz respeito, sobretudo, aos estudantes de convênios formais como o PEC-G, o mesmo não se aplica aos estudantes que vêm por conta própria tentar uma vaga. Existe também uma categoria de estudantes que escolhem o Brasil em primeiro lugar, pois não simpatizam com a cultura portuguesa em si. Um aluno falou a respeito da frieza dos curitibanos, pois tinha uma expectativa em relação ao que seria o acolhimento dos brasileiros para com os estrangeiros. As mídias transmitem parte da programação televisiva brasileira em países que foram colônias portuguesas. A imagem veiculada por esses é a das novelas ou dos *reality shows* e programas sensacionalistas. A partir de uma ideia construída e idealizada a respeito dos brasileiros, como se pudéssemos generalizá-los, esses estudantes tiveram um verdadeiro choque cultural. A frieza atribuída aos portugueses foi encontrada em Curitiba.

No entanto, a construção da imagem dos portugueses não se resume a um único fator. O fato de não simpatizarem com a cultura portuguesa diz respeito à sua própria história recente de descolonização. Os portugueses, hoje dentro uma política de neocolonialismo, ocupam lugares de destaque no controle das economias dos países que outrora foram suas colônias. Mesmo diante dessa realidade, os portugueses dificultam a entrada dos africanos no país, mantendo inclusive políticas de exclusão que operam sobre aqueles que já se encontram lá.

Entre todos os estudantes parece haver o consenso de que existe uma proximidade entre seu país e o Brasil, e que essa poderia se traduzir em

acolhimento, o que não acontece. A boa imagem dos brasileiros foi exacerbada em detrimento da generalização da má imagem dos portugueses.

Podemos claramente dividir a experiência da chegada ao Brasil em dois tipos: aqueles que chegaram sem ter alguém conhecido na cidade e que os acolhessem e mediassem o confronto de diferenças entre as culturas, esses relatam uma experiência difícil ou até mesmo dolorosa; e aqueles que chegaram tendo alguém a sua espera no aeroporto, ou simplesmente uma referência de sua própria origem na cidade, e que pudesse orientar a descoberta do novo universo cultural, esses puderam viver o momento com mais tranquilidade.

Os trâmites burocráticos são o primeiro contato, e também causador de choque cultural, evocado pela própria condição de estrangeiro. Em um primeiro momento, a questão da moradia, mesmo que provisória, precisa ser resolvida. Casas de estudantes, repúblicas, casas de família e até mesmo hotéis são os primeiros lares desses estrangeiros. O sucesso do encontro de uma moradia se dá, mas entre muitas dificuldades. Logo acontece a passagem obrigatória pela Polícia Federal, que diz respeito à legalização da estadia no país. Sem a legalização no país, esses estudantes não podem estudar e nem alugar imóveis em seu nome, como também abrir conta em banco ou até mesmo viajar. Além disso, logo precisam matricular-se em uma instituição de ensino. Todos esses momentos podem acontecer em uma ordem própria, mas nunca livres de estranhamento. Sem visto não se pode obter um CPF, o que é indispensável para ser considerado sujeito legal no país. O CPF, ou cadastro de pessoa física, é solicitado e atribuído como prova de existência e regularidade fiscal, ele serve para alugar, comprar, parcelar etc.

A integração se dá para a maioria com dificuldades, apontando-se a falta de recepção como fator agravante desse momento. O fato de os curitibanos serem pouco receptivos, ou frios, como os descreveu um aluno, tem seus efeitos. Aquilo que é da ordem das diferenças culturais, pode assumir o lugar de estranheza. Nesse contexto, essa falta de recepção ou o não acolhimento pode fazer com que o estrangeiro não se sinta aceito ou nem desejado nesse lugar para onde veio, o que reforça sua condição de estrangeiro como uma condição de estrangeiridade.

Com a falta de receptividade alguns alunos perderam a oportunidade de ser introduzidos na cultura, de maneira que se minimizasse o estranhamento das diferenças culturais. Alguns alunos demoraram mais tempo para conseguir se integrar e se aproximar dos colegas no primeiro ano de estudo. É comum a queixa, entre os estudantes, de terem perdido a oportunidade de vivenciar certas experiências que o intercâmbio poderia oferecer.

Os estudantes são alvo de certo estranhamento por conta de seu sotaque por parte de pessoas com as quais eles interagem em seu dia a dia. A percepção desse sotaque resultou, segundo os estudantes, em admiração e curiosidade, ironias e piadas ou até mesmo em rejeição. Em todos os casos havia certa incompreensão de sua fala, apontando o sotaque como responsável por esse estranhamento.

Além das inúmeras exigências burocráticas, o próprio preconceito apareceu em várias situações como sendo um obstáculo. O racismo, a rejeição ao diferente, apareceu em diferentes momentos da experiência produzindo reações diversas por parte dos estudantes. Para alguns, ser o destinatário desse sentimento gerou um sofrimento que parece ter dificultado a construção de relações sólidas nas quais pudessem acontecer trocas possíveis mesmo entre as diferenças.

Os estudantes que já tinham uma experiência internacional, e que, de alguma maneira, haviam experimentado essa estrangeiridade em outro momento, própria da migração, e que haviam se confrontado com dinâmicas próprias dessa condição, puderam reagir de outras maneiras. Para alguns, as experiências internacionais vividas em outra ocasião, anterior a do intercâmbio em Curitiba parecem ter produzido certa resistência positiva diante do lugar da estrangeiridade que poderiam vir a ocupar. Para eles, o que é estranho vindo do outro pode ser interpretado como característica daquela cultura ou até mesmo da pessoa em questão. A capacidade de não tomar para si, ou até mesmo reduzir esse olhar de estranheza vindo do outro, é uma habilidade que parecem ter adquirido; mostrando-se sem receio de serem percebidos enquanto estrangeiros ou sem perceberem esse lugar como uma ameaça à própria identidade. O fato de poder reagir de forma menos sofrida diante dessa condição parece dizer respeito a um reconhecimento de um lugar que foi ocupado anteriormente. Dentre esses, alguns adquiriram o sotaque brasileiro e

outros não, de alguma maneira demonstrando uma permeabilidade maior à diferença.

O fato de não sentirem suas identidades ameaçadas na medida em que a outra cultura é introjetada, está diretamente vinculado à permeabilidade do sujeito diante dos atributos que definem essa outra cultura. A possibilidade de viver essa experiência de maneira menos sofrida é também a possibilidade de apreender dela o valor da diferença podendo, a partir dela, adquirir um novo olhar a respeito do que é ser estrangeiro e da realidade em que se está.

9. AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

O que é esse olhar que nos convoca em um lugar estranho onde não passamos de estrangeiros diante do que não mais se mostra familiar? Um olhar estranho, um estranho olhar, o olhar do estrangeiro, um olhar estrangeiro. O lugar que se pode ocupar, do qual se olha o outro, parece estar vinculado ao conjunto de obrigações culturais às quais estamos submetidos e à organização psíquica que somos capazes de construir.

A condição de estrangeiridade é pauta de discussão e preocupação a partir de diferentes interesses. Essa condição diz respeito a um lugar que todos podem ocupar em um momento ou outro da própria vida. Sob o ponto de vista geográfico, a condição de estrangeiridade se refere à questão das diferenças que podem ser encontradas entre culturas. O interesse para com as diferenças culturais é na realidade marcado por dois aspectos fundamentais: o movimento migratório mundial e as relações econômicas. Mesmo tendo um intuito de conquista e transformação, todo o confronto cultural é sentido como ameaçador, segundo Kaës (2005).

Para o senso comum, aquele que parte é percebido pelo outro que fica como alguém que gozará de alegria nesse lugar de estrangeiridade que vai ocupar. Aqueles que partem são percebidos pelos que ficam como ocupando uma condição favorecida, unicamente de benefícios e vantagens. No entanto, existe um sofrimento intrapsíquico que é experimentado por aquele que se encontra na condição de estrangeiridade e é esse sofrimento que a psicanálise se propõe a escutar. A psicanálise tenta à sua maneira responder com sua escuta à complexidade dos problemas advindos desse lugar que na diferença cultural confronta o sujeito com uma situação totalmente desconhecida e que pode ser vivida como ameaçadora.

O tema das diferenças culturais passou a ser objeto de estudo da psicanálise no intuito de poder formular algumas questões relativas a esse mal-estar que pode resultar em intolerância ou adoecimento. As reações ao encontro intercultural têm efeito naquele que fica, naquele que parte e naquele que acolhe. O adoecimento são efeitos no indivíduo ou no grupo, podendo manifestar-se como depressão, pânico, fobias e até mesmo podendo resultar

em suicídio. A intolerância são efeitos que se desencadeiam contra o grupo e a cultura. Todos esses são fenômenos heterogêneos que convergem no que diz respeito às relações sociais próprias de uma sociedade.

Essa condição não se refere exclusivamente àqueles que partem de um lugar familiar para outro desconhecido. Existem migrações próximas ou distantes, temporárias ou permanentes, voluntárias ou forçadas, (GRIMERG, 1982). Escolhemos as temporárias reconhecendo que nelas existe um grau de liberdade. As implicações de uma migração obrigatória, imposta, constituem-se em obstáculo para o sujeito, e geram dor, confusão e incomunicabilidade, de acordo com Grinberg (1984).

Migrações implicam em uma busca e referem-se a um estado que é constitutivo do sujeito, um estranhamento, uma experiência vivenciada a todo momento. Circulamos o tempo todo por espaços que evocam em nós esse estranhamento que é característico do olhar estrangeiro. Pensar no conceito de estrangeiridade como condição de estranhamento diante de um confronto de realidades ajuda a ampliar a noção que podemos ter da mesma. Olhamos, estranhamos, comparamos, identificamos e nos acomodamos novamente na familiaridade daquilo que reconhecemos.

Em um tempo próprio dessa dinâmica que torna o estranho familiar, existe o tempo que cada um leva para efetivar sua predisposição na experiência. Uma temporária e simples migração de território parece ocupar no imaginário de quem parte, de quem fica e de quem se encontra, um lugar no imaginário que pode estar carregado de certo romantismo e idealização.

No que diz respeito à forma como é vivida essa experiência intrapsíquica acionada pela estrangeiridade, nem sempre existe a possibilidade de ajuste. Uns rapidamente se ajustam e incorporam, outros resistem um pouco e há aqueles que a rejeitam por completo. Entre os estudantes pesquisados, o número daqueles que enfrentam a condição de estrangeiridade com certa dificuldade, resistindo e rejeitando foi maior do que os que rapidamente se ajustaram e incorporaram ou rejeitaram parcialmente o que das diferenças não lhe cabia. Dos oitos participantes, somente dois relataram que a experiência se deu sem percalços. Na fala dos outros participantes as dificuldades apareceram inúmeras vezes e sempre entendida como que não fosse possível superar tal condição. Na fala da paciente atendida individualmente as

dificuldades em relação à integração e comunicação concentravam as queixas da experiência. Já desde sua chegada ao país, aquela que deveria ser uma experiência mais simples com relação à comunicação porque mediada pela língua portuguesa, não aconteceu sem dificuldades. Essas apareceram também no âmbito da academia e das relações pessoais. Na faculdade, as dificuldades de comunicação impossibilitaram sua integração em grupo para a produção de trabalhos e dificultaram a tarefa de encontrar novas companhias no alojamento.

A interpretação da experiência desses estudantes deve levar em conta que nada conta mais do que aquela feita pelo próprio sujeito. Assim, o mito que poderia nos auxiliar nessa tarefa reforça essa tentativa, a mesma que guia a tentativa de dar um sentido aos conteúdos manifestos no processo analítico. O casal Grimberg, em 1982, escreve a respeito deles mesmos para poder falar do sofrimento que a migração impõe. A migração é vinculada à busca por saber, da mesma forma que Eva e Adão foram punidos e obrigados a partir quando de sua escolha pelo saber. Esses são enunciados que ajudam a compreender as dificuldades que se apresentam ao indivíduo para poder tolerar a dor do verdadeiro conhecimento, o que implica não só em saber sobre algo, como também em ser algo.

O efeito da experiência é particular e a capacidade de resiliência, enquanto resistência psíquica que favorece a superação de dificuldades se aterá ao potencial desestruturante que o evento estranho terá para cada organismo (M. Cremasco, 2004). A capacidade de um sujeito de superar um evento ou não, só pode ser observada na medida em que ele se depara com tal evento, sem que se possa afirmar com toda a certeza que o que é desestruturante para uns também o será para outros.

Quando pensamos na migração como evento em que inevitavelmente o sujeito vê suas referências confrontadas a outras, podemos certamente identificar o fenômeno do estranhamento com facilidade. Segundo o casal Grinberg (1984), os efeitos da perda do objeto ideal, da angústia do ego de estar desamparado, largado a suas forças, está na origem de diferentes formas de sofrimentos. Esses efeitos são experimentados pelo homem ao longo de seu desenvolvimento em suas migrações particulares para tornar-se sujeito, descolado do corpo materno.

Com o desprendimento desse corpo o sujeito vai em busca de conhecimento, de experiências que atendem a interrogações. Nessa busca existe o risco de cair em estado de confusão, porque a língua estrangeira não apreendida não faz a função de veicular uma mensagem em uma situação de comunicação; uma dissociação defensiva em que uma parte ou outra se encontram investidas de toda a negatividade impossibilitando a assimilação da experiência como total. Isto é, generalizando os efeitos e reduzindo as chances da experiência ser repetida com efeitos inesperados. O resultado de uma experiência não necessariamente é vivido em outra que possa apresentar características pretensamente idênticas. Para o casal Grinberg (1984), toda a migração tem um período de trauma que pode se prolongar dependendo do sujeito.

A migração sempre fez parte da história do homem. Temos hoje uma migração que aparece como massificada por conta do afrouxamento das fronteiras físicas entre alguns países como as do leste europeu com a Europa. Relembramos ainda as migrações de países africanos como Etiópia, Quênia, Senegal, Cabo Verde, Angola ou até mesmo do Brasil para América e Europa. Porém, esse afrouxamento não justifica o aumento das migrações que assumem proporções importantes, dependendo do país. O porquê e o como de uma migração nos dão a possibilidade de conhecer a construção fantasiosa em torno da qual a escolha de migrar foi feita.

As razões que levam alguém a “escolher” viver essa experiência são diversas e têm um peso de acordo com a história daquele que parte (GRIMBERG, 1982). Escolhas que se relacionam com questões de um tempo anterior ao da migração, sempre evocadas em outro tempo, o dos efeitos dessa migração. Dentre os sujeitos que participaram de nossa pesquisa, as razões relatadas diziam respeito a um desejo transmitido na própria cultura de que estudar fora do país traria mais reconhecimento e melhores possibilidades econômicas. Encontra-se aqui devidamente explicitada a ideia da busca de conhecimento apresentado pelo casal Grinberg (1984) e de reconhecimento por Honeth (2008). Se o reconhecimento não acontece, como apontado pelos sujeitos, resta um lugar vazio, sem identificação possível. A não integração é a marca do não reconhecimento. Não serem acolhidos institucionalmente pode lhes passar a mensagem de não serem importantes, não serem reconhecidos.

Em alguns países não existem universidades, então a possibilidade de ter uma formação superior passa impreterivelmente pela experiência do intercâmbio. Dessa forma, temos relatos de estudantes que cresceram sabendo que um dia isso seria experimentado. Para estudar fora do país é necessário ter no mínimo uma garantia de subsistência, e por vezes tios e parentes próximos são solicitados para juntar suas rendas como garantia de que o aluno terá o suficiente para custear seus estudos no país estrangeiro. Esse compromisso é válido em muitos casos somente para que seja garantida ao estudante uma vaga no país de sua escolha. Com frequência, após a garantia de vaga, essas rendas serão mobilizadas novamente para garantir a vaga de outro membro da família. O estudante que já tem a vaga garantida, nesses casos, está ciente de que terá de trabalhar para se manter e estudar, como no caso de quatro dos participantes da pesquisa. Nesse contexto, poder fazer um luto significa abrir mão de ser 'cuidado', 'sustentado' pela família; ao mesmo tempo em que a expectativa da família de que o estudante consiga se sustentar também é uma injunção, uma cobrança. O fracasso financeiro que vivem aqui marca o próprio fracasso da esperança de terem o sucesso tão esperado por eles e pela família.

Em uma migração existem muitas formas de manutenção das relações com o grupo de origem e na medida em que essas relações acontecem, a lembrança desse cenário familiar pode ser com frequência evocado no dia a dia do estudante. Uma presença que assinala uma falta, a de um cenário que foi abandonado.

Com relação à condição financeira, dois realmente recebiam mensalmente dos pais o montante necessário para que sua educação superior se desse com tranquilidade, e poucos tinham uma bolsa de estudo do próprio governo, frequentemente, aqueles vindos de países mais estáveis politicamente como Angola, Cabo Verde e Moçambique; esse era o caso de dois alunos que participaram da pesquisa. No entanto, o valor pago pela bolsa de estudo não é regular, podendo vir a ser pago com atraso, deixando o aluno à mercê do imprevisto. Dos países cuja instabilidade política é reconhecida como no caso de Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor, as dificuldades são ainda maiores, pois não existe garantia de uma bolsa e os processos de entrada acontecem entre favoritismos.

Diz-se 'partir', o que remete a um rompimento. Esse rompimento acontece com aquele que se afasta, mesmo que temporariamente, de sua cultura, do que lhe é familiar, para vivenciar o desconhecido que, eventualmente, pode se tornar familiar. Muitas vezes essa ruptura se dá apenas no que diz respeito ao ambiente físico em geral, podendo ser observado em inúmeros casos uma reprodução, por vezes exacerbada, da cultura e costumes dos quais houve um distanciamento físico.

É fato que partir não se dá sem questionamentos. Aquele que "rompe" com suas identificações, garantidas a partir da introjeção do superego, mecanismo próprio da psicodinâmica do sujeito, experimenta os efeitos dessa experiência ao partir. Dar conta da relação entre sujeito e sociedade é próprio do mecanismo de identificação e da introjeção do superego, portanto são percebidas como vinculadas entre si. Algo se parte nessa ligação "empobrecedora" e idealizada que mantinha com seu grupo.

A identificação garante a existência de um laço afetivo no qual o outro ocupa um lugar de onipotência e onipresença diante da constituição subjetiva. Se levarmos em conta que o sujeito pode aparecer somente no registro do outro, da cultura, logo sabemos que aquele que parte perde, mesmo que temporariamente, essa condição. E ele também perde, agora definitivamente, a possibilidade de ocupar o mesmo lugar, pois após essa experiência nunca mais será o mesmo. A segurança e a certeza proporcionadas pelo sentimento de pertença se veem abaladas. Os laços que mantinham esse vínculo podem vir a ser questionados e sobre eles se instaura a dúvida.

Na condição de estrangeiridade é parte de si que é perdida, uma perda que pode ser elaborada mediante o luto diante do que não será mais o mesmo. O sujeito, no confronto com a experiência da estrangeiridade, é marcado e, mesmo com o retorno às origens, não será mais o mesmo, pois essa perda é irreversível. Quando a experiência pode ser nomeada de luto identitário, diz da possibilidade do sujeito de ressignificar seu lugar no mundo. Ressignificar a experiência não significa resignar-se a ela; segundo Métraux (2001, p.33), o processo de luto não se resume a uma aceitação, menos ainda a um percurso sinalizado para a resignação.

Nesse processo diante do qual a identidade sofre uma profunda transformação diretamente ligada à perda de suas referências fundadoras, o luto seria indicador de que o sujeito pôde elaborar o vivido. Poder elaborar denota um investimento em que o sujeito não considera novos objetos identificatórios uma ameaça a sua identidade. Um aluno relatou ter sentido que ao retornar ao país de origem não podia parar de chorar como uma criança. Em seu retorno, o sujeito parece ter tomado conhecimento do que havia perdido e do lugar que não poderia mais ocupar. Trata-se da saudade que foi verbalizada por todos ao longo da pesquisa. Falar de seu país, das relações que nele se mantinham, da falta do que não pode mais ter, resgata para o sujeito a consciência de seu lugar. Saber de seu lugar situa o sujeito diante de sua escolha de migrar, uma tomada de conhecimento pode auxiliar no trabalho do luto. As angústias atormentam e deixam esse que parte, inexoravelmente, descentrado de si mesmo.

Aparece então um sujeito que o tempo todo está em busca de si próprio na crença de uma possível unificação com o social e consigo mesmo, uma unidade tentadora segundo Koltai (1998, p.106) – o “ego”, o “nós”, ou o “entre-nós”; uma identidade compacta que exclui os diferentes-de-mim, diferentes-de-nós, diferentes-do-consenso-do-entre-nós.

Aquele que estranha e exclui parece acreditar na possibilidade de unidade, como também aquele que parte, antes de deixar sua cultura. Porém, acontece que, na experiência da estrangeiridade, o estrangeiro se dá conta da impossibilidade dessa unidade por preservar fundamentalmente na constituição de seu ego uma singularidade que é impartilhável. Não existe a possibilidade de uma unidade cuja prerrogativa seja uma fusão, mas há sim unidade possível na integridade da experiência, daquilo que nos mostra igual enquanto diferentes. Existe uma crença implícita de que, na medida em que se integram a um grupo, os laços que os mantêm enquanto tal transformam seus integrantes em um organismo único homogêneo. Nessa crença não parece existir a possibilidade de se haver com as diferenças que ainda constituem cada integrante do grupo. Por mais que se faça parte de grupo, isso não torna seus membros iguais entre si.

Portanto, é somente diante da tentativa de restituir a unidade pra sempre perdida, ou que nunca existiu em nós, que faz sentido pensarmos a condição

do estrangeiro. Ou seja, é porque nós nos “unificamos” social ou sintomatologicamente, que podemos denominar ‘estrangeiro’ ao ‘outro’ diferente dessa unificação. Isso diz, sobretudo, de uma condição repressora do ideal de ego, como instância de resistência contra tudo o que se apresenta como uma realidade possivelmente frustrante e ameaçadora à integridade do ego.

Em nossa pesquisa, foi no discurso de seis dos oito participantes que pudemos rastrear algum vestígio de uma experiência que pode apontar para uma estrangeiridade que, de alguma forma, trouxe algum sofrimento psíquico a partir do descentramento de si próprio nessa condição. Entre os relatos, chama nossa atenção a verbalização de cinco dos oito alunos que disseram terem se sentido perdidos ao chegar ao país, sem nenhuma referência, sem ninguém que os acolhesse. Outra aluna disse não saber, na época, sobre o costume dos trotes na semana de calouros, o que a fez preferir ficar longe desse evento. Não ter quem os acolhesse deixou os estudantes sem referências identificatórias que pudessem validar a condição de estrangeiros deles, reconhecendo-a. Os próprios estudantes disseram querer ser reconhecidos como estrangeiros, que é o que são, mas também serem acolhidos como são, ou seja, o estrangeiro neles ser uma condição de reconhecimento perante o outro e não de exclusão ou indiferença como relatam.

O social está submetido aos imperativos do singular, à forma como esse elabora a *mise-en-scène* do vazio que ocupa os espaços entre um e outro. O social opera somente na medida em que o sujeito singular reconhece nele a mediação de sua própria relação com o simbólico. O vazio ao qual se faz referência é aquele que permite ocupar nossa imaginação com produções cada vez mais elaboradas, aquele que permite a emergência do desejo.

Somos estrangeiros desde que nascemos, na medida em que ocupamos lugares estranhos em que não parece haver um enodamento com a cena. Se, em um segundo momento, podemos reconhecer algum laço social e atribuir um valor ao vazio que permeia a realidade, é porque em algum momento pudemos perceber uma estranheza nesse lugar onde o vazio irrompe. O que se torna familiar se dá na cena na qual nossa experiência acontece. Diante das cenas em que a familiaridade orienta a ação, a experiência a ser vivida pode ser entendida como programada, na medida em que existe uma noção da cena e

das consequências de nossas ações dentro dela – um ambiente previsível e controlável dentro dos limites culturais conhecidos.

Podemos pensar então que é a estranheza, a percepção do vazio que nos torna estrangeiros? Poderíamos dizer também que o estranho é, desse modo, aquele que não pertence à cena na qual nossa experiência programada deveria se dar? De certo modo sim, pois todo sujeito necessita de uma cena na qual inscreva um discurso, da mesma maneira que toda sociedade faz desse lugar vazio um lugar de sombra, e seu discurso legitima seu funcionamento institucional.

Para tornar-se humano o indivíduo precisa ser institucionalizado e a linguagem é o instrumento que possibilita a construção de sua cena. No entanto, esse viés da linguagem pressupõe uma relação única e solitária que torna esse indivíduo radicalmente alienado. Esse panorama assume uma dimensão ainda mais complexa quando se trata de sujeitos que falam línguas diferentes, supostamente iguais porque originadas da mesma colonização, porém inseridas em diferentes contextos linguísticos que as tornam, da mesma forma, estranhas; como é o caso dos estudantes por nós pesquisados. Em seus relatos, sete desses estudantes relataram sua dificuldade em ser compreendidos em suas falas e apresentações como também na produção de textos acadêmicos. Somente um dos alunos da pesquisa relatou não ter dificuldade para ser compreendido em sua fala, pois domina perfeitamente as nuances do falar 'brasileiro', facilidade que não ocorre na escrita. Para a maioria dos estudantes, o sotaque marca o 'estranho' neles perante os outros. Enquanto não falam podem até ser confundidos com brasileiros, mas ao falarem, o status de estrangeiro passa a habitar suas relações. O mesmo acontece nos relatos da paciente que fala de sua vergonha com relação a isso. A vergonha é justamente isso que eclipsa o ideal de ego, que aponta o fracasso de corresponder-lhe apontando também o fracasso do próprio sujeito que assim se sente ao ter vergonha de si.

Existe um lugar que o estrangeiro reconhecido enquanto tal pode ocupar diante do olhar do outro, na maioria das vezes caricaturado e carregado de romantismo. Nesse lugar existe certa indulgência diante de suas dificuldades com a língua como também dos aspectos culturais. Frente àquele que não é reconhecido enquanto estrangeiro por carregar atributos que sugerem certa

familiaridade, qual o lugar possível de ser ocupado e quais seriam seus efeitos?

Pensemos na condição vivida por nossos sujeitos de pesquisa, estrangeiros oriundos de países de língua portuguesa que se encontram no Brasil. Existem declaradamente crenças de que eles não sejam muito estrangeiros pelo fato de compartilharem o mesmo idioma oficial. Mesmo sendo assim, esses estudantes relatam sofrer rejeição por parte da comunidade (acadêmica e não acadêmica) por conta de sua fala. Mesmo diante de um discurso que carrega o lema da igualdade, fundamentada no compartilhamento do idioma, esse grupo não é eximido de ser tratado como excluído.

Em “Totem e Tabu” (1912), Freud aponta para a rejeição ao outro como necessária, como possibilidade de estabelecer o vínculo amoroso entre os irmãos da horda. Não há a possibilidade de amor entre irmãos sem que haja a rejeição do estrangeiro: “Eis o limite do amor ao próximo como a si mesmo” (p.83). Um amor fundado na identificação que separa para poder unir.

O reconhecimento da diferença não significa a legitimação da exclusão, no entanto parece ser dessa forma que as ações dirigidas para esse grupo vêm sendo constituídas. Ser estrangeiro é um estado em que, de forma artificial, é recriada uma condição constitutiva da subjetividade humana. Nessa condição o estrangeiro pode experimentar exclusão por parte do grupo, mas também pode ser percebido com encantamento pelo lugar que se presume que ele esteja ocupando. Na percepção dos estudantes da pesquisa, os brasileiros gostam dos estrangeiros quando os reconhecem, ao mesmo tempo que não valorizam o que é brasileiro. O termo ‘estrangeiro’ (*étranger* em francês) provém do latim *extraneus* que representa o que é ‘exterior’, o ‘de fora’, também em uma outra acepção significa ‘o que não é da família’.

A ideia de estranho para Freud (1919) relaciona-se com o que é assustador. ‘Estranhas’ são as coisas que estão dentro do campo do que é ameaçador. O estranho em Freud, não é nada novo ou alheio, mas, sobretudo diz respeito a algo que é familiar (*das Heimliche*). Algo familiar estabelecido no inconsciente, e que somente se alienou desse através do processo de repressão, tornando-se assim seu oposto, estranho (*das Unheimliche*). O estrangeiro é, portanto, o que emerge como sintoma – o retorno do recalçado.

O que não é familiar é justamente aquele território psíquico que em cada um permanece inconsciente e cuja apropriação não é possível. O que remete ao mais íntimo e mais impossível de ser compartilhado com a comunidade.

A respeito do mecanismo que produz a exclusão do que é estranho ao grupo, Freud, em “Narcisismo das pequenas diferenças” (1918 [1917], p. 184), escreve que os indivíduos se separariam em virtude de um “tabu de isolamento pessoal” que remete a suas pequenas diferenças e não às semelhanças. Os sentimentos de estranheza e de hostilidade estariam então fundamentados nas pequenas diferenças.

A partir da psicanálise é possível pensar que a rejeição narcísica da qual os homens padecem seria fundamentada em parte no complexo de castração, que coloca limites à realização dos desejos, inclusive interditando os que poderiam ameaçar a vida em sociedade. Tal complexo afeta diretamente o narcisismo do sujeito, de maneira que, o que diz respeito a seu desejo se vê abdicado de sua realização em virtude da inclusão no grupo.

A hostilidade e fenômenos dessa ordem poderiam ser pensados como formas de preservar aquilo que na diferença afirma a singularidade do sujeito. Uma possibilidade ou viés de pensar a dicotomia ego/outro a partir da lógica do grupo configura-se a partir da noção de *narcisismo das pequenas diferenças*, na qual a preservação do individual/coletivo se faz em detrimento do outro. Entre os estudantes que participaram de nossa pesquisa, esse movimento poderia ser ilustrado a partir da fala dos que viveram a experiência da estrangeiridade, reclusos nas próprias comunidades, não abrindo mão daqueles traços ou características carregados como bandeiras. Esses atributos ou diferenças poderiam ser facilmente compreendidos pelo outro como marca de outra cultura. Muitos têm muita dificuldade em falar português brasileiro, seu sotaque permanece carregado. Além do sotaque, as roupas e trajes típicos são utilizados com frequência, sobretudo em saídas de grupo, como ao ir ao mercado, shopping ou para resolver burocracias legais.

Em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, Freud (1921) assim se refere aos estranhos que nos afetam: “Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem têm de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo” (p.129). Além de pontuar nosso narcisismo, o estrangeiro remete-nos invariavelmente à questão

de nossa própria estranheza. No relato do caso atendido, a paciente fez referência algumas vezes à possibilidade de ser considerada pelo outro como uma estranha. No entanto ela mesma apresentou-se em seus relatos como alguém que não fala muito, fechada e tímida, disse ainda que sua permanência aqui era temporária e que queria regressar o quanto antes a seu país de origem. Durante seu primeiro mês no alojamento estudantil, ela relatou que os outros próximos não teriam sequer ouvido sua voz. Os poucos momentos de convivência eram com pessoas de seu país, como se não tivesse ainda partido, assim resistindo a tudo que não lhe fosse semelhante

O “ego⁴¹” pode perceber o outro como semelhante ou como próximo. O outro que integra o grupo é percebido em certa medida na qualidade de semelhante, que é aquele que carrega atributos que são compartilhados no grupo em questão e que reconhece o lugar que cada integrante ocupa. No entanto, parece ser uma característica intrínseca à organização psíquica do indivíduo, um dispositivo ou mecanismo que, para garantir o sucesso da operação do semelhante *versus* grupo, localiza fora desse o outro designado de próximo.

Esse próximo encarna a possibilidade, segundo Freud (1921), de legitimar o mecanismo da identificação, enfatizado na condição de estrangeiridade por aquele que por ventura esteja ocupando esse lugar. Esse fenômeno se repete em todas as épocas com inegáveis consequências desde políticas de exclusão social até mesmo ações de extermínio e aniquilação desse outro próximo.

Dependendo do lugar que o estrangeiro venha a ocupar no imaginário do outro, ele poderá sofrer as consequências tanto da xenofobia como de uma diluição cultural. Sem o objetivo de abarcar com esta análise a abrangência total dos efeitos históricos do holocausto, poderíamos citá-lo como exemplo no qual aquele que é percebido como de fora do grupo “legítimo” se torna vítima de perseguição e aniquilamento. Quando se trata desses estudantes, o caso não é diferente.

No Brasil, em setembro de 2011, foi registrado um homicídio brutal de um estudante oriundo de um país de língua portuguesa. Um deles, chamado Toni Bernardo, segundo o Jornal “O Globo”, foi espancado até a morte por um

⁴¹Aqui entendido como sinônimo de Eu, sujeito da ação consciente.

empresário na cidade de Cuiabá. As versões da história são contraditórias, fato é que a polícia que estava apurando o caso não chegou a produzir provas suficientes para que o culpado fosse punido. Em função dessa impunidade, os estudantes conterrâneos desse, que estudam na mesma universidade da vítima, protestaram e pediram mais apoio da instituição de ensino e do governo brasileiro. A universidade, logo após o anúncio dessa morte, apressou-se em construir uma imagem da vítima que justificasse o ocorrido. Afirmou-se que o rapaz era usuário de drogas e que foi desvinculado do programa de intercâmbio da universidade em razão de seu mau comportamento e que por esse motivo a instituição não se responsabilizaria mais pelo estudante. A postura da Universidade foi duramente criticada pelos movimentos sociais e surtiu efeito no pronunciamento da reitora da UFMT, Maria Lúcia Cavalli Neder, que anunciou o cancelamento do convênio que permitia que jovens africanos estudassem no Brasil.

Nos últimos anos, de acordo com as estatísticas do Mapa da Violência 2011, houve um aumento na vitimização da população negra. Em 2002 morriam 46% mais jovens negros que brancos, em 2008 o índice foi para 127%⁴². A coesão incriminatória da vítima foi proporcional ao enaltecimento e proteção dos agressores nesse episódio, reforçando as contribuições psicanalíticas a respeito dessa dinâmica em que se revela a intolerância frente a diferença, ao estranho, uma atuação do narcisismo das pequenas diferenças.

Nessa condição, o “ego” tem outro/*alter* que possibilita a encarnação do desconhecido. O *alter* do “ego” pode ser pensado como a encarnação da dimensão do inconsciente. Assim, o sentimento de estranheza frente à diferença que eclode a todo o momento em conflitos diversos que mobilizam nossos olhares, tem seu entendimento a partir do olhar psicanalítico na contribuição freudiana que desde sempre manifestou suas inquietações em relação a esse mecanismo.

Nos textos "Psicologia das massas e análise do ego" (1921), "Mal-estar na cultura" (1930) e "Moisés e o monoteísmo" (1939), Freud denuncia o abuso da manipulação do fenômeno da intolerância com o outro pelo poder.

⁴²<http://www.mapadaviolencia.org.br/>

Acompanhamos assim o questionamento de Lagarde (2009)⁴³ que formula a importância de se saber *a que* esse estrangeiro é exterior e *fora de quem* ele se situa. Logo, podemos questionar o fato de que não podemos possuir, como algo dado, o conhecimento desse lugar ocupado. A noção do que é estrangeiro parece ser possível de ser pensada somente na perspectiva do que não o é. Podemos dizer que ser estrangeiro passa imprescindivelmente pela noção do que 'não é' estrangeiro. Ou seja, a lógica, segundo Lagarde, procede por eliminação; sendo estrangeiro tudo o que não é 'nós' e o 'nós' seria delimitado ao círculo da família, do familiar. Paradoxalmente, essa estranheza se releva em uma dinâmica que exige a proximidade entre o ego e o outro.

A condição de estrangeiro delimita assim a problemática em relação ao 'outro', problemática essa que aponta para um confronto entre interior/exterior, em relação ao outro e diz de um lugar na civilização no qual o indivíduo é produzido. Tal produção age de dentro pra fora e de fora pra dentro, em uma reciprocidade de interferências constituintes da relação ego-outro. No entanto, para que haja uma efetividade dessa relação, a civilização cria um sistema de representações compartilhadas pela comunidade que se identifica com as representações propostas. Necessariamente os indivíduos que partilham desse sentimento de pertença, devem se implicar nas representações através de um dispositivo de auto representação. Isso quer dizer que os indivíduos que compartilham desse sentimento percebem seu lugar e a função que esse tem em relação a seus semelhantes/integrantes do grupo.

Na medida em que o reconhecimento do lugar ocupado na condição da estrangeiridade se dá, existe a possibilidade de resgatar um saber a respeito da condição humana: a de que se reedita a todo o instante a solidão do ser. Esse reconhecimento é possível uma vez que haja a elaboração da estrangeiridade. A experiência que a estrangeiridade provoca demanda um luto no sentido de o sujeito poder elaborar o que dela foi traumático para que possa tornar-se enriquecedor. Segundo Métraux (2011, p.53), o luto é a possibilidade de uma saída criativa perante um evento potencialmente desestruturador. A

⁴³ (Na abertura do seminário 'o que é o estrangeiro?' de 2009 em Estrasburgo) Ele fundou, nos anos 80, em conjunto com outros europeus psicanalistas que trabalhavam com grupos a associação europeia de análise transcultural de grupo com o objetivo de uma aproximação psicanalítica dos princípios organizadores da identidade cultural para compreendê-los e tratá-los.

identidade que designa uma continuidade faz apelo a uma manutenção de si e substitui a conservação de uma substância. O luto identitário é uma possibilidade de superar a perda e de constituir uma nova possibilidade de estar e de compartilhar com o outro. As migrações também levam os sentidos herdados a se reformularem ainda de outros modos (MÉTRAUX, 2011 p.226). O luto identitário abre a possibilidade de reformulação dos sentidos que haviam sido atribuídos à própria cultura diante da dissolução da identidade outrora compartilhada. Dois dos estudantes que participaram da pesquisa relataram não ter tido grandes dificuldades de adaptação mesmo conservando dificuldades em relação ao idioma. Nestes dois casos os estudantes haviam vivido em outras ocasiões uma experiência de migração em que puderam experimentar um confronto cultural que não os desestabilizou. Por dedução, podemos apontar as experiências anteriores de migração como facilitadoras da elaboração do confronto e choque cultural. Uma elaboração refletida no 'ficar' como concretizador de diferenças culturais, pois os dois alunos conseguiram assimilar o costume sem se sentirem por isso, agredidos ou despersonalizados.

Todo sujeito pode compartilhar muito pouco com seu semelhante e seu próximo, sendo ele radicalmente só, pois sua dimensão subjetiva permanece impenetrável. No entanto, isso que diz de um sujeito inescrutável se repete enquanto elemento constitutivo da subjetividade humana aproximando o ego ao outro.

Ser sozinho sem estar sozinho, todos sob a insígnia da falta que marca de maneira original a todos, ampara a importância de resgatar os discursos sobre a estrangeiridade como possibilidade de criação de um vínculo social honesto, descolado das crenças sociais idealizadas. Falar da estrangeiridade e do estrangeiro parece, neste momento, um movimento crucial para o resgate de uma devida consideração que cada um precisa ter para consigo mesmo. Existe nele a possibilidade de reconhecimento de uma dimensão que pode aproximar muito mais do que distanciar.

Piret (2007), no seminário "Defender o estrangeiro?", refere-se a uma experiência que aponta para uma tentativa do sujeito de defender seu próprio desejo inconsciente: nossa experiência nos ensina que defender o estrangeiro concreto – esse homem imigrado ou refugiado – é também defender a

dimensão do desejo e do inconsciente – ou ainda, defender a ideia de que nós estamos todos "sujeitos" à uma instância estranha, externa e interna ao mesmo tempo, e que essa é a condição de nossa vida em sociedade.

É indispensável manter em mente equivalências e compreender a verdadeira importância do desafio desse combate que nos coloca face a manifestações de vulnerabilidade psíquica. Uma vulnerabilidade que se refere a estados que, ao serem analisados, aparecem como manifestações do pensar, do agir e do sentir. Para que tais estados de vulnerabilidade que produzem uma angústia referente ao desamparo fundamental do indivíduo sejam perceptíveis e passíveis de serem trabalhados é necessário levar em conta também as condições políticas e sociais específicas com as quais estão atreladas.

A possibilidade de instaurar um laço social para aquele que chega a um país estrangeiro encontra-se prejudicada na medida em que ele não é reconhecido e nem pode ocupar um lugar perante o outro. O laço é o que permite ao estrangeiro ser parte da comunidade, personagem em uma história. Esse que fica à margem dessa comunidade, desenraizado, experimenta um sentimento de estranheza referente a tal condição. A possibilidade de construir um sentido para si mesmo, passa pelo outro, não se faz isoladamente, sua amarração depende de construção coletiva e de sua inscrição nos ideais do grupo. Nos países de língua oficial portuguesa a programação televisiva brasileira tem um lugar de destaque nos meios de comunicação. As novelas são reprisadas em tempo quase real existindo um comércio paralelo de gravação e venda ou retransmissão via rádio dos programas mais populares no país. Diferentes culturas assistem às imagens veiculadas de um Brasil idealizado. Um Brasil que esses estrangeiros não conseguem representar e nem encontrar na migração.

Aquele que parte perde, em parte, suas referências. Essa perda pode provocar um estado de sofrimento psíquico. E esse sofrimento conduz a estados de desconhecimentos e despersonalização, fenômenos típicos do luto. O estado psíquico no luto impede elaborações capazes de produzir uma recuperação como também de articulação com outros contextos. A repetição é destino do luto que não for elaborado podendo se configurar em uma patologia.

O luto acontece em três fases: entorpecimento, desejo de restabelecer o que foi perdido, desorganização e reorganização. Em cada fase existe a predominância de diferentes afetos como raiva, negação e breves momentos de lucidez (Métraux, 2011, p.63). No caso dos sujeitos de nossa pesquisa, percebemos que a não existência de mecanismos que sejam capazes de rastrear tais condições acarretam no acirramento dessas. A paciente atendida, por exemplo, viveu no distanciamento do convívio o sofrimento da experiência da estrangeiridade. No entanto entre eles parecem existir formas mútuas de amparo diante do desamparo da condição de estrangeiridade e como forma de substituir o papel da cultura familiar. Nesse contexto, organizam-se festas e encontros entre as pessoas da mesma comunidade, nos quais comidas típicas são preparadas pelos estudantes e as músicas desses países são tocadas.

No entanto, para qualquer ação a respeito da condição de vulnerabilidade psíquica é de suma importância que possa ser pensada a razão que move aquele que julga sua intervenção necessária. Assim fazendo: “Evitar-se-á talvez aprovar inconscientemente sua estigmatização ao achar que se defende o ‘estrangeiro’”⁴⁴. Para Piret (2007) é com facilidade que aquele que acredita estar ajudando acaba reforçando a dimensão da exclusão, pois se trata nesse contexto do estrangeiro, aquele que produz certo incômodo. Pois, como já foi dito, esse evoca um estado para o qual não existem palavras para descrever, um estado que convoca o sujeito em sua insuficiência.

O estrangeiro no cerne do sujeito diz de uma dimensão impossível de ser simbolizada. É essa dimensão irrepresentável que, segundo Stitou (2007), evoca um “não saber de si” que consiste em uma impossibilidade radical de saber, ter, e dizer de seu próprio ser. Essa instância estranha, a que Pierre Fédida (1983) se refere também como ‘estrangeiro’, configura-se plenamente na frase “o ego não é senhor em sua própria casa” de Freud (1917). Ou seja, o inconsciente que nos constitui a todo momento, revela-se por intermédio daquilo que nos escapa: atos falhos, sonhos, chistes, sintomas, configurando em nós uma instância estranha à consciência, aquilo que julgamos saber sobre nós. Assim sendo, tanto o estrangeiro como o inconsciente se configuram

⁴⁴ Defender o estrangeiro? sexta-feira 17 de Agosto de 2007, por Dr Bertrand PIRET <http://www.psf-port.com/spip.php?article14>

sintomaticamente aqui como uma ferida narcísica do próprio “ego”, diante da ilusão de ser ele o senhor de sua própria casa.

Para Helena Hyrie (2006, p.2) “é também no registro das diferenças que nos propomos a pensar a questão do imigrante – o estrangeiro por excelência.” A situação de exclusão que se configura só é possível diante de uma vulnerabilidade psíquica e social. A pessoa vulnerável, de acordo com o dicionário *Houaiss* trata-se da pessoa que “pode ser fisicamente ferida” ou que está sujeita “a ser atacada, derrotada, prejudicada ou ofendida”. Essas definições revelam como o ser vulnerável diz respeito tanto à condição física da pessoa (ser fisicamente ferido, violentado, morto etc.), quanto à sua dimensão psicossocial (ser derrotado, ofendido, humilhado, reificado etc.). É, portanto, um conceito abrangente que engloba o ser humano em todas as suas dimensões. Neste trabalho desenvolvemos o conceito de vulnerabilidade psíquica para o sujeito que, na condição de estrangeiro, não consegue realizar novas identificações no país de migração permanecendo melancolicamente ligado às identificações narcísicas de seu país de origem.

O estrangeiro é a base do laço social que através da identificação grupal permite a todo o sujeito se dar conta daquilo que lhe escapa, reivindicando a todo o instante uma segurança identitária, laço que é veiculado pela linguagem. Quando um imigrante chega a um país em que não representa nada para ninguém, fica sem possibilidades de fazer laços sociais, portanto, sem seu lugar naquele mundo. A fala de uma estudante ilustra bem essa situação: “Pra mim foi um choque! Quando voltei para meu país parecia criança, não queria mais voltar para o Brasil”. O laço configura-se como lugar de hospitalidade permitindo ao estrangeiro a experiência de sentir-se parte de uma comunidade e inserido na história. Fraturas nessas necessidades provocam o sentimento de estranheza por estar à parte da comunidade, como nas psicoses, ou por estar desenraizado, como nas imigrações.

Nesse contexto, a psicanálise propõe escutar o sofrimento oriundo dessa experiência da estrangeiridade não para eliminá-lo, mas para que o sujeito possa criar uma nova posição diante do sentido que ele atribuiu à sua condição. Uma escuta que lhe permita construir um sistema simbólico que o (re)inscreva no ambiente estrangeiro e em sua própria história. Uma escuta

que possa acolher e nomear o que aparentemente não tem sentido nesse sofrimento, fruto dos sintomas da condição de vulnerabilidade.

10. DISCUSSÃO

O objetivo da pesquisa, desde o início, não foi o de generalizar as conclusões e sim compreender psicanaliticamente o fenômeno da estrangeiridade para assim enriquecer nossa compreensão do fenômeno do intercâmbio de estudantes de origem em países de língua oficial portuguesa.

Com base nos depoimentos dos participantes da pesquisa, não é possível afirmar uma universalidade dessa experiência. Não é possível fazer do material registrado uma receita, um *modus operandi* de como proceder diante da vulnerabilidade que pode aparecer na experiência da estrangeiridade. Foi possível traçar um percurso de contribuições que a psicanálise traz para a compreensão deste fenômeno, resgatando a importância da experiência individual.

Ao longo do trabalho não pudemos estabelecer com toda certeza se dentro do grupo de pesquisa havia ou não estudantes em condição de vulnerabilidade. Podemos apenas afirmar que, em se tratando do migrante, antes de tudo está se tratando de um sujeito que conserva toda sua particularidade que garante a originalidade diante de uma formação que se dá pela transmissão do outro; sempre em relação ao que lhe é transmitido, o sujeito acrescenta à sua escuta, sua compreensão e sua história.

O que torna essa experiência tão original é justamente aquilo que o sujeito acrescenta de si ao que lhe foi transmitido. Transmissão essa em que nem tudo é passível de ser compartilhado com o outro. Na experiência da migração, o que vem do outro, o que não é familiar, marca o sujeito e transforma o ser com um saber acerca de algo que convoca o sujeito a ser outro na medida em que guarda um pouco do que testemunhou. Antes de escolher partir, o migrante fez parte de um grupo familiar, social, acadêmico, religioso, etc. Nesse pode ter recebido o reconhecimento necessário para que se fortalecessem as suas escolhas identitárias. No entanto, nem sempre isso acontece, podendo o sujeito, ao migrar, levar consigo as marcas de uma falta primária de reconhecimento desde sua origem.

Na migração há uma encenação do encontro com a diferença no qual o organismo é exposto a um meio não reconhecido, o que evoca angústia vinculada ao desamparo original. Ao nascer, o bebê é dependente, entregue

aos cuidados de pais ou de quem faz a função deles. Essa dependência registra desde cedo a marca do desamparo cuja lembrança deve acompanhar o sujeito ao longo de sua vida, fazendo-se mais ou menos presente dependendo das condições mais ou menos ameaçadoras que vivenciará.

Quem cuida é também quem transmite no corpo e pela palavra os valores, ideais e proibições que sua própria cultura veicula. Essa transmissão é garantida na medida em que é internalizada e fiscalizada pelo superego. Essa instância controla e pune o sujeito na medida em que ele não corresponde aos ideais introjetados em forma de ideal de ego. A pulsão que o sujeito guarda desde seu nascimento pode ser veiculada através de uma pulsão de vida ou de morte, o importante é que um objeto possa ser eleito para tal descarga imperativa.

Compreendemos que diante desse mecanismo o estrangeiro elege um objeto que possibilite uma descarga. Aquilo que pode ocupar o lugar de objeto diante da vulnerabilidade que a estrangeiridade expõe parece remeter àquilo que se refere à pátria mãe, em um tempo da constituição do sujeito.

Registramos no discurso dos estudantes, relatos em que queixas aparecem em relação à experiência e assumem um caráter categórico como se o fato de experimentar dificuldades estivesse vinculado à experiência da estrangeiridade. Queixas que não são indicativos exclusivos de que o sujeito se encontra fragilizado, mas sinalizam sim um conflito.

Levantamos algumas questões que tentamos responder através deste percurso de pesquisa. São elas: Quais eram as expectativas a respeito da realidade que te acolheria? O que norteou a escolha do Brasil como país para o intercâmbio? Qual a experiência que marcou sua chegada? Como esta experiência modificou você?

Essas questões foram suficientes para orientar-nos a respeito das possibilidades do lugar que o estrangeiro pode ocupar no contexto da migração. Percebemos o sujeito, e também que sua identidade está em contínua transformação. Aquele que migra não reconhece de imediato o lugar que pode ocupar diante do olhar do outro. O olhar que lhe é devolvido contribui para que sua identidade seja afetada, ou seja, o olhar que reconhece ou não o outro deixa marcas naquilo que o constituiu enquanto sujeito. A constituição da

identidade é um mecanismo dinâmico que, por intermédio da identificação, possibilita ao sujeito assumir para si uma forma de ser e de estar.

Para todo o sujeito existe uma cena em que estará inserido; nela está a inscrição de uma história que o precede: a cena na qual ele incide suas marcas. Quando um sujeito migra, essa cena muda, o novo cenário provoca uma estranheza diante do que é percebido e essa está ligada aos elementos que compõem tal cena sobre a qual não se tem condições de produzir marcas. Tem-se um vazio, pois os elementos que a compõem não são percebidos como significativos, tornando-nos estrangeiros. Somos estrangeiros diante de uma cena em que nossa experiência programada não se dá e naquilo que nosso olhar não reconhece uma familiaridade.

Na condição de estrangeiridade, o migrante que tiver recursos, por exemplo, outras experiências precursoras de migração, consegue elaborar e introjetar elementos de uma nova cena sem que isso lhe cause sofrimento. Entretanto, aqueles que experimentam seu primeiro choque cultural parecem ter mais dificuldades.

Introduzimos o conceito de vulnerabilidade apontando para uma condição em que está sinalizada a presença de conflitos que podem ser sinônimos de um sofrimento oriundo do estranhamento cultural. Como vimos, todo o confronto cultural passa por um período de choque que pode ser resolvido mais ou menos rapidamente dependendo do sujeito.

Mesmo com suas dificuldades, em uma nova situação de confronto, o sujeito – nunca imune às relações com o ambiente – pode estar refletindo esse efeito nele. O ambiente corrobora para o agravamento do sofrimento. Em uma experiência de mútua responsabilidade, tanto o sujeito como o meio podem interferir no desfecho do encontro com o estranho. Mas não existe uma etiologia que garanta que é a vulnerabilidade do sujeito que permite ao meio agredi-lo e produzir um sofrimento. Da mesma maneira, não se pode afirmar que é a partir de um meio hostil que o sujeito desenvolve sua vulnerabilidade à experiência.

Em todo o confronto cultural é necessário levar em conta as partes envolvidas para que se possa atribuir responsabilidades. No entanto, atribuir responsabilidades não colabora na resolução do conflito produzido a partir do confronto cultural. Aquilo que do meio atinge o sujeito só pode ser revelado por

ele mesmo, da mesma maneira que só ele pode falar sobre sua interpretação desse. Não podemos determinar qual o resultado do encontro intercultural, pois esse só pode ser percebido na medida em que o encontro se dá. A habilidade do sujeito em superar o estranhamento e elaborar a experiência está diretamente vinculada aos encontros, desencontros e efeitos desses estranhamentos na história pessoal do sujeito.

Os estados de vulnerabilidade que a estrangeiridade pode fazer emergir no sujeito podem ser compreendidos segundo o paradigma da melancolia. Ou seja, segundo o modelo de identificação parcial em que o excesso de investimento narcísico faz do sujeito seu único objeto, impedindo-o de realizar novos laços, novas relações ou mesmo se interessar por tudo que lhe pareça novo ou estranho.

Em se tratando de melancolia, faz-se referência a um estado em que o sujeito tem dificuldade de fazer um novo investimento identificatório; estado em que o distanciamento do objeto primário é vivido como perda irreparável, mesmo que se trate de apenas parte desse objeto ou de um traço dele que esteja introjetado no universo psíquico do sujeito.

A impossibilidade de admitir um novo objeto aponta para um sujeito que não estaria efetivando novas identificações e, por isso também não pode produzir transformações em sua identidade. Uma identidade pouco flexível com relação ao meio, e esse sendo pouco acolhedor para o encontro de um organismo já vulnerável pode, depende do resultado dessa interação, acarretar na incapacidade do sujeito de constituir novos objetos de investimento libidinal.

Quando o estudante sai de seu país ele carrega um objetivo em sua escolha de migrar, e cada estudante carrega em sua escolha uma responsabilidade. Muitos daqueles que conseguem uma vaga para estudar fora do país constituem uma elite ou dela pretendem fazer parte ao regressar de sua missão de aprendizado fora do país. Uma experiência que é desejada pela maioria dos estudantes, e cuja possibilidade é construída ao longo de todo o percurso acadêmico, *a priori* temporário, e que tem como objetivo ajudar o sujeito a ocupar um cargo de destaque em seu país ao seu regresso. Aqueles que ficam: a família, mas também o estado, aguardam o retorno dos estudantes para que seu exercício profissional contribua no desenvolvimento

do país. A eles é prometido um reconhecimento por abraçar o “sacrifício” de partir.

Atrás de um ideal bem sedimentado no imaginário coletivo e familiar, aquele que parte dificilmente encontra o que foi em busca. Longe de sua casa, aquele que partiu engajado em um projeto pessoal, não encontra o respaldo necessário para sustentar seu ego ideal.

Em sua chegada, o confronto com a realidade nega toda a possibilidade de realização de seu ego ideal. O país das novelas não é encontrado e nada do que se apresenta aos olhos traz o conforto que restituiria a familiaridade ao sujeito. Sozinho e desamparado, no ideal e na língua, resta-lhe a lembrança do que um dia foi capaz de acalmar sua angústia; algo que remete a um investimento narcísico e que traz um traço melancólico.

Não podendo afirmar com certeza se, a partir desse cenário que se revela a todos, o sujeito se identificará com aspectos doentios da nova cultura ou se terá dificuldades em fazer novas identificações, ou seja, se ele irá ou não permanecer num estado melancólico diante do que se apresenta como perda, resta-nos a escuta singular que reivindica o lema: cada caso é um caso.

O encontro intercultural pode ter desfechos que localizam um sofrimento do sujeito a partir do resgate do lugar ocupado por ele na experiência da migração. Esse lugar pode apontar o funcionamento de um mecanismo melancólico como também de luto diante da experiência. A melancolia diz de uma impossibilidade de constituição de laço social, e o luto remete àqueles que da experiência reinventaram uma possibilidade de identificação e de laço elaborando o que fora perdido.

A elaboração pela via do luto indica a possibilidade de constituição de novas identificações, portanto da produção de outra identidade. Uma identidade marcada tanto pelas identificações à pátria mãe como aos elementos da nova cultura.

Na medida em que se pode carregar um atributo do grupo de acolhimento, as distâncias encurtam-se e abre-se a possibilidade de um reconhecimento. Os estudantes que participaram da pesquisa disseram ser importante serem reconhecidos enquanto estrangeiros. A esse reconhecimento está atrelada a possibilidade de reconhecer suas diferenças, como também de ter um tratamento diferenciado.

Seu acolhimento ou sua recusa passam pelo reconhecimento do outro. Fisicamente os estudantes podem ser confundidos com brasileiros pelo fato de carregarem atributos similares. Como os brasileiros, seus países foram colonizados pelos portugueses e seu idioma oficial é português. São africanos, fruto de uma miscigenação que guarda fenotipicamente certa proximidade e familiaridade com o brasileiro. Os estudantes parecem esperar que o reconhecimento da estrangeiridade por eles carregada lhes traga a possibilidade de serem acolhidos, pois estar na categoria de próximo ou de outro influencia no lugar que podem ocupar e em seus efeitos.

Mesmo carregando atributos que podem aproximar o estudante estrangeiro ao brasileiro, seu acolhimento não parece acontecer da forma como esperavam. Agindo de maneira isolada, na condição de estrangeiridade, o sujeito é influenciado por um grupo mesmo não pertencendo a ele. Perguntar-se a respeito dos efeitos e das vicissitudes dessa influência é inevitável nesse momento. Tal influência pode justificar o fortalecimento de laços em novos grupos.

Assim os estudantes constroem suas verdades a respeito da experiência à margem do grupo cultural dominante. Esses laços entre os estudantes estrangeiros são fortalecidos em grupos que não são arbitrários, mas sim circunstanciais: grupos de estudantes do mesmo país ou região, africanos, estrangeiros, intercambistas; grupos em que o exercício de suas diferenças seja reconhecido.

Para além do reconhecimento das origens, para esse grupo, a questão da língua aponta para um agravante que pode interferir na vivência da experiência da estrangeiridade como na possibilidade de elaborar o encontro cultural. A língua mãe da mesma maneira que permite ao sujeito se expressar de maneira mais completa e próxima de seu universo particular, o que na clínica possibilita o aparecimento de conteúdos inconscientes, também oferece os recursos necessários para que o sujeito possa se esconder atrás das palavras.

Numa língua que não é familiar, como pode ser uma língua estrangeira mesmo ela sendo a língua oficial de um país, o sujeito tem poucos recursos para que essa lhe sirva de escudo. Afinal, quando um estrangeiro precisa

comunicar algo numa língua que não domina, acaba fazendo sem muitos rodeios.

Essa exposição que a língua pouco familiar opera parece também deixar esses estudantes mais vulneráveis em algumas situações. Apresentações acadêmicas ou até mesmo nesta pesquisa em que pedimos para que, em português, nos fossem comunicadas suas dificuldades, abrem o questionamento sobre a real possibilidade de obter falas dessa ordem nessa outra língua. Também, relativo ao atendimento individual, concluímos que o papel da língua foi determinante como no exemplo da não compreensão por aquela que se supunha capaz de escutar, o que reforçou o estado de solidão e isolamento da paciente. Esse atendimento, que aconteceu em poucas sessões e que rapidamente foram encerradas pela paciente que argumentou excesso de trabalho e estudo em uma ligação telefônica, revela-nos, de alguma forma, que naquele momento ela não estava instrumentalizada para elaborar a experiência que estava vivendo, a de um confronto cultural.

O efeito da experiência de estrangeiridade aponta em todos os casos para o motivo e o valor que a escolha da migração assume para o sujeito. Nessa escolha está implicada uma expectativa que pode ser correspondida ou não na migração.

A compreensão psicanalítica da estrangeiridade construída a partir das contribuições teórica e a investigação empírica nos conduz para uma caracterização psicopatológica da migração em que os fenômenos que emergem dessa condição passam a ter um lugar.

Aquilo que na migração se constitui como traumático a partir de privações afetivas, separações ou reclusões, pode aparecer quando as condições para tanto forem dadas. A psicanálise oferece uma escuta que ganha todo seu valor diante da possibilidade do sujeito se haver com suas escolhas, que podem ser reformuladas, reafirmadas ou recusadas quando o sujeito pode se localizar diante delas.

A possibilidade da verbalização de um sofrimento ou de um estado de vulnerabilidade do sujeito poderá aparecer somente diante de um desejo, de um espaço e de uma língua que os permitam. É na escuta de cada caso que alguma diferença pode ser produzida para o sujeito em sua experiência de intercâmbio e migração.

Resta, ao cabo deste trabalho, a perspectiva de uma escuta que ponha em evidência para o sujeito a possibilidade de se reconhecer em sua escolha para que recupere sua autonomia em relação ao outro. Reconhecer seu papel na escolha da migração a descaracteriza enquanto obrigação e restitui ao sujeito um lugar diante dela e dos outros.

Sem relativizar a importância da instituição diante desse grupo em particular, cujo objetivo é o de ingressar na academia para que dela adquiram conhecimentos necessários para uma intervenção local em sua própria cultura, acreditamos que a possibilidade de oferecer um lugar de escuta é a única indicação concreta a qual se chega ao final deste trabalho. Não que este seja o fim das interrogações que correspondem à experiência da migração, mas sim o início de uma reflexão que busca fazer com que o próprio sujeito se constitua como possibilidade de elaboração em uma situação de choque cultural.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, M. et al. *Juventudes e sexualidade*. Brasília, Edição UNESCO, p. 55, 2004.
- ABRAHAM, N.; TOROK . M. *A casca e o núcleo* , São Paulo, Edição Escuta, 1995.
- CREMASCO, Maria Virginia Filomena. *Psicopatologia da disfunção erétil: a clínica psicanalítica do impotente*, São Paulo, Edição Escuta, 2004.
- Derrida, Jacques. (1996) *Anne Duformantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Ed. Escuta, 2003;
- ENRIQUEZ, Eugène. *O judeu como figura paradigmática do estrangeiro*. In: KOLTAL, Caterina (org) *O estrangeiro*. São Paulo, Edição Escuta, 1998.
- D'ARCY, P. Introdução. In: R. DESCARTES, *As paixões da alma*. São Paulo, Martins Fontes, p. XIX-CIV, 1998.
- DINIZ, Gabriela Loires. *Contribuições do intercâmbio cultural no ensino médio para a escolha profissional*, p.14, 2011.
- FÉDIDA, Pierre. *Le site de l'étranger*, Paris, Edition L'écrit du temps, 1983.
- FREUD, Sigmund. (1910) *Cinco lições sobre a psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 11).
- _____, (1913 [1912-13]) *Totem e tabu*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 13)
- _____, (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 14)
- _____, (1915a) *Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém descoberto)*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.)
- _____, (1917 [1915]) *Luto e Melancolia*. Rio de Janeiro, Imago, 1987, p.249. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.14).
- _____, (1918 [1917]) *O tabú da virgindade*. Rio de Janeiro, Imago, 1987, p.184 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 11).
- _____, (1919) *O Estranho*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 17)
- _____, (1921) *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 18).
- _____, (1920) *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 18).
- _____, (1923) *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 19).

_____, (1927) O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21).

_____, (1930 [1929]) O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21).

_____, (1933[1932-36]) Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 1987, p.80. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 22).

_____, (1939[1934-38]) Moisés e o monoteísmo. Rio de Janeiro, Imago, 1987, p.18. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 23).

GRINBERG, Léon. GRIBERG Rebeca. Psicoanálisis de la migración y del exilio. Madrid, Alianza. Edition, 1984.

GWENOLÉ, Loas. L'anhédonie : l'insensibilité au plaisir. Paris, Édition Doin Groupe Liaisons SA., 2002.

HONNETH, Axel. La société du mépris. Vers une nouvelle théorie critique. Paris, Édition La découverte, 2008.

KAES, René. (2005) Différence culturelle et souffrances de l'identité. Paris, Édition Dunod, 1998.

_____, Tyrannie de l'idée, de l'idéal et de l'idole. La position idéologique, in Ciccone A et al., Psychanalyse du lien tyrannique, Paris, Dunod, 2003.

KOLTAI, Caterina. O Estrangeiro. São Paulo, Editora Escuta, 1998.

KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Rio de Janeiro, Edição Rocco, 1994.

LACAN, Jaques. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. Em J. Lacan, Escritos (pp. 96-103). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998b.

_____, (1957) O Seminário. Livro 7. A ética da psicanálise. Em J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p.40.

_____, (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 496-533.

_____, (1960) Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. Em J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 843-864.

_____, (1962) O Seminário. Livro 10. A Angústia. Em J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

_____, (1973) O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

_____, (1978). O Seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

_____, (1958) Significação do falo, A. Em J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

LAGARDE, Christine. Seminário o que é o estrangeiro? de 2009 em Estrasburgo.

HYRIE, Helena. Estrangeiridade, invisibilidade política e vulnerabilidade psíquica: imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo, 2006. <http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/4.20.3.1.htm>

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? Editora Ágora, 6(1), (2003 janeiro/junho), p.115-138.

- MELMANN, Charles. (1921) – Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo, Editora Escuta, 1992.
- MÉTRAUX, Jean Claude, Lutos Coletivos e criação social, Curitiba, Editora UFPR, 2011.
- MORAES, Reginaldo. Neoliberalismo. De onde vem, para onde vai? São Paulo, Editora Senac, 2001.
- NATAHI, Okba. Dinâmica do aberto e problemática do estrangeiro. Rio de Janeiro, Editora Ágora, vol.10, 2007.
- PICHON-RIVIÈRE, E. Teoria do vínculo. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1988.
- _____, O processo grupal. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1998.
- PIRET Bertrand, Defender o estrangeiro? IN O seminário de psiquiatria, psicoterapia e cultura(s). <http://www.psf-port.com/spip.php?article14>, 2007.
- PRIBERAM O Dicionário da Língua Portuguesa Editora: Priberam; 2011. <http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=resili%C3%Aancia>
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- SANTANA, Nara Maria Carlos. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. Dimensões, vol. 25, ISSN: 1517-2120, 2010, p. 235-248.
- SANT'ANNA, Ana. Homicídios entre adolescentes no sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. Rio de Janeiro, *Caderno de Saúde Pública*, v. 21, n. 1, p. 22, jan.-fev. 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. (Org. Charles Bally e Albert Sechehaye). São Paulo, Editora Cultrix, 1970.
- SEBBEN, A. Um estudo exploratório sobre Intercâmbio Cultural entre adolescentes brasileiros com a contribuição da Psicologia e da Educação Intercultural. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- ROUSSILLON, R. Manuel de psychologie et psychopathologie clinique générale. Issy-les-Moulineaux, France, Masson, 2007, p. 118.
- STITOU Rajaa. L'étranger et le différent dans l'actualité du lien social. Nantes, Editora Pleins Feux, 2007.
- UNESCO, http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=14
- ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *La Culpabilidad en el Siglo XXI*. In: Direito Penal. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, v.3, 2010, p. 351.

12. ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de um estudo intitulado: “Como é ser estrangeiro falando português no Brasil? A experiência de estudantes PEC-G de língua portuguesa”. Para poder participar, é necessário que você leia este documento com atenção. Por favor, peça para a responsável pelo estudo para explicar qualquer palavra ou procedimento que você não entenda claramente. O objetivo principal desse estudo é compreender sua experiência no programa PEC-G. O principal benefício advindo deste estudo é a identificação de fatores que possam subsidiar intervenções para a superação de eventuais impasses. Não haverá benefício direto a você por responder a esta pesquisa, mas você colaborará para o avanço da ciência. Para participar deste estudo, serão convidados voluntários. Você pode se enquadrar em um ou todos os seguintes grupos: entrevista anônima, participação em grupo, atendimento individual. Aceitando participar do estudo, seus dados serão coletados através do preenchimento de um questionário individual e de uma entrevista, com duração aproximada de 40 minutos. A participação nesta pesquisa não apresenta nenhum risco ou prejuízo a você. No decorrer da entrevista, se você sentir qualquer desconforto para responder as questões, você pode interromper a entrevista quando desejar, comunicando sua vontade à pesquisadora. Sua decisão em participar deste estudo é voluntária. Uma vez que decida participar, você pode retirar seu consentimento e participação a qualquer momento, sem prejuízo algum. Não haverá nenhum custo a você, relacionado aos procedimentos previstos no estudo. Você não será pago por sua participação neste estudo. Todos os dados coletados sobre você serão mantidos de forma confidencial. As informações prestadas por você serão usadas em publicações científicas sobre o assunto pesquisado, sem que sua identidade seja revelada. O seu nome, portanto, nunca será citado. Esta pesquisa obedece às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Esse estudo está sendo realizado no curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná sob a coordenação e orientação da Prof^a Dr^a Maria Virgínia Filomena Cremasco, telefone (41) 3310-2727 e da pesquisadora Suzana Duarte Santos Mallard, telefone (41) 96036893, e em caso de dúvidas poderão ser contatadas de segunda a sexta-feira no horário comercial.

Eu, _____, estou ciente da natureza e objetivos do estudo do qual fui convidado a participar. Entendo que sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Declaro que fui informado que os dados por mim fornecidos serão tratados de forma confidencial.

Declaro que () AUTORIZO () NÃO AUTORIZO a gravação da entrevista.

Também fui informado da disponibilidade da pesquisadora para solucionar dúvidas que eu tenha a qualquer momento, sobre minha participação neste trabalho. Sei que posso entrar em contato com a pesquisadora Suzana Duarte Santos Mallard a qualquer momento, no telefone 3322-2848. Eu concordo voluntariamente em participar desse estudo. Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Data ____/____/____

Assinatura do Participante

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Formação/Escolaridade

Idade

Sexo

País de origem

Estado Civil

Estudantes – em grupo

- 4) Quais eram as expectativas a respeito da realidade que te acolheria?
- 5) O que norteou a escolha do Brasil como país para o intercâmbio?
- 6) Qual a experiência que marcou sua chegada?
- 7) Quais são suas perspectivas com a conclusão do curso?